





A VOZ DOS MENINOS

Projeto
Educação com Arte:
Oficinas Culturais

A Voz dos Meninos: Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais /
Organização Ana Maria Cavalcanti Lefevre; Célia Pecci; Daniela Schoeps;
Fernando Lefevre; Rodrigo Bueno; Ilustração Rodrigo Bueno -- São Paulo:
Cenpec, 2014.

ISBN: 978-85-8115-040-6

1. Adolescentes – Educação 2. Medida socioeducativa 3. Pesquisa so-
cial 4. Arte na educação I. Pecci, Célia. II. Schoeps, Daniela. III. Bueno,
Rodrigo. IV Lefevre, Ana Maria Cavalcanti V Lefevre, Fernando

CDD-361.25

Índices para catálogo sistemático:

1. Adolescentes - Educação : Medida socioeducativa : Arte na educação:
Pesquisa social 361.25

Bibliotecária: Maria Célia Tonon Parra CRB/8 N° 9060

Aos meninos

*“O mundo é formado não apenas pelo que já existe, mas pelo que pode
efetivamente existir.”*

Milton Santos
Geógrafo brasileiro

SUMÁRIO

Os parceiros: Cenpec e a Fundação CASA.....	05
Os inquilinos da Casa e suas narrativas.....	16
Os caminhos para a escuta dos meninos.....	21
O perfil dos Meninos.....	44
A Voz dos Meninos.....	51
Outras palavras.....	92
Créditos.....	150

Os parceiros: Cenpec e a Fundação CASA

Articulação entre Educação e Cultura como estratégia de superação das desigualdades

Maria Alice Setubal

Presidente do Conselho de Administração

Fundado há 27 anos, o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que desenvolve ações com foco na escola pública e nos espaços educativos de caráter público como estratégia de combate às desigualdades e promoção da equidade.

O Cenpec surgiu em um momento de efervescência social e política. O movimento pela redemocratização do País culminou com a promulgação da Constituição cidadã de 1988 e foi nesse contexto que a luta pela causa educacional ganhou força. São desse período, por exemplo, os debates que culminaram na instituição do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990.

Passados quase 24 anos da aprovação desse marco legal, ainda enfrentamos grandes desafios para a plena efetivação dos direitos da infância e adolescência previstos na lei. De acordo com o relatório todas as crianças na escola em 2015, lançado pelo Unicef e pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação, cerca de 3,7 milhões de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos estão fora da escola no Brasil.

O Mapa da Violência de 2012 destaca que, enquanto a morte por causas naturais entre crianças e adolescentes vem apresentando queda contínua e acelerada, as mortes provocadas por homicídios registraram um aumento de 346% entre 1980 e 2010. Só em 2010 foram 8.686 crianças assassinadas, uma média de 24 mortes por dia. O relatório também traz dados sobre as violências cometidas contra essa faixa da população. O Ministério da Saúde registrou em 2011 39.281 atendimentos via SUS de crianças e adolescentes vítimas de violência, sendo 40% dos casos agressões físicas e 20%, de cunho sexual.

A maioria dos milhares de meninos e meninas em conflito com a lei é vítima desse contexto social adverso em que muitos dos direitos essenciais foram negados e comprovam o fracasso dos serviços sociais de proteção e

garantia dos direitos infantojuvenis. Segundo levantamento realizado pelo CNJ que buscou traçar o perfil dos 17,5 mil adolescentes infratores que cumprem medidas socioeducativas no Brasil, mais da metade deles não frequentava a escola antes de ingressar nas unidades e a maioria parou de estudar aos 14 anos, entre a quinta e a sexta série.

Nesse contexto, a existência de um projeto como o Educação com Arte: Oficinas Culturais, voltado para implementação de oficinas de arte e cultura nas unidades de internação da Fundação CASA, deve ser destacado como fruto dos avanços proporcionados pelo ECA na garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes. A privação de liberdade a que os adolescentes estão submetidos não implica a privação dos demais direitos instituídos pelo Estatuto, como o direito à cultura, educação, saúde, convivência familiar, entre outros.

Educação e cultura são indissociáveis na formação destes meninos e meninas, para que eles possam converter a experiência da violência vivida em uma reinserção construtiva em suas comunidades, tornando-se protagonistas de suas vidas e com potência de contribuir na transformação de suas realidades.

O Cenpec aposta nessa articulação entre educação e cultura como estratégia de superação das desigualdades. Por meio desse binômio, é possível aliar local e global, o passado e o contemporâneo, a tradição e a ruptura, promovendo uma renovação das instituições socioeducativas, através da apropriação de conhecimentos e vivências trazidos pelos educandos. No caso do projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, a cultura abre canais de interlocução com esses jovens; através de referências a práticas e saberes que se conectam às suas realidades, é possível estabelecer um diálogo com esses adolescentes, que apresentam muitas vezes um histórico de experiências educacionais negativas.

Há cinco anos atuando na Fundação CASA em parceria com a Ação Educativa e o Cedap, o Cenpec acredita que, ao atuar na formação dos educadores que desenvolvem as oficinas culturais, nossa contribuição vai além da construção de novos valores e perspectivas de vida por esses meninos. Ela vai ao encontro da necessidade de configuração de uma nova cultura institucional pautada na crença da transformação pela via da educação.

Medida Socioeducativa e Políticas Públicas

Berenice Maria Giannella
Presidente da Fundação CASA

Em 2006, quando completávamos um ano gerindo uma rotina de rebeliões, fugas, o fim do complexo do Tatuapé e o início da descentralização do atendimento, a SEDH publicava o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo que, centralmente, trazia um dueto de princípios norteadores que harmoniosamente se complementavam. Um deles manifestamente afirmava aos maus exegetas do ECA que as medidas socioeducativas possuem uma dimensão substancial ético-pedagógica; e o outro uma acolhida literal do PNUD/ONU que dizia que toda pessoa nasce com um potencial e tem direito de desenvolvê-lo.

Desde então esta Fundação buscou por inúmeros meios inovar sua forma de atendimento, seja qualificando seus servidores por segmentos especializados ou também possibilitando que entes externos, que representam a sociedade civil organizada, dividissem conosco nossos espaços privados tornando-os menos obscuros. E esta entrada compartilhada, não somente em seu sentido jurídico-administrativo, mas também na acepção literal de que os muros se tornassem mais permeáveis, resultou que alguns dos antigos críticos deixassem de apontar seus megafones em nossa direção e que outros pudessem, a quatro mãos, dividir o atendimento conosco materializando o princípio da incompletude institucional.

Passados os últimos oito anos (quase nove) sabemos que o atendimento na medida socioeducativa não chegou ao ponto ideal, mas, iniludivelmente, quando voltamos os olhos ao passado notamos contrastes bastante palpáveis que denunciam o grau de evolução atingido! O atendimento individualizado saltou da diretriz escrita e substanciou-se no trabalho cotidiano, houve redução no índice de reincidência, os adolescentes estão mais próximos de suas famílias e os segmentos especializados reconhecem a qualidade do atendimento hoje ofertado, como manifestou o CNJ.

Contudo, paradoxalmente, mesmo diante de tantos avanços, o vertiginoso aumento de novos adolescentes que passamos a atender nos impõe a necessidade de refletir, de ampliar nossa análise. Pouco tempo após a grande crise econômica de 2008 a rainha da Inglaterra visitou a lendária

London School of Economics e questionou-os acerca da incapacidade deles em prever a crise ocorrida e a resposta foi que enfocavam apenas fatias de mercado, nunca a totalidade! Seria o caso de termos a medida socioeducativa como uma fatia apartada do tecido social paulista?

Avançar hoje exige olhar mais que a imediatividade da execução da medida, mas também a fase que a precede e aquela que a sucede. Neste sentido, desde que foi sancionada a Lei Estadual 15.050/2013, estamos elaborando, em conjunto com outras Secretarias, o Plano Estadual de Atendimento Socioeducativo que deve expressar esta preocupação para além das fatias especializadas e para a medida em si, mas que manifeste a urgência de políticas públicas voltadas à prevenção e promoção, temas que requerem abordagens qualificadas. Melhorar o cenário do atendimento socioeducativo passa, invariavelmente, pela prevenção.

Saint-Exupery em um de seus livros de memórias, *Terra dos homens*, registrou a ocasião em que pôde ver um grupo de mineiros poloneses sem trabalho retornando para seu país de origem e que, pelas circunstâncias, pareciam ter perdido suas qualidades humanas. Mas em meio a tanta miséria o autor descobriu um lindo bebê, uma bela promessa de vida, assim o classificou. E ponderou: protegido, educado, cultivado, que não seria ele? Quando, nos jardins nasce uma rosa nova os jardineiros se alvoroçam. A rosa é cultivada, é favorecida. Mas, infelizmente, sabia Exupery que não há jardineiros para os homens.

Hoje, mais do que realizar o melhor atendimento nas medidas socioeducativas é imprescindível sermos jardineiros de adolescentes que ainda não experimentaram a internação a fim de que possam florescer suas vidas sem ter de experimentar as medidas socioeducativas.

Acesso ao Patrimônio Cultural

Anna Helena Altenfelder
Superintendente do Cenpec

Desde 2008, o Cenpec tem a oportunidade de atuar dentro das unidades da Fundação CASA, por meio do projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, contribuindo com o processo formativo de adolescentes em conflito com a lei. Pelas suas características e especificidades, o projeto constitui uma experiência ímpar para organização, trazendo novos desafios para nossa ação e enriquecendo nossa reflexão sobre a articulação entre educação e cultura.

O Cenpec compreende que é papel das instituições socioeducativas garantir o acesso ao patrimônio cultural produzido e acumulado pelas sociedades e, ao mesmo tempo, reconhecer e valorizar os diversos saberes e conhecimentos trazidos pelos educandos.

As oficinas desenvolvidas no âmbito do projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais inserem-se dentro de uma proposta político-pedagógica concebida de forma a assegurar aos adolescentes os direitos à educação e à cultura previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente. Constituem, portanto, oportunidades educativas que trabalham aspectos como autoria, identidade, valorização do potencial criativo e elevação da autoestima dos adolescentes, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica, a incorporação de novos valores e o rompimento da cultura da violência.

As atividades de arte e cultura desenvolvidas nas unidades buscam contemplar três grandes vertentes: a do conhecer (ampliação do repertório), a da fruição de obras de arte em diferentes linguagens e a do fazer artístico (experimentação). As oficinas têm como objetivo desenvolver a sensibilidade e a criatividade dos adolescentes, possibilitando-lhes expressar seu mundo interno por meio da objetivação e da subjetividade.

A metodologia do estudo realizado junto aos adolescentes internos e cujos resultados são apresentados nesta publicação procurou de certa forma contribuir com a criação desses momentos para expressão de suas visões de mundo, seus desejos e incertezas. A pesquisa buscou dar voz a esses meninos, captando qual percepção possuem sobre as atividades de cultura e arte oferecidas pelo projeto; sua auto-imagem e a projeção que têm do mundo fora da unidade. Os resultados obtidos no estudo subsi-

diarão nossa reflexão e nos auxiliarão na elaboração de estratégias para condução do projeto.

A parceria da Fundação CASA com organizações da sociedade civil simboliza a concretização do princípio da incompletude institucional, que determina uma estreita articulação com outros programas e serviços públicos em oposição à cultura de reformatório das instituições totais. Para além do escopo das nossas ações, esperamos com esse material contribuir com o debate sobre políticas públicas para juventude.

Arte e Cultura... um novo mundo

Maria Eli Colloca Bruno
Diretora Técnica da Fundação Casa

Falar sobre as atividades de arte e cultura desenvolvidas junto aos adolescentes é muito gratificante. Nossos adolescentes, vindos de estratos populacionais onde a arte é um luxo que não chega até eles de forma intensa, e a cultura é desenvolvida a partir de vivências, muitas vezes ligadas a violência, têm na Fundação CASA sua primeira oportunidade de conhecer e ser incluído nesse contexto cultural e artístico. A qualidade do trabalho desenvolvido pelo parceiro Cenpec junto a eles proporciona uma abertura para um novo mundo e a inclusão que buscamos intensamente no nosso trabalho.

Obrigada, em nome dos adolescentes.

A arte na medida socioeducativa

Maria Amábile Mansutti

Coordenadora Técnica do Cenpec

O projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, desenvolvido pelo Cenpec em parceria com a Fundação CASA visa implementar oficinas de arte e cultura nas unidades da Fundação CASA para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. A proposição de atividades culturais voltadas a esse público, cujas histórias de vida são marcadas em geral pela negação de direitos, e realizadas nesse contexto de privação de liberdade, adquire múltiplos sentidos e comporta diferentes dimensões.

Uma primeira dimensão é a pessoal. Vivenciar a arte abre portas para que os adolescentes e jovens percebam a poesia, o sonho, a força comunicativa dos objetos a sua volta: cores, formas, sonoridade, gestos que conferem um novo significado às coisas vividas. Desenvolve o pensamento artístico e a percepção estética – habilidades que possibilitam dar sentido à experiência humana de um modo singular.

Por meio das oficinas é possível ainda atuar numa segunda dimensão: a social. Além da produção artística, uma outra forma de trabalhar a sensibilidade e imaginação é a apreciação e o conhecimento das formas de arte produzidas por diferentes culturas, que revelam o modo de perceber, de sentir, os significados e valores que organizam as relações entre indivíduos e sociedades. O exercício dá aos adolescentes a oportunidade de compreender a relatividade dos valores enraizados nos seus modos de pensar e agir, criando um campo de sentidos para valorizar o que lhe é próprio e o que está a sua volta e favorecendo a abertura à riqueza da diversidade da imaginação humana.

Espera-se, assim, que o trabalho desenvolvido nessa interface entre educação e cultura desenvolva entre os participantes o pensamento crítico, permitindo-lhes reorientar e internalizar valores, fortalecendo sua autoconfiança e abrindo-lhe novas perspectivas de vida. Busca também auxiliar os adolescentes na identificação de suas potencialidades e o reconhecimento de si mesmos como autores.

Para que o projeto efetivamente contribua com esse processo de ressignificação da identidade dos adolescentes internos, as oficinas culturais são concebidas como espaços de aprendizagem e são realizadas nas unidades seguindo alguns princípios. As atividades desenvolvidas com os adoles-

centes apóiam-se na tríade composta pelas ideias de fruição, ampliação de repertório e experimentação. Um outro princípio é a o diálogo com saberes e práticas culturais presentes entre os adolescentes. A escolha das técnicas e linguagens artísticas trabalhadas nas oficinas busca ampliar o repertório cultural dos participantes e, ao mesmo tempo, contemplar a realidade e a cultura trazida por eles. A divulgação e apresentação das produções artísticas pelos próprios adolescentes constitui um outro elemento essencial do projeto; têm impacto sobre a autoestima dos meninos, mas também sobre o olhar dos profissionais que atuam internamente.

Educação e Arte na Medida Socioeducativa

Marisa Fortunato

Superintendente Pedagógica da Fundação CASA

“Educar, hoje, é tão difícil quanto necessário (...) Hannah Arendt afirmou que o ato educativo resume-se em humanizar os seres humanos. Grande resumo, síntese admirável! É prática difícilíssima: tornar o humano mais humano não é simples, não está dado.”
Prof. Chico Alencar

Na difícil tarefa de educar os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas a Fundação CASA tem, nos últimos anos, buscado cumprir sua missão institucional com eficiência, eficácia, garantindo os direitos dos adolescentes, pautando-se na humanização e no atendimento individualizado e de qualidade, exatamente porque reconhecemos que “A Educação é a única ferramenta que torna o ser humano verdadeiramente livre – não apenas no sentido de gozar do direito inalienável de reger a própria vida, mas de fazer dele um instrumento de transformação da realidade”¹.

A educação é uma unidade indivisível, contudo, funcionalmente, o melhor dos professores procura orientar sua relação com seus alunos tendo a mediação do currículo ou conteúdo da aula. Nossa proposta político-pedagógica reconhece a educação enquanto unidade orientada pelo conjunto das dimensões humanas, porém, as abordagens estão selecionadas por especialidades, no plano geral, para escolarização, educação profissional, educação física e esporte e, por fim, o objeto aqui tratado, a arte e cultura. Desnecessário afirmar que todas as quatro representam conteúdo cultural (já que não são naturais, mas indiscutivelmente criações humanas), todavia, somente a última prima pelo conteúdo cultural artístico, o que não impede de conter elementos das outras três especialidades. Conhecer diferentes processos artísticos e, por conseguinte, diferentes processos de criação, interferem no processo de aprendizagem. Os conteúdos de arte, além de constituírem-se em uma parte fundamental da cultura da humanidade, são

um direito à formação de cada pessoa, e proporcionam, independente de questões temporais, reflexões e ressignificações geradoras de críticas e contestações, de conhecimento e autoconhecimento, na leitura de mundo de cada um.

Para os adolescentes que cumprem medida socioeducativa que são, em quase sua totalidade, pobres, negros, moradores da periferia e estão cada vez mais sujeitos a um processo de exclusão social, as práticas artístico-culturais devem ser compreendidas nesse contexto de exclusão, onde o acesso dos cidadãos não é igualitário, mas muitas vezes um privilégio das camadas sociais mais abastadas.

Acreditar que esses adolescentes não podem ser identificados apenas pelos atos infracionais que cometeram, mas que devem ser reconhecidos como jovens, que buscam dar sentido a sua vida, que almejam e têm o direito a novas oportunidades é premissa básica da proposta político-pedagógica da Fundação CASA.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido nas oficinas de arte e cultura, para ser coerente com a proposta pedagógica que o sustenta, deve ter como ponto de partida o conhecimento objetivo construído pelos jovens em suas histórias de vida. E, não se trata de uma questão de método, mas de um fundamento epistemológico, de um modo de compreensão do real e da forma como se constrói o conhecimento. Contudo, se esse é o ponto de partida é na longa caminhada que seu itinerário será orientado, também, pelo acervo cultural da humanidade.

Portanto, é na vida cotidiana dos centros de atendimento, que os arte educadores devem buscar sempre a problematização da vida concreta e o estabelecimento de relações entre ela e os determinantes de ordem histórico-social mais gerais. Acreditamos que é assim que compreenderemos com mais agudeza a realidade e poderemos atuar no sentido de transformá-la.

E, nessa empreitada de pensar e realizar a educação de jovens que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade é que compartilhamos com o CENPEC a ousadia de enfrentar o desafio, por meio da arte, da voz dos jovens ao expressar os seus saberes, poderes e querer, enfim, sonhar para além dos muros...

1. In Caderno da superintendência Pedagógica pg. 04 - Educação e Medida Sócioeducativa: Conceito, Diretrizes e Procedimentos. Disponível em: <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/chamadas/874>

Os inquilinos da Casa e suas narrativas

“Decifra-me ou devoro-te”

Fernando Lefevre & Ana Maria Cavalcanti Lefevre

Os inquilinos da Casa e suas narrativas

Conhecer algo sobre a vida social do ser humano é, também, conhecer as tramas narrativas que sempre estão envolvidas neste mundo que habitamos. Os jovens que hoje, em 2014, habitam como inquilinos (já que pagam com suas vidas em reclusão pelo período que ali permanecem) as dependências da Fundação CASA estão, também, envolvidos num turbilhão de narrativas que precisam ser percorridas em busca de seus sentidos.

Poderíamos dizer, grosso modo, que neste caso estamos em presença de duas grandes meta-narrativas: as auto-narrativas de como os jovens se percebem enquanto coletividade específica e as hétero-narrativas, de como são vistos pelo conjunto dos “de fora da casa” (deixando de lado os “de dentro” que não são os internos).

Este trabalho buscou resgatar as diversas auto-narrativas, sob a forma de Discursos do Sujeito Coletivo, que o leitor pode percorrer e, com isso, se dar conta dos detalhes e dos grandes eixos das histórias que os internos contam sobre como a arte os afeta, sobre como se veem e como imaginam seu futuro.

Gostemos ou não, estes jovens fazem parte do nosso mundo e compreendê-los ajuda (bastante) a nos compreender; livres ou encarcerados eles são parte de nós na medida em que fazem parte de nossa sociedade e cultura e, portanto, do ar (simbólico) que respiramos.

Dar sentido ao presente e ao futuro dos inquilinos da “casa” implica em desembaraçar um emaranhado muito complexo de nós narrativos. O fio de Ariadne que nos conduzirá pelo labirinto da incompreensão deste “outro” será (é a nossa aposta) a busca dos sentidos contidos nas dezenas de Discursos Coletivos que esta pesquisa gerou e que poderá nos levar à compreensão do enigma.

A produção do sentido de que fala Verón, neste caso, ganha muito quando a “matéria prima” de tal produção é este complexo de auto-retratos coletivos que falam do delito, do trabalho, da arte, da redenção, da culpa, da educação, da mãe (mas não do pai), da roupa, do cabelo, do tênis, da maconha (da pipa empinada), da namorada, do comparsa, da família, em suma, de tudo aquilo que todos falam.

A estes jovens não tem sido dado o direito de “se narrarem”, de “se descreverem”; eles sempre são “histórias contadas” que se transformam, por sutis mecanismos de Representação Social, em “favas contadas”, ou seja, retratos definitivos, filmes de terror com finais invariavelmente infelizes.

Nesta perspectiva, os de fora da “casa”, não querem vê-los como seres humanos comuns em busca, como todos, da felicidade, do prazer, da realização, da sobrevivência mas que, por circunstâncias várias, escolheram atalhos e não caminhos. Querem na maioria das vezes satanizá-los para se beatificar por contraste. A mídia brasileira proporciona, todo dia, farto alimento para este desejo.

A sociedade conta sempre a mesma história: “eles não podem ser como nós porque isso implica que nós podemos ser como eles”. Precisam, portanto, ser sempre considerados como uma alteridade e escapar assim ao olhar; por isso a prisão, que os (in)visibiliza.

Assim, quando, como nesta pesquisa, se permite que o interno, como coletividade, se narre (em vez de ser narrado como um não-ser a não ser visto), as portas da cadeia se abrem ao olhar e se reconhece o cárcere como um, entre outros, espaços sociais, ou seja, lugares habitados por pessoas, isto é, seres como nós.

Que histórias contam estes seres-como-nós? Não muito diferentes das que os jovens de fora do cárcere contam.

As sociedades geram, pensam e contam histórias sobre si mesmas, sobre o que são as pessoas que ali vivem, como devem ou não se portar, como devem ou não agir diante das mais diversas situações que vida cotidiana se lhes apresenta. Assim elas se reconhecem e todos que ali habitam também se reconhecem.

Porém, em toda e qualquer sociedade existem grupos que não são reconhecidos como pertencentes àquele *modus vivendi*, sendo assim, vistos como estrangeiros que não são daqui ou que precisam ser tirados daqui, ou pelo menos afastados até que aprendam a ser como todos os daqui. É sobre este grupo que fala este estudo.

Mas até o momento as narrativas sobre estes “outros” têm sido elabo-

radas por estudiosos do assunto, sejam eles pesquisadores, professores ou pela mídia, que os retrata abundantemente, traçando deles um perfil (em geral ameaçador).

Este “outro” é, portanto, criado, recriado, revisto, analisado por nós (que não somos o outro) e finalmente narrado por todos, mas nunca por ele mesmo. Este trabalho pretende reconstruir, para alguns temas eleitos, a narrativa deste outro a partir dele mesmo, dando voz a sujeitos sem oportunidade de narrar a própria história.

Poder narrar é poder existir e como não se quer que estes jovens existam, suas histórias são contadas na voz passiva, não se contam na voz reflexiva.

Como pensamos que este jovem tem direito à vida e à história de sua vida, esta pesquisa é, de certa forma, uma certidão de (re)nascimento.

Como qualquer história ainda não contada, não se conhece o final. Mas para que isso aconteça, é preciso que ela comece a ser contada, e pelo principal envolvido, no caso, o próprio jovem. Para entender o interno é preciso começar do começo, e o começo não pode deixar de ser a fala do próprio interno. Mas o que é entender o interno?

Entender o interno é entender o enigma e o lugar do inquilino da “casa” neste enigma. De que enigma se trata? Pensamos, com Bauman, que o enigma que o interno revela é o enigma da ordem.

De fato, não resta dúvida de que este jovem encarcerado sinaliza des-ordem e há, basicamente, dois modos de entender tal des-ordem: ou o jovem é visto como causa da des-ordem ou como consequência desta. São as clássicas polaridades ideológicas que, de tão cristalizadas, não podem deixar de nos levar a um impasse sem solução. Urge pois des-cristalizar as narrativas. É o que se busca aqui, restituindo ao interno sua fala cassada. E aí, quem sabe, como no poema de Pessoa, se descubra ao final que “... ele mesmo era princesa que dormia”, ou seja, que o outro somos nós ou, se não, pelo menos nossa parte negada.

Fernando Lefevre

Tem graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (1969), mestrado em Semiótica pela Universidade de Paris - Sorbonne (1974) e doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1990). Atualmente é professor titular aposentado da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação social em saúde, promoção de saúde, discurso do sujeito coletivo, pesquisa qualitativa, representação social da saúde e da doença e metodologia qualitativa. É criador do método do Discurso do Sujeito Coletivo e dos softwares Qualiquantisof e QLQ'Online. Tem bolsa de produtividade do CNPQ. Membro do GT de Comunicação Social da Abrasco. A partir de março de 2012 é Professor Senior da Faculdade de Saúde Pública da USP. E-mail flefevre@usp.br

Ana Maria Cavalcanti Lefevre

Graduada em Ciências Biológicas, em Ciências de 1º Grau pelo Instituto de Biociências da USP. Especialista em Educação em Saúde; mestre e doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Criadora da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo e dos softwares Qualiquantisoft e Qlqt online. Atualmente é sócia administradora e pesquisadora do Instituto de Pesquisa do Sujeito Coletivo. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, atuando principalmente nos seguintes temas: metodologia qualitativa e quantitativa, discurso do sujeito coletivo, promoção de saúde e recursos humanos. Autora de cinco livros e diversos artigos em revistas especializadas.

Os caminhos para a escuta dos meninos

Introdução

Esta publicação refere-se à 5ª edição do Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, uma parceria entre a Fundação CASA e o Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária - Cenpec, para a implementação de oficinas de arte e cultura nas unidades de internação provisória (UIP – 45 dias)¹, e nas unidades de internação (UI – para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade). Em seu conteúdo, traz a voz dos jovens internos da Fundação CASA e comentários de convidados sobre os discursos coletivos dos jovens.

Este convênio é fruto de uma consulta pública realizada em 2008 pela Fundação CASA, em que as Ong's Cenpec, Ação Educativa e Cedap assumiram o desafio de contribuir com o processo formativo de adolescentes em conflito com a lei, bem como, com a transformação das instituições totais voltadas para essa população.

Em outras palavras, contribuir com a implementação da diretriz do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – referente à Incompletude Institucional. Essa diretriz esclarece que a privação de liberdade não implica na privação dos demais direitos instituídos pelo ECA, ou seja, direito à cultura, educação, saúde, convivência familiar entre outros. Por outro lado, é histórica em nossas instituições a cultura do controle e não a da educação, ou seja, a cultura do medo de conhecer e considerar que o outro tem saberes; da cultura que olha mais para a mudança do comportamento do que para a transformação de si e do mundo através da educação. Romper com a cultura de reformatório das instituições totais é o principal desafio em construção.

O plano de trabalho apresentado pelo Cenpec e conveniado com a Fundação CASA, prevê que em cada edição, além do desenvolvimento das oficinas de arte e cultura em 26 unidades, para aproximadamente 2000 adolescentes por mês, e contratar e fornecer formação continuada a 40 artistas para a condução das oficinas, também publicar o conhecimento produzido na experiência referente àquela edição.

Objetivos do Estudo

Para este estudo foram definidos três aspectos importantes que podem contribuir para entender melhor o adolescente privado de liberdade, objeto deste estudo:

- 1- Percepção que os adolescentes possuem sobre as atividades de cultura e arte oferecidas pelo projeto;
- 2- Auto imagem dos adolescentes;
- 3 - Projeção que o adolescente tem do mundo fora da unidade.

Metodologia

Nas pesquisas por meio de questões fechadas são coletadas opiniões previamente disponíveis, nas quais a ação de opinar é entendida como o ato de escolher uma opinião dentre uma série de opiniões possíveis previamente elencadas, oferecidas ao pesquisado. A análise dos resultados em entrevistas deste tipo implica em técnicas estatísticas e a apresentação dos resultados é feita em linguagem matemática (tabelas, quadros). O estudo quantitativo dos resultados de um projeto coloca ênfase nas metas e resultados produzidos pelo projeto enquanto o estudo qualitativo enfatiza a lógica dos atores que movem o projeto (Carvalho, 2005).

Obter a opinião através de uma pesquisa que apresente uma dimensão qualitativa implica propiciar ao pesquisado (através de questões abertas em que ele se posiciona sobre um tema) a geração de uma opinião sob a forma de um depoimento discursivo.

Os objetivos definidos para o estudo com os adolescentes privados de liberdade que participam do projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais tinham como desafio observar como as oficinas e, portanto, o contato artístico, é visto por esses jovens; ainda, acredita-se que buscar observar algumas questões da identidade e perspectivas dos adolescentes poderia contribuir tanto para as ações do projeto quanto para a discussão mais geral sobre os destinos da juventude na grande São Paulo.

Nesse contexto, optou-se por um método de pesquisa que agregasse o qualitativo e o quantitativo buscando compreender os fenômenos, enfocando o mundo dos símbolos e significados bem como a distribuição das ideias entre os pesquisados.

1. As oficinas nas UIP's funcionaram até o final de 2013, sendo suspensas no início de 2014.

População de Estudo

A amostra do estudo foi calculada em relação ao número de adolescentes privados de liberdade, em 25 Centros de Internação e Internação Provisória das Divisões Regionais Metropolitanas - DRM, Franco da Rocha, Brás e Raposo Tavares, atendidos pelo projeto “Educação com Arte: Oficinas Culturais”, na Fundação Casa, do Estado de São Paulo. Para o cálculo da amostra foi considerado o número total de adolescentes atendidos pelo projeto.

Em um centro foi realizado pré-teste e por esse motivo não foi aplicada a entrevista para esses jovens; em um centro não foi possível realizar as entrevistas, pois até o prazo previsto para finalização da aplicação dos questionários não houve data disponível para agendamento da visita. No total, 195 adolescentes responderam ao questionário entre março e agosto de 2013.

Cabe resaltar que o projeto realiza oficina em uma unidade feminina e que elas não foram entrevistadas nessa pesquisa por que demandaria construção de um novo questionário em formato de história em quadrinhos já que a identificação com a história é uma necessidade metodológica. Esperamos que possamos em breve ouvir as vozes das meninas e verificar se as mesmas categorias de DSCs dão conta e ainda, se é possível, falarmos de um discurso de meninos e meninas privados de liberdade.

Análise das Informações

Para o processamento dos depoimentos, empregou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Tal técnica busca superar os impasses das pesquisas tradicionais de representação social, recuperando na escala coletiva a natureza discursiva e argumentativa do pensamento.

A opinião é obtida através de questões abertas propiciando ao entrevistado a geração de um depoimento discursivo e não somente a escolha entre alternativas pré-definidas pelo pesquisador. Cada questão gera um número variado de posicionamentos, ou seja, de distintos DSCs, que resultam de uma agregação de diferentes extratos de depoimentos individuais que apresentam sentido semelhante (Lefevre e Lefevre, 2003).

Esses DSCs são distintos tanto do ponto de vista qualitativo, na medida em que veiculam opiniões e posicionamentos diferentes, produtos da coletividade, quanto do ponto de vista quantitativo; a dimensão quantitativa do DSC está ligada ao fato de que cada DSC é composto com extratos

de depoimentos oriundos de uma parcela de indivíduos do total pesquisado. A soma dos resultados corresponde ao número de ideias específicas dentre o total de ideias apresentadas (Lefevre e Lefevre, 2003; Lefevre e Lefevre, 2006).

A pesquisa foi realizada e analisada pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo - DSC e pelo software Qualiquantsoft. Na análise do sentido de cada depoimento a técnica postula que os depoimentos podem conter uma ou mais ideias a respeito da questão estabelecida. Para o processo de análise são atribuídas expressões-chave a cada ideia para que, então, seja possível agrupar as expressões-chave de sentido semelhante em categorias de respostas.

Com as categorias de ideias compartilhadas e seus respectivos discursos estabelecidos torna-se possível a análise qualitativa dos depoimentos e também quantificar a porcentagem de ideias compartilhadas em cada uma das questões (Lefevre e Lefevre, 2003; Lefevre e Lefevre, 2006).

A técnica do DSC apoia-se na Teoria das Representações Sociais. As representações sociais manifestas verbalmente são um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações sociais. São modalidades de conhecimento prático, orientadas para a comunicação e para compreensão do contexto social, material e ideológico em que vivemos. Socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação entre os indivíduos. Portanto, são fenômenos sociais que devem ser compreendidos a partir do seu contexto de produção e das formas de comunicação onde circulam (Jodelet, 2001).

Aplicação das entrevistas

As entrevistas aconteceram no horário das oficinas, quando possível em salas reservadas. Foi apresentado aos adolescentes o objetivo do estudo, que as informações seriam confidenciais, que poderiam ajudar no planejamento das oficinas, que não iriam ser repassadas para a coordenação dos centros e nem fazer parte do relatório que é encaminhado ao juiz. A realização das entrevistas foi previamente autorizada pela Gerência de Arte e Cultura da Fundação CASA.

Os entrevistadores foram orientados a sempre lembrar para o adolescente que durante toda conversa estariam imaginando uma história juntos. Ainda, a leitura dos quadrinhos deveria ser feita pelo entrevistador em voz alta, pausadamente, com clareza e calma, deixando o entrevistado analisar

a figura. Caso o adolescente fizesse comentários no meio dos quadrinhos, o entrevistador não deveria interrompê-lo e nem fazer comentários sobre os mesmos.

Construção do questionário

O maior desafio para realização do estudo foi como acessar o depoimento dos jovens sobre os temas selecionados. Em função da temática e do tipo de população a ser entrevistada, a hipótese dos pesquisadores é que um questionário formal não alcançaria os resultados desejados.

Assim, optou-se por questões envolvendo histórias ou situações de vida associadas aos temas investigados, que fossem apresentadas aos jovens em formato de quadrinhos. Alguns aspectos importantes foram considerados para confecção dos quadrinhos:

- 1 - Fazer com que o objetivo da pergunta estivesse presente na história;
- 2 - A história deveria ser visualmente interessante para o entrevistado;
- 3- Os desenhos deveriam gerar identificação nos entrevistados para que eles conseguissem imaginar as histórias, mas ao mesmo tempo, essa identificação não poderia induzir as respostas.

Com a intenção de desenvolver esses aspectos, foram realizadas diversas discussões entre especialistas do projeto (Cenpec) e especialistas em técnicas de entrevista e pesquisa (Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo - IPDSC)

Ressalte-se que tornar os desenhos interessantes para os entrevistados contendo ao mesmo tempo atratividade icônica e que mostrasse o ambiente da Fundação CASA só foi possível porque os profissionais envolvidos no processo tinham experiência anterior com os adolescentes e com a Fundação CASA.

Antes da definição dos desenhos finais, foi realizado um pré-teste com dois grupos focais e a partir do entendimento e análise dos adolescentes participantes, os desenhos foram repensados e adaptados para as entrevistas individuais.

Referências

Carvalho, MCB. Avaliação de projetos sociais. In: Maria do Carmo Brant de Carvalho. (Org.). Avaliação: construindo parâmetros das ações socioeducativas. 1ed. São Paulo: CENPEC, 2005, v. 1, p. 47-75.

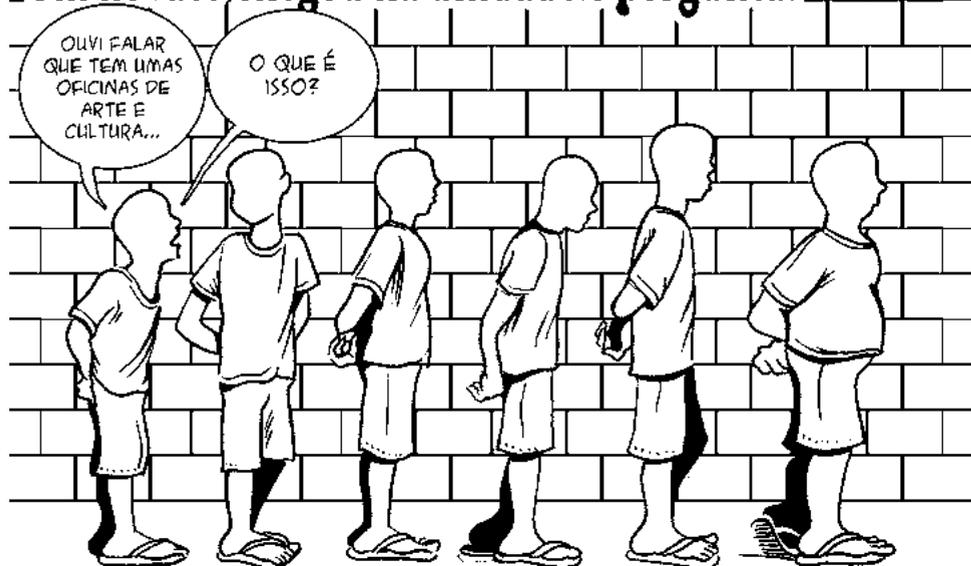
Jodelet D, organizadora. As Representações Sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001. 420p.

Lefevre, F; Lefevre, A.M.C. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

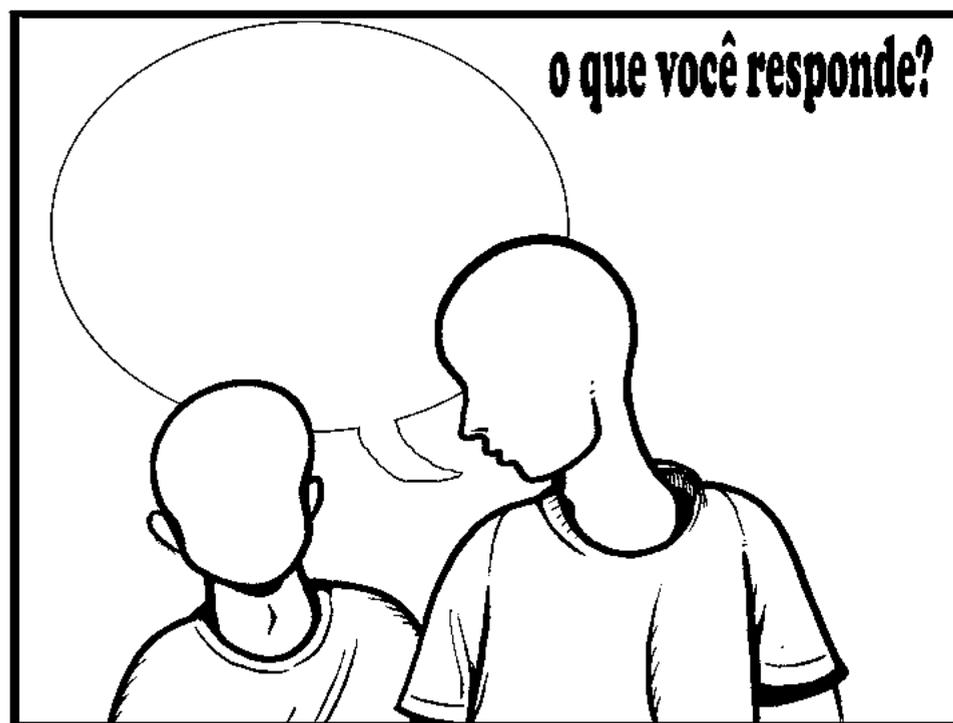
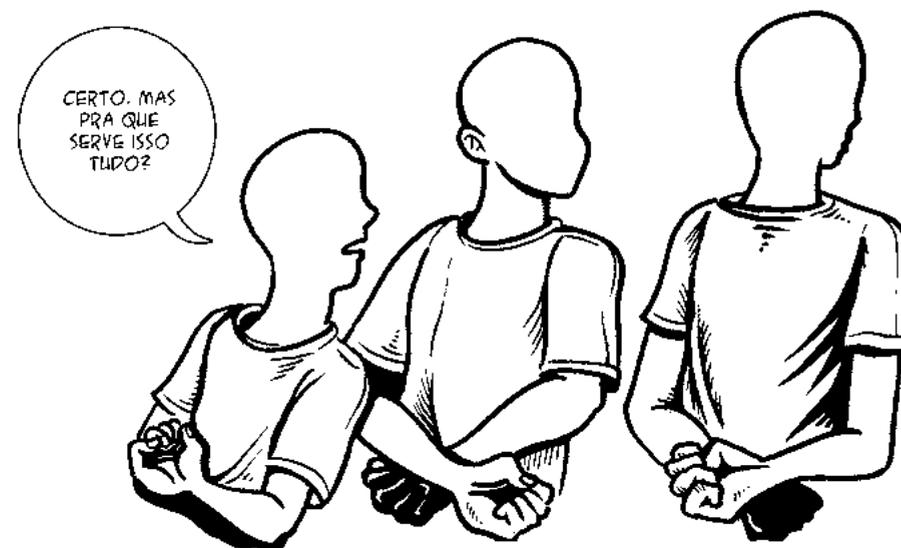
Lefevre, F; Lefevre, A.M.C. O sujeito coletivo que fala. Interface São Paulo. 2006;10(20):517-520,

**HISTÓRIA 1:
O NOVATO E AS
OFICINAS**

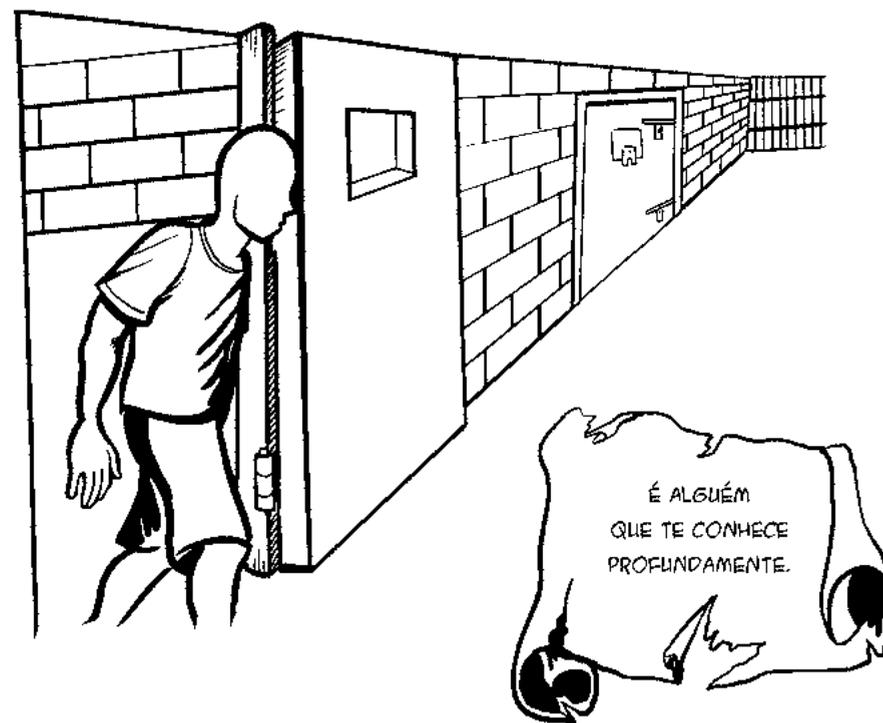
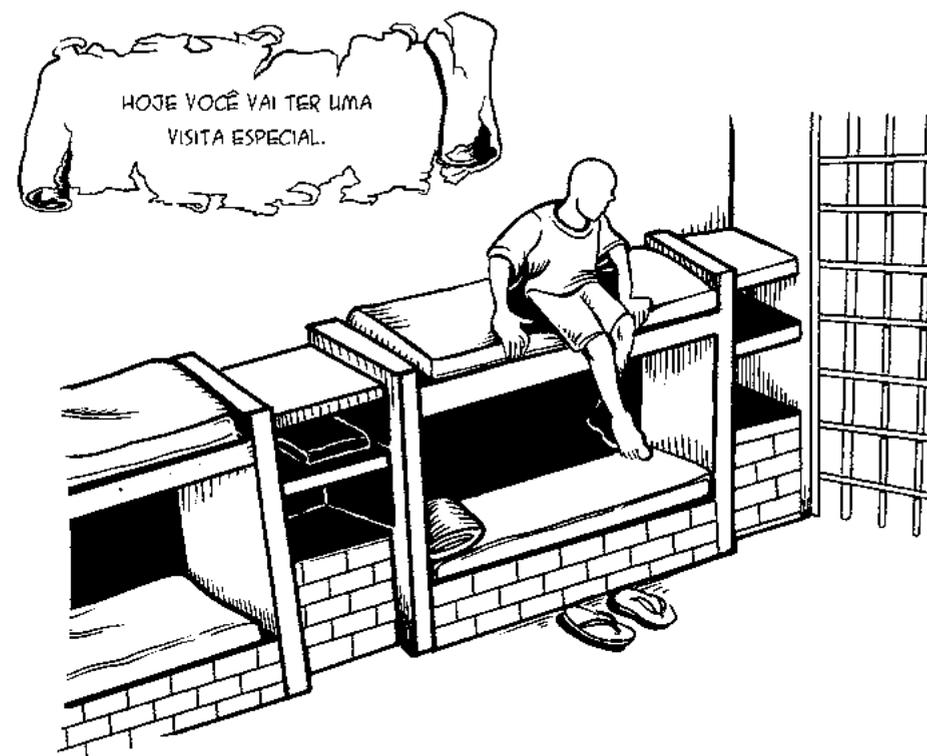
Um novato chegou na unidade e pergunta:

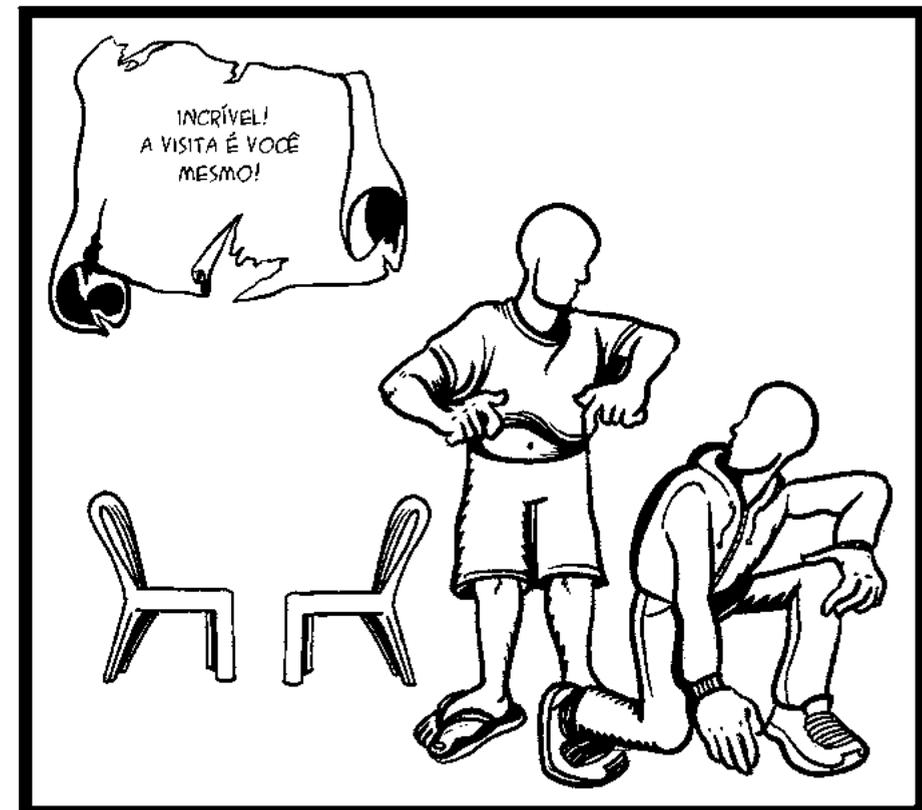
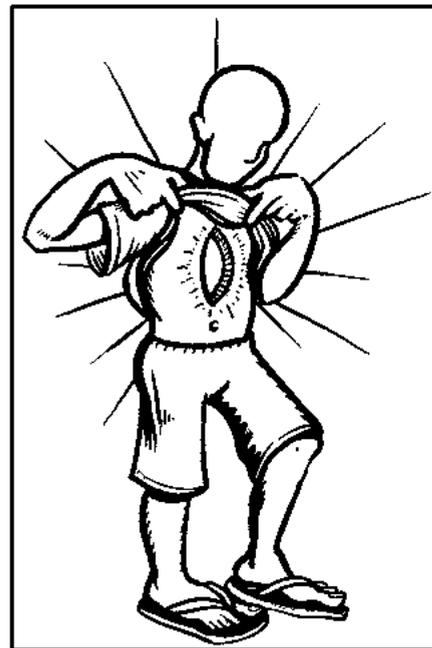
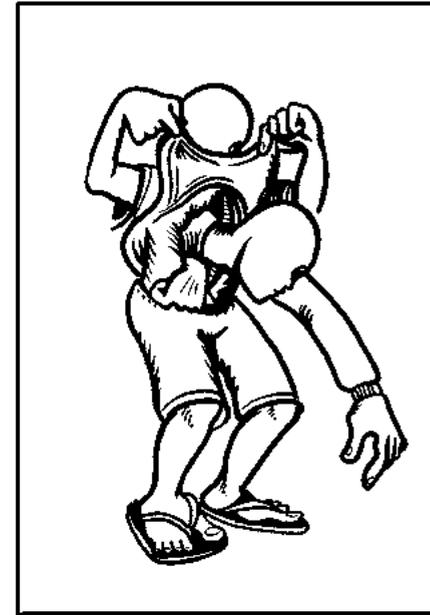


Mas o novato ainda quer saber mais:

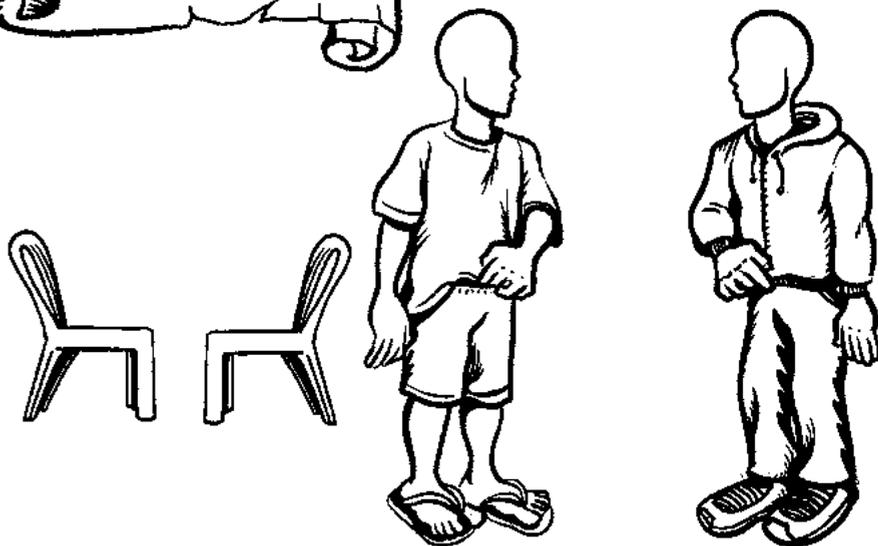


HISTÓRIA 2: A VISITA





ENTÃO NESTA HISTÓRIA
VOCE É A PESSOA QUE
VEIO SE VISITAR NÃO
É MESMO?



AGORA EU PERGUNTO : COMO É ESSA PESSOA
QUE VEIO SE VISITAR?

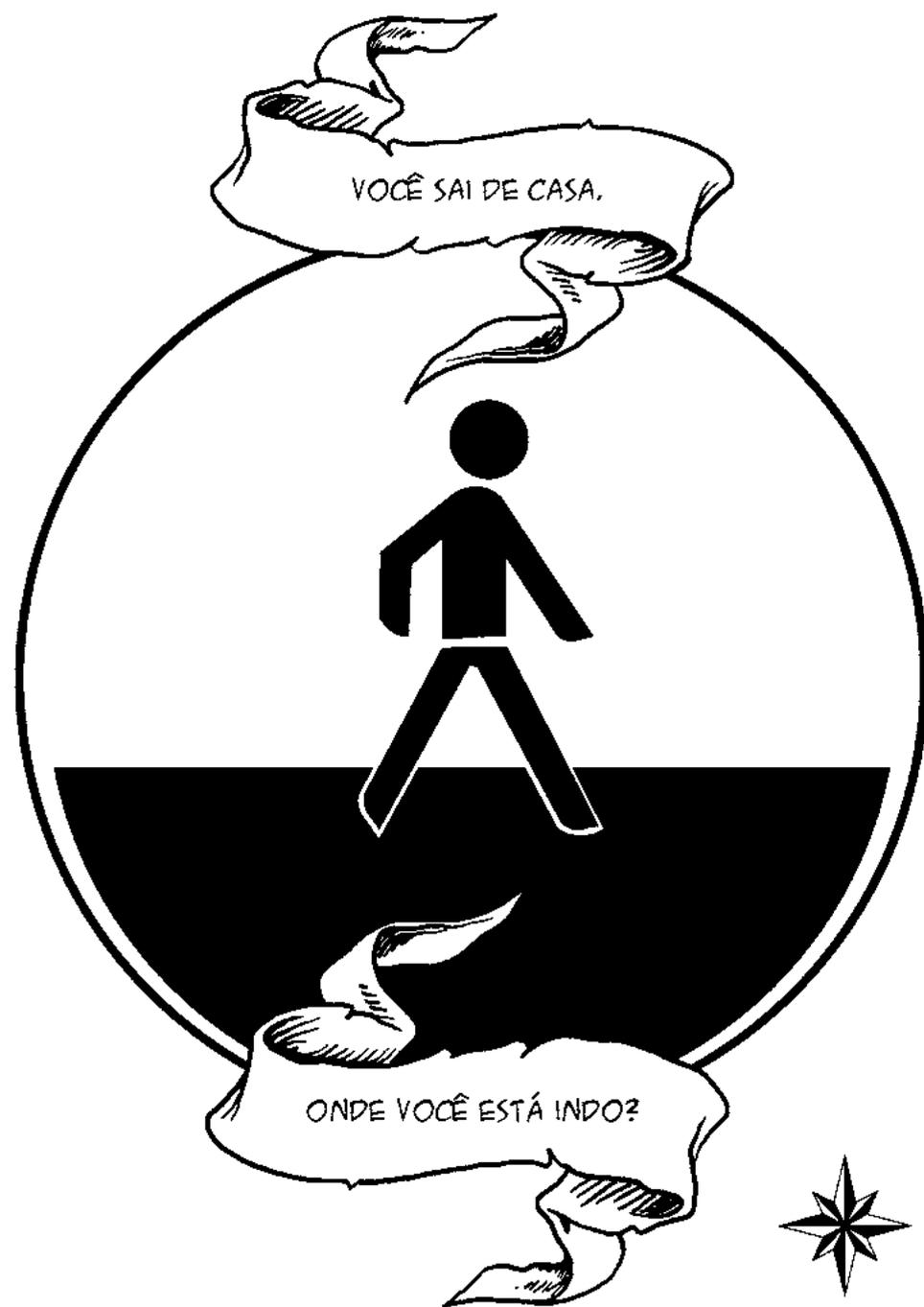


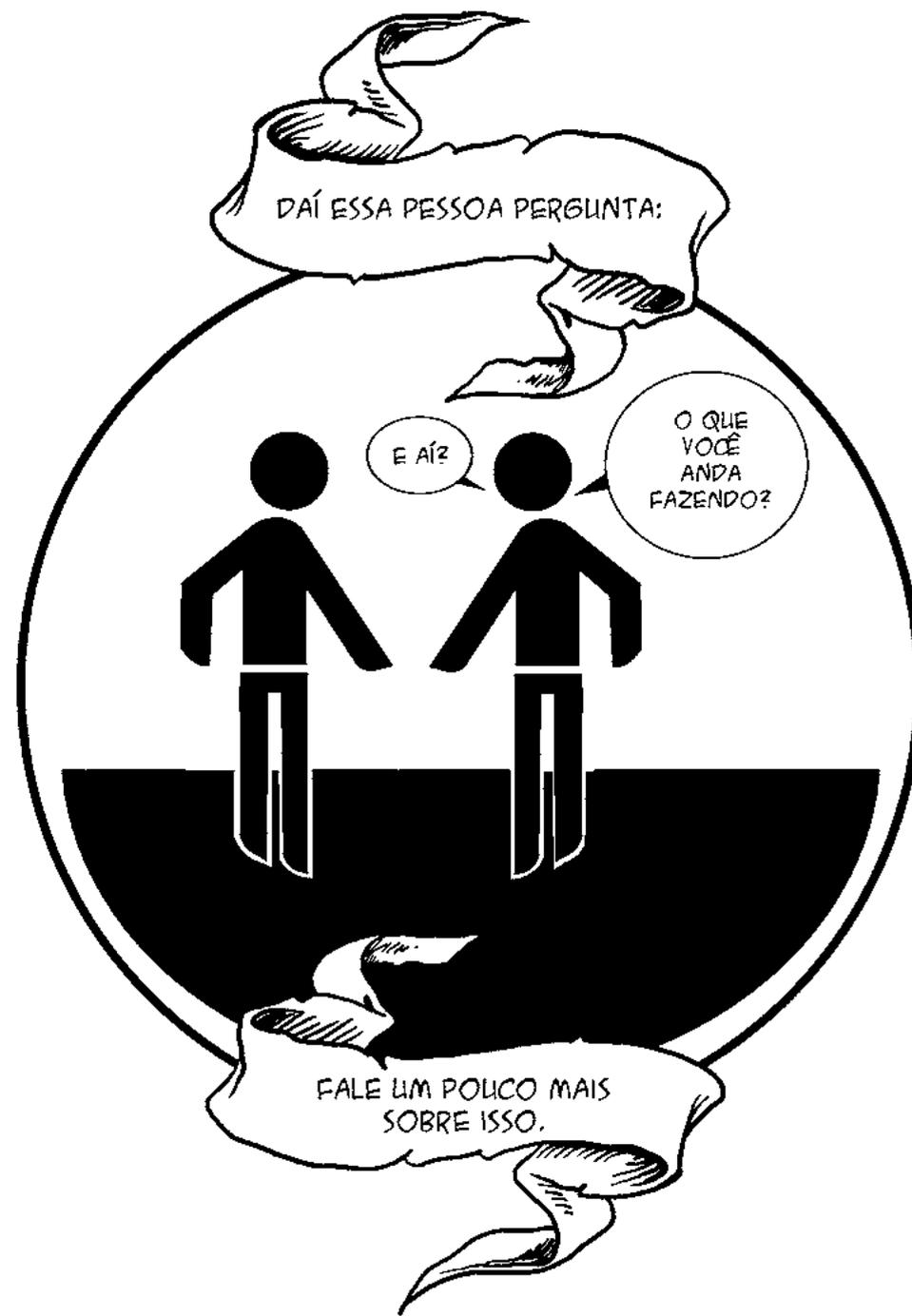
VOCÊS DOIS SÃO A
MESMA PESSOA!

FALE UM POUCO DELA, COMO ELA É?

HISTÓRIA 3: O MUNDÃO







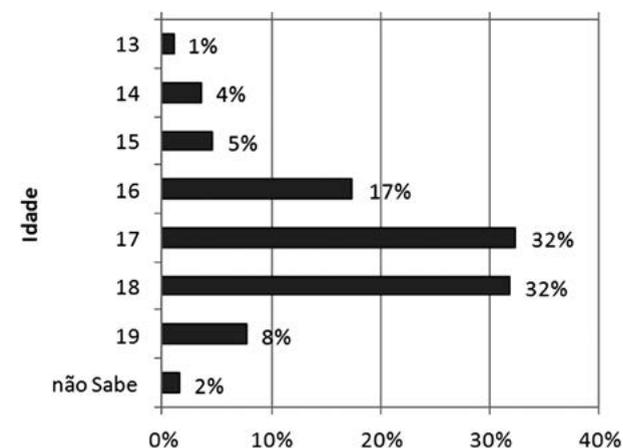
O perfil dos Meninos

O Perfil dos Meninos

A ideia de apresentar o perfil dos adolescentes que participaram do estudo foi possibilitar que o leitor conheça algumas características desses jovens que residem na Fundação CASA: faixa etária, composição familiar, escolaridade e relação anterior com arte e cultura para então “ouvirmos a voz dos meninos”.

Segundo o ECA, o adolescente pode ser internado na Fundação CASA com idade mínima de 12 anos e a máxima de 18 anos, podendo cumprir medida socioeducativa até completar 21 anos. Entre os adolescentes entrevistados, o maior percentual de idade foi 17 e 18 anos, que somados totalizam 64% (gráfico 1). Considerando-se o período máximo de internação, esse resultado pode indicar que grande parte dos adolescentes alcançará maioridade civil e penal durante o cumprimento da medida, o que mostra a necessidade de um trabalho específico para esses jovens.

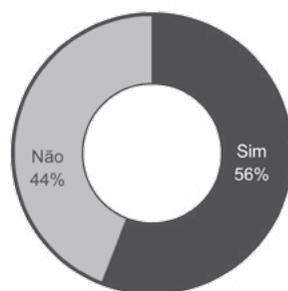
Gráfico 1: Percentual de idade, Projeto Educação com Arte, 2013.



Foi perguntado aos adolescentes se estavam estudando no momento da internação. Esse resultado teve como referência as respostas dos jovens, e seja, não foi consultado nenhum documento oficial para checagem das informações, mas chama a atenção o alto percentual de adolescentes (44%) que relataram não estar estudando no momento da internação (gráfico 2), 28% dos adolescentes relatou já ter cursado EJA (Educação de Jovens e Adultos) ou supletivo.

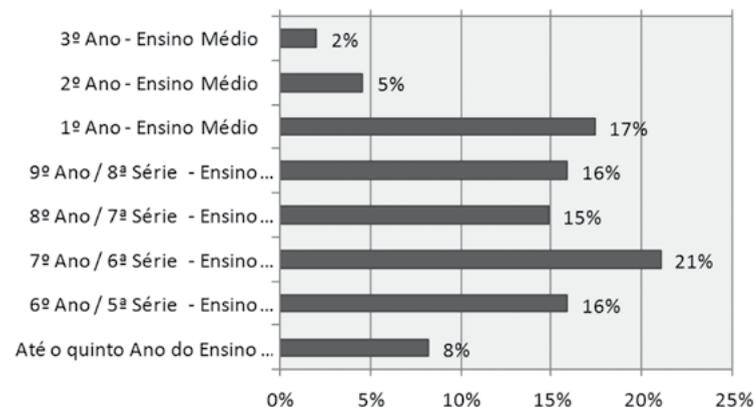
Segundo estudo realizado pelo Conselho Nacional de Justiça¹ (CNJ), 57% dos jovens declararam que não frequentavam a escola antes da internação, deve-se considerar que esta informação encontrada no estudo do CNJ é referente ao panorama nacional, o que pode justificar maior percentual do que no presente estudo. (referência CNJ)

Gráfico 2: Percentual de adolescentes que referiram matrícula no ensino formal, Projeto Educação com Arte, 2013.



Também foi perguntada qual a última série cursada antes da internação. Por meio do Gráfico 3 observa-se maior percentual de adolescentes que relataram ter cursado até o 7º ano/ 6ª série do ensino fundamental, esse resultado é concordante com o estudo realizado pelo CNJ que encontrou um percentual de 18% de jovens que haviam cursado até a 6ª série².

Gráfico 3: Percentual da última série cursada por adolescentes antes da internação na Fundação Casa, Projeto Educação com Arte, 2013.



Os adolescentes informaram ainda, o ano da última série cursada e a data de nascimento, com base nessas informações foi possível calcular a distorção idade-série. Na Tabela 1 pode-se observar que 89% dos adolescentes entrevistados apresentaram distorção idade-série acima de dois anos. A maior concentração foi a distorção de 4 anos, entretanto a distribuição percentual não sofreu variação alta entre 2 e 6 anos de distorção. Foi observado que 14% dos jovens apresentaram distorção acima de 7 anos, se considerarmos que a idade média dos adolescentes que participaram do estudo está nos 17 e 18 anos, esse alto percentual pode indicar que esses jovens pouco estiveram inseridos no ensino formal.

Tabela 1: Número e percentual de adolescentes segundo distorção idade série, Projeto Educação com Arte, 2013*.

Anos de distorção	n	%
0	7	4%
1	14	7%
2	28	14%
3	32	16%
4	36	18%
5	21	11%
6	31	16%
7 ou mais	25	13%
Sem informação	1	1%
Total:	195	100%

*As informações referentes aos anos de estudo foram referidas pelos adolescentes que participaram do estudo.

Em relação à composição familiar, observa-se que 135 adolescentes responderam que o pai não estava presente no domicílio, o que representa 69%, esse alto percentual indica que apenas 49 jovens (25%) referiram a presença do pai e da mãe no domicílio onde morava antes da internação (Quadro 1).

1. Conselho Nacional de Justiça. A Execução das Medidas Socioeducativas de Internação. 2012

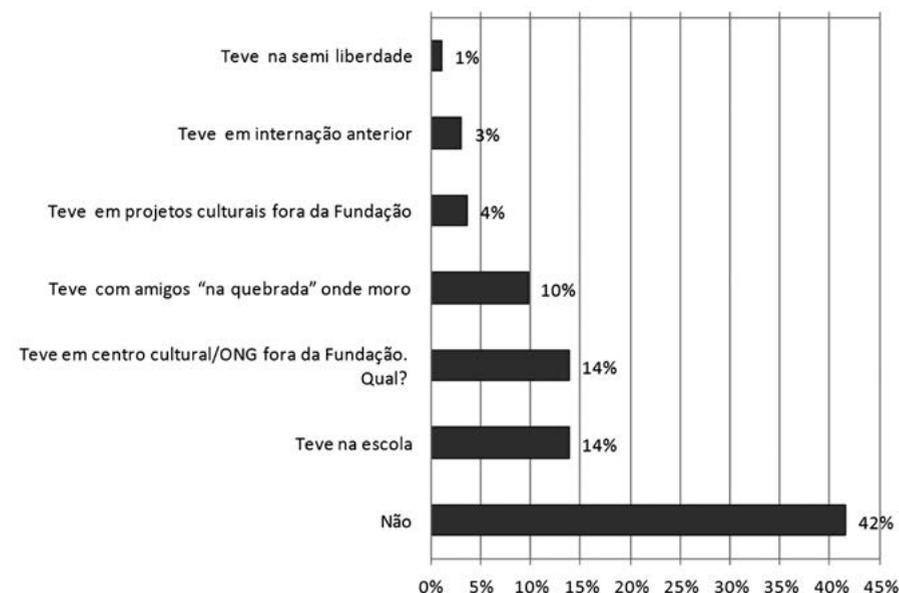
2. Ibidem

Quadro 1: Composição familiar adolescentes projeto Educação com Arte, 2013.

Com presença materna e paterna	49
Mãe e Pai	10
Mãe, Pai e Irmãos	33
Mãe, Pai e Outros familiares	3
Mãe, Pai, Irmãos e Outros	2
Mãe, Pai, Irmãos e Namorada	1
Com presença materna/paterna e função materna/paterna	18
Mãe e Padastro	3
Mãe, Padrasto, e Irmãos	10
Mãe, Padrasto e Outros	2
Mãe, Padrasto, Irmãos e namorada	1
Pai e Madrasta	2
Sem presença paterna	85
Mãe	31
Mãe e Irmãos	36
Mãe e Outros familiares	7
Mãe e Namorada(o)	2
Mãe, Irmãos e Outros	8
Mãe, Irmãos e Namorada	1
Sem presença materna	9
Pai	4
Pai e Irmãos	2
Pai e Outros	2
Pai, Irmãos e Outros	1
Com presença familiar, sem ser paterna e/ou materna	22
Com a esposa e a sogra	1
Irmãos	5
Irmãos e Outros	3
Outros	11
Namorada e Outros	2
Sem presença familiar	10
Em abrigo	1
Não tinha moradia fixa (morador de rua)	1
Sozinho	7
Clínica de Reabilitação	1
Parceira	2
Esposa	1
Namorada	1

Foi realizada uma questão referente à arte e à cultura com o objetivo de identificar a relação que os adolescentes possuíam com esse universo antes da internação na Fundação CASA.

Gráfico 4. Percentual de adolescentes que tiveram contato com arte e cultura antes da internação atual e local da experiência, Projeto Educação com Arte, 2013.



Segundo o ECA¹, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, o adolescente tem o direito à arte e à cultura, devendo obrigatoriamente ser ofertada pela família, pela comunidade, pela sociedade e pelo poder público, como segue no Art. 4º:

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.”

1. BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acessado em 17 de janeiro de 2013. Livro I, Título I, Art. 4º.

Entretanto, como se observa no Gráfico 4, 42% dos jovens responderam não ter tido contato com nenhuma das linguagens artísticas oferecidas pelas oficinas do projeto antes da internação na Fundação CASA; 3% já haviam tido contato em internações anteriores e 1% na semiliberdade. O alto percentual de adolescentes que relataram não ter tido contato com a linguagem artística antes da internação pode indicar uma escassa frequência de jovens da periferia da Grande São Paulo em atividades de arte e cultura. Ainda cabe mencionar que o direito à arte e à cultura estabelecido pelo ECA, em grande parte, só passa a ser cumprido quando o jovem comete um ato infracional, visto que, nas unidades nas quais o projeto atua, 100% dos adolescentes devem ser atendidos.

Entre os jovens que relataram ter tido contato com arte e cultura fora da Fundação CASA, 27% relataram que esse contato foi na escola, 10% com amigos no bairro onde moravam, 4% em projetos culturais e 14% em centros culturais ou ONGs.

A Voz dos Meninos

Resultados das entrevistas com os adolescentes

*Monitoramento e Avaliação da 5ª Edição do Projeto Educação com Arte:
Oficinas Culturais.*

1. O que é para você oficina de arte / cultura?

Tabela 2 – Frequência absoluta e relativa sobre significados das oficinas de arte e cultura para os adolescentes, Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, 2013.

Categorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa % (Respostas)	Frequência Relativa % (Pessoas)
A Cita as linguagens das oficinas	99	40,41	50,77
B Foca na figura, no que representa o arte educador	6	2,45	3,08
C Distrai a mente / ocupa o tempo	36	14,69	18,46
D Atividade profissional / possibilidade de trabalho	10	4,08	5,13
E Novas aprendizagens, desenvolvimento, novos intere	40	16,33	20,51
F Possibilita formas de expressão, reflexão, auto conhecimento, interação, mudança	18	7,35	9,23
G Define pelo produto	11	4,49	5,64
H Atividades internas da Fundação CASA, cumprimento de medida socioeducativas	8	3,27	4,10
I Resgate histórico, cultura e identidade	6	2,45	3,08
J Não Respondeu / não sabe	11	4,49	5,64

TOTAL DE RESPOSTAS 245
TOTAL DE ENTREVISTADOS 195

A - Cita as linguagens das oficinas

Eu imaginaria que era futebol, capoeira, mas não esses negócios de artes plásticas, isso eu não sabia que tinha aqui não, artes plásticas, esse tipo de coisa. Capoeira eu já tinha ouvido falar lá fora que tinha, eu já sabia, mas artes plásticas, arte e cultura serão os grafites? Artesanato eu não saberia o que é eu ia perguntar o que é mesmo? Eu ia pensar que é uma capoeira, uma música. Então oficina de arte e cultura creio eu que seja oficinas pra desenvolver a arte, desenhar, podem ser também percussão, instrumental vocal, palavras e rimas, cursos de dança, que eu conheço são esses, são os que eu sei mais ou menos assim. E têm várias, tem umas muito interessantes, história em quadrinhos que você

pode estar fazendo, você escolhe no papel, você escolhe o melhor que você gostar, aí você faz. Eu ia falar mais pra ele: essa arte e cultura é você fazer teatro, fazer musicais, fazer dança, dançar, é onde faz desenho, participa das atividades de Hip Hop, ritmos e poesia, dança de rua você dança, desenho, cultura popular, pra você aprender a fazer um berimbau, um tambor. Eu aprendi grafitar.

Oficinas também é onde você pinta alguns quadros, desenvolve sua mente, tem as aulas de rima que você pode desenvolver umas músicas, tem umas aulas de teatro também, você escolhe uma das oficinas de arte cultural. Eu responderia que eu também não conhecia, como eu nunca fiz no mundão, eu responderia é alguma coisa ligada a desenho, danças, músicas.

B - Foca na figura, no que representa o arte educador

Eu vou explicar pra ele que arte e cultura é o que nós fazemos, como na oficina da Sra. (cita o educador/a), a gente faz o tatu, faz os desenhos de arte e cultura, é um projeto feito pela Sra. (cita o educador/a). Respondo também que oficina de arte e cultura é você estar aprendendo que nem na oficina do Sr (cita o educador/a), você está aprendendo a fazer desenho, faz uns bonequinhos. Arte e cultura, é uma coisa que o professor traz para nós aprendemos, são coisas boas, é isso aí, é uma arte que a gente faz com o professor de artes, pintar, desenhar, depende da aula. Os professores vem aí e dão uma aula, aí tem que tratar eles no respeito, da mesma forma como a gente vai estar sendo respeitado: ele vem lá de fora, é como se fosse nosso familiar, tem que respeitar da mesma forma.

C - Distrai a mente / ocupa o tempo / acha legal

É uma coisa que você pode distrair a mente, se sentir mais ocupado. Na verdade eu falaria que tem uns cursos, tem uns cursos pra distrair a

mente, um curso que você tem aqui na Fundação pra passar o tempo. Eu falo pra ele participar porque aí passa mais o tempo, só isso. É onde a gente pode conversar, distrair a mente, não ficar só de mente vazia dentro de uma unidade. É legal, passa o tempo, é uma distração pra nós que estamos presos, porque ficar o dia inteiro só na televisão é horrível, são atividades que distraem realmente, atividade educacional, é gratificante.

D – Atividade profissional / possibilidade de trabalho

É um curso cultural que tem várias profissões, que é muito bacana e você aprende alguma coisa, tem vários cursos, pra você se identificar e se quiser, exercer uma profissão, Dependendo do curso que se interessar em fazer, dá até pra ganhar um dinheiro lá fora, se ele interessar aprende a desenhar, aprende várias coisas novas que lá fora não tinha oportunidade de estar fazendo e aqui dentro está tendo a oportunidade. São coisas que quando sair daqui pode estudar na escola e dar aula para os alunos. São os objetivos que podem dar início a uma vida melhor para a gente, tipo uma coisa que a gente pode levar pra fora.

E – Novas aprendizagens, desenvolvimento, novos interesses

Eu ia falar que tinha Oficina de arte e cultura, é pra aprender alguma coisa pra fazer na vida..., que É um curso não profissionalizante, mas que pode estar ensinando boas matérias que era muito boa a oficina. As oficinas tem umas coisas que eu não sabia, pra aprender uma coisa que lá no mundão não fez e aqui dentro ele vai aprender a fazer, que ensina a fazer trabalhos, ensina a gente a mexer com coisas que a gente nunca viu.

Falava que era uma oficina que mexe com os instrumentos, que a gente aprende a desenvolver, a cantar, a ter entendimento dos instru-

mentos, isso aí.

F – Possibilita formas de expressão, reflexão, auto conhecimento, interação, mudança

Eu acho que é o que eu estou fazendo, é isso aí que eu estou fazendo é fazer uns negócios que é pra fazer, se amar, é um bagulho, o bagulho é da hora quem não sabe aprende, aprende um pouco. É a alegria, a pessoa poder expor a alegria, o caráter dela, colocar tudo o que ela tem, mesmo que é de ruim, tipo tudo o que você tem de ruim você colocar num desenho lindo que você está fazendo, você explicar as coisas de ruim, aquele momento ruim, fazendo um teatro, se inventando como outras pessoas, passando fatos assim: se você é o vilão você vira o mocinho no teatro, você se relatar de outras formas, de outras vidas atrás através do desenho, através do teatro, através de tudo quanto é tipo, a dança,

Oficina é você se expressar quando você tiver muito aflito, muito bravo, você dançar pra você esquecer, relaxar o corpo, se jogar. Pra mim é divertido, arte é se divertir e divertir os outros, aí de pouco em pouco eu vou aprendendo. Nas oficinas eu posso passar a forma de vida que aconteceu comigo, eu posso passar para o outro em forma de desenho, numa forma de expressão de escritura e assim diversas formas de arte e cultura, como música, desenho, pintura em tela, artes cênicas, entre outras. É uma forma de você estar interagindo no meio da arte e da cultura, sem esses funcionários aí tocando nós, é descobrir o que está além da arte também. Talvez isso possa entrar na cabeça de um menino como uma nova perspectiva de vida, como um novo caminho que ele possa seguir, não só aqui dentro como opressão. Acredito que seja isso, que seja com esse propósito as oficinas, mas lá fora pode ser uma outra opção melhor : aprender aqui pra ensinar lá fora pra muitos outros que não sabem, seguir outro exemplo na vida a não ser o exemplo do crime. Então arte e cultura pra mim é você trabalhar o seu corpo, trabalhar as suas idéias, a sua arte, seu pensamento, e daqui para a frente eu vou ter algum futuro, vou fazer alguma coisa da vida.

G – Define pelo produto

Arte e cultura o nome já diz tudo, arte: você fazer e os outros gostar, coisas boas, você aprender a fazer objetos com a mão, criar coisas do seu jeito, que é você que vai produzir. Tem produção de tambor, berimbau, outros instrumentos. É uma coisa que você faz e que todo mundo admira, é você fazer a sua própria arte, um trabalho que você aprende a desenhar, aprende a pintar, aprende se expressar no desenho; faz o grafite pra você levar para a sua casa, faz coisas pra mandar para a família, o desenho e se você quiser deixar na unidade aqui pode. Arte e cultura ensina também a gente fazer umas coisas tipo com garrafa pet que dá pra reciclar, a gente utiliza de tudo, é bem bacana.

H – Atividades internas da Fundação CASA, cumprimento de medidas Socieducativas

São cursos, cursos aqui da Fundação, é a atividade que a gente faz, que trazem para a unidade, trazem cultura; tem a capoeira, aula de dança, professora de artes, é isso aí. É uma coisa legal, um negócio que pode adiantar nós, deixa eu ver... se você cai no nosso quarto, que é o 2, você vai ser recebido no nosso quarto, lá é só na paz e na família, se você ficar de boa lá não apanha dos funcionários e chega na sala, respeita as professoras e fica de boa, e faz as atividades que é as oficinas que estão ajudando eu a ir embora o mais rápido possível. Está cumprindo a medida sócio educativa aqui dentro, é uma coisa boa.

I – Resgate histórico, cultura e identidade

Eu ia falar pra ele que são oficinas culturais, oficina de arte e cultura é um pouco do cotidiano brasileiro de culturas que vem de antigamente; é uma capoeira, isso aí é uma cultura de antigamente, um negócio cultural, um negócio que fala do nosso povo, pra não deixar a

cultura morrer, um ato, arte do nosso país aqui, que mexe com cultura brasileira, essas coisas, o que a gente pratica, as artes que nós fazemos.

2. Na sua opinião para que servem as oficinas de arte/cultura?

Tabela 3 – Frequência absoluta e relativa sobre para que servem as oficinas de arte e cultura para os adolescentes, Projeto Educação com Arte, 2013.

Categorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa % (Respostas)	Frequência Relativa % (Pessoas)
A Cita as linguagens e seu aprendizado	8	3,21	4,10
B Resgate e história, cultura e identidade	17	6,83	8,72
C Entretenimento / Experimentação / Fruição Cultural	42	16,87	21,54
D Preparação para o mundo do Trabalho / Profissionalização	29	11,65	14,87
E Novas aprendizagens, desenvolvimento, novos interesses, criação e imaginação	92	36,95	47,18
F Possibilita formas de expressão, reflexão, auto conhecimento	36	14,46	18,46
G Mostra seu valor, sua capacidade de realização pelo produto	10	4,02	5,13
H Atividades internas da Fundação CASA, cumprimento de medidas socioeducativas	12	4,82	6,15
I Não Respondeu / não sabe	3	1,20	1,54
TOTAL DE RESPOSTAS	249		
TOTAL DE ENTREVISTADOS	195		

A – Cita as linguagens e seu aprendizado

Eu ia explicar pra ele que desenho é cultura e dança, capoeira também aquela capoeira comum, a da Angola, aquela mais rápida... Ia falar que as oficinas servem para a gente aprender a fazer uns quadros, aprender a dançar dança de rua, aprender arte da palavra.

A capoeira é pra você se exercitar e o desenho é pra você aprender cada vez mais, pra melhoria. Eu ia falar também que serve pra você de-

envolver a habilidade do desenho, no teatro, na dança de rua, treinar alguns movimentos, gingado; quem não tem coordenação motora na dança é pra você ter uma coordenação motora. Eu ia responder isso.

B – Resgate e história, cultura, identidade

A oficina dá pra você aprender vários tipos de cultura popular, afro brasileira, a história brasileira que é música, dança, arte e a capoeira também. Saber mais sobre a cultura e sobre nossos antepassados. Isso tudo serve, como eu vou te explicar... dependendo da ocasião, você vai estar praticando uma capoeira, que vem do afro africano, de muito tempo atrás, quando eles usavam como uma luta pra se defender (era uma forma dos escravos se defenderem dos brancos e era até proibido e hoje é uma coisa que muita gente gosta de fazer). Ou então pode ser do Hip Hop, que veio dos Estados Unidos, uma coisa também antiga. Com isso ele pode estar praticando uma coisa que ele vai estar gostando e vai estar adquirindo mais conhecimentos do passado.

Nas oficinas a gente aprende a ter mais cultura, a ter mais entendimento; que arte muitas vezes pode ser interpretada de uma outra forma: se ele pensa que arte é pichação, eu ia passar pra ele que não, arte pode ser um grafite, uma obra de arte, uma arte literária também. Tem vários tipos de arte e de cultura: teatro, uma música é uma arte, uma cultura, também os ritmos brasileiros e os escravos, Eu ia estar passando isso pra ele.

C – Entretenimento/ Experimentação/ Fruição Cultural

Serve pra que você possa esquecer um pouco os problemas; porque nós estamos numa situação um pouco difícil. Serve pra passar do tempo pra distrair um pouco a mente, ter ali um foco em alguma coisa. Porque aqui nós temos que encher, distrair o tempo, não ficar só pensando;

a gente também tem que esquecer um pouco do tempo.

Com as coisas boas que tem aqui, tipo essa arte e cultura, a gente não fica pensando em besteira, se ficar só pensando no mundo lá fora não vai adiantar em nada. O tempo passa mais rápido se você está ocupando em alguma coisa; não fica vegetando, parasitando na cadeia. As oficinas servem pra animar mais aqui dentro, pra fazer o tempo passar mais rápido, é legal e você se tranqüiliza. Pode estar ocupando a sua mente, sua cabeça através da arte e cultura pra não ficar chapado.

D – Preparação para o mundo do Trabalho/ Profissionalização

Serve porque você pode aprender alguma coisa aqui na Fundação e usar até pra fora daqui, como uma profissão. Se você gostar disso que é um curso cultural que tem várias profissões é muito bacana e você aprende alguma coisa. Tem alguns cursos que você faz aqui que você pode sair no mundão e você pode sobreviver com isso, tipo o negócio de grafite e dança de rua; se você souber fazer mesmo uns trabalhos maneiros, você sai no mundão e é tipo uma renda lá fora. As oficinas servem para o futuro, você pode estar utilizando lá fora como profissão. No mundão você pode praticar e mudar o seu estilo de vida, você pode trabalhar com negócio de artes.

E – Novas aprendizagens, desenvolvimento, novos interesses, criação e imaginação

Esse novato é curioso! As oficinas é bom para a nossa aprendizagem maior que é a aprendizagem da arte, coisas que a gente não teve lá fora (a gente estava sempre na rua, longe de escola, longe de trabalhos como esses). Serve pra você aprender e adquirir mais pique, pra ter interesses. Se você não quiser você não é obrigado a fazer, mas eu procuro fazer porque eu gosto, se eu não gostasse eu não estava fazendo.

É interessante aprender mais porque é sempre bom adquirir mais conhecimento; aqui você aprende a fazer uma atividade melhor um aprendizado em cima da arte e cultura, em cima da oficina, serve pra você adquirir algum negócio pra te mostrar novos caminhos e pra você levar para a sua vida, aprender coisas que você não aprendia lá na rua. Se ele perguntar mais alguma coisa eu falo pra ele isso aí, que é pra estar buscando a nossa melhora, desenvolver mais mentalmente, pra aprender coisa nova O que a gente aprende aqui não vai esquecer porque isso é uma arte que a gente faz, e é uma coisa a mais, é uma experiência nova na vida. Se não teve antes, aqui dentro você aprende mais porque no mundão é bem difícil a gente ter esse contato. Tudo isso vai ajudar bastante você na sua vida, você vai ter mais conhecimento, pode ensinar outras pessoas ou pode se auto ajudar e ver que esse bagulho de quimio não vale pra ninguém; se for esperto e não usar mais a vida do crime vai poder estar interagindo no meio da sociedade, não tomar uma atitude precipitada e estar sendo encaminhado de novo pra Fundação Casa. gual o professor estava falando hoje, muitas vezes a gente não muda de vida por causa que não conhece a cultura, aí quando conhece muda de vida, a cultura é uma coisa muito boa. Serve pra você levar como uma lição, um exemplo de vida, de tudo o que você aprendeu com a arte e cultura que pode mudar a sua vida através de você praticando uma capoeira, uma arte da palavra, artes plásticas. É isso.

F – Possibilita formas de expressão, reflexão, auto-conhecimento

Pra que serve tudo isso? É criatividade, pra você usar a imaginação. Serve pra você se identificar com algum desses cursos pra você desenvolver o seu eu. Às vezes você pode ouvir, falar, da cultura e da arte e ficar meio que, “esse negócio é chato”, só que você vai desenvolvendo com o professor e aí você vai achando que é totalmente diferente quando consegue achar a calma num quadro que você está pintando, na mú-

sica você consegue desenvolver umas caminhadas. Então é uma forma de se expressar, tirar as mágoas. Quando eu estou bravo eu faço música. Através do teatro cada dia você é uma pessoa, você faz uma pessoa diferente, cada dia você tem que ser uma pessoa mais e mais alegre, divertida, não fica na mesma rotina de ser uma pessoa mal humorada. E se eu tiver focado no desenho, é no desenho que eu foco, é ali que vai toda a minha sabedoria, a mente vai longe, é muita coisa boa, eu não consigo nem explicar porque você imagina o grafite e faz. Então eu ia falar que serve para passar como eu sinto, ali me expressando pelos quadros ou pelas coisas como música, serve para as pessoas entenderem e compreenderem o que eu quis dizer, o que eu quis expressar com aquilo, o que aquilo vem trazer de bom pra mim. É isso que eu tento passar pra as pessoas e é pra isso que serve.

G – Mostra seu valor, sua capacidade de realização pelo produto

Dá para fazer arte com garrafa, pra pegar caixas de leite, um negócio que você aprendeu e você pode até colocar em cima da estante pra deixar de enfeite. Serve pra você desenvolver, pensar, colocar alguma coisa que você sente no quadro, fazer umas esculturas; se eu pegar uma folha, um papel eu faço um desenho extraordinário.

Quando tiver lá fora, lá em casa a gente vai poder fazer uns quadros, ficar desenhando; tem muita coisa no curso de artes plásticas, muitas coisas legais para a gente se empenhar, fazer trabalhos pra nós mesmos e pros outros pode fazer uma apresentação por exemplo. E é bom também porque muitas crianças também vão ver o show desses bonequinhos, eles se divertem pra caramba.

H – Atividades internas da Fundação CASA, cumprimento de medidas socioeducativas

E pra te ajudar na sua Medida, faz parte de um relatório, faz parte da pedagogia, faz parte do Cenpec, vai tudo para o portfólio e vai para o juiz também pra ver se você está indo bem, se você tem um bom comportamento na Fundação. Serve para o juiz pensar que você está fazendo alguma coisa, que você está estudando, que você está fazendo uns cursos. No seu relatório vão ver que você está fazendo tudo aqui dentro pra melhorar vão ver que você está pronto pra sair, ajuda, a você ir embora daqui, sair daqui mais rápido.

I – Não respondeu / não sabe

Pra arte... Não sei não. Não sei pra que serve, sinceramente ... eu não sei.

3. Como é essa pessoa que veio se visitar? Fale um pouco dela, como ela é.

Tabela 4 – Frequência absoluta e relativa a respeito da percepção dos adolescentes sobre sua auto-imagem, Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, 2013.

Categorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa % (Respostas)	Frequência Relativa % (Pessoas)
A Descreve-se por meio da história de vida	15	5,91	7,69
B Alegria espiritual	4	1,57	2,05
C Descreve-se por atividades que gosta ou não gosta de fazer	17	6,69	8,72
D Descreve-se pela aparência pessoal	19	7,48	9,74
E Descreve-se por meio de talentos e habilidades descobertas	5	1,97	2,56
F Reconhece aspectos positivos em si ou se reconhece com aspectos positivos	86	33,86	44,10
G Ressalta aspectos depressivos e/ Triste , constrangimento	12	4,72	6,15
H Reconhece aspectos positivos e negativos em si de falar de si	16	6,30	8,21
I Em mudança	63	24,80	32,31
J Descreve-se de forma pragmática	10	3,94	5,13
K Descreve-se como tímido, introspectivo, reservado	7	2,76	3,59
TOTAL DE RESPOSTAS	249		
TOTAL DE ENTREVISTADOS	195		

Tabela 5 – Frequência absoluta e relativa a respeito da percepção dos adolescentes sobre sua auto-imagem em relação a aparência física e vestimenta, Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, 2013.

Categorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa % (Respostas)
D1 Descreve-se por características físicas	14	73,68
D2 Descreve-se pelas vestimentas	5	26
TOTAL DE RESPOSTAS	19	

A - Descreve-se por meio da história de vida

Pessoa que reconhece que cometeu um ato infracional

É uma pessoa que cometeu um ato infracional, que está cumprindo a medida sócio educativa e que vai aprender coisas novas. Tomou uma atitude que não era correta. Essa pessoa aqui, antes de tomar essa atitude, era evangélico, ia para a igreja, tinha até um trampo. Foi uma forma que essa pessoa viu de poder ajudar a sua família, só que não era uma coisa boa e ela começou a se envolver no crime, conhecer pessoas erradas. Vivia roubando, não queria saber de nada, aí não ia mais para a escola, só puxava Febem, não queria saber de morar com a mãe, só queria saber de roubar e traficar.

Eu era essa pessoa, que tomou uma atitude precipitada e acabou acontecendo o que aconteceu: veio encaminhado para a Fundação Casa. Essa pessoa já passou várias coisas, vários sofrimentos, é meio difícil explicar, é uma estória grande. O pai abandonou com 8 anos. Já trabalhou na rua, no farol jogando bolinha, até de cobrador, aí depois entrou pra essa vida e deu no que deu. É uma pessoa que sofreu muito na vida, que tem muita mágoa, que era rude, ignorante, mal amada, que no pensamento dela, era uma pessoa sozinha no mundo.

Pessoa que “deu azar”

É uma pessoa tranqüila; esse B.O foi forjado, ela não teve culpa, mas o difícil vai ser fazer o juiz acreditar; estava fazendo curso, tinha voltado a estudar, estava tentando recomeçar uma nova vida, só que aí estava no lugar errado e na hora errada. É tranqüilo, calmo, conversa bem, já trabalhou algumas vezes, já trabalhou até registrado uma vez numa distribuidora de papel, é isso.

Usuário de droga

Igual eu, é a mesma pessoa. Ela é meio doida, que nem eu, faz um monte de besteira. Era uma pessoa muito ruim, não gostava de estudar,

não fazia nada, não obedecia à mãe, só ficava usando droga, não queria saber de fazer mais nada, perdeu a cabeça nas drogas, se afundou nas drogas, aí começou a roubar, aí caiu aqui dentro.

Alguém que gosta, se preocupa, quer ajudar a família

Esta pessoa sempre deu valor para a família. Gosta da sua família. No tempo que ela está aqui na Fundação Casa, teve várias oportunidades, que ela não teve lá fora, de estudar. Foi incentivada pelos funcionários públicos, pessoas que sempre ajudaram essa pessoa a correr atrás, a dar valor à sua família, a dar valor aos seus pais, a sua irmã, a seu irmão. Descobriu que quem olha mais pra ele é a mãe e os irmãos. É estudiosa, mas não deu tempo de terminar os estudos porque estava trabalhando pra ajudar a minha família.

O mundo ensina! Mostra para a pessoa que ela podia estar com a família, dar valor pra ela e seguir em frente, arrumar uma coisa mais especial pra ele e para a família, seguir uma vida tranqüila, sem olhar pra trás, sem ficar preocupado na hora de dormir, sem ficar pensando nas coisas que aconteceram, sem o pessoal ficar falando, “para, para com isso, isso não é vida pra você não, puxa o seu pai, segue a metodologia do seu pai”.

O invisível

Como é essa pessoa? É uma pessoa que, não sei como falar, é uma pessoa que tem interesse, que achou que se caísse aqui dentro os outros olhavam mais pra ela, porque lá fora as pessoas só sabiam pisar nela, e estando aqui, achava que iam olhar mais pra ela, aí viu que tudo era diferente, que ninguém olha pra ninguém.

B - Alegria espiritual

Essa é a visita que você recebe, a visita que Deus pode te dar. As vezes você se fala sozinho: caramba, não era pra mim estar aqui; mas é o

espírito mandando você falar, o espírito é uma coisa boa dentro de nós. É uma alegria você visitar você mesmo; é como trazer alegria para a sua alma, para o seu espírito, para o seu cotidiano, a sua alegria de cada dia, o Espírito Santo, Deus, é difícil explicar, a alma, cada dia você ficando mais e mais feliz.

C - Descreve-se por atividades que gosta ou não gosta de fazer

Atividades Esportivas

A pessoa que sou eu gosta de praticar esporte, jogar bola, nadar e surfar, mas não posso jogar mais porque eu levei um tiro.

Atividades de arte e cultura

Essa pessoa sou eu gosta de participar de projetos nesse espaço que eu tenho durante o dia, que é fazer as oficinas, o desenho, a capoeira. Eu gosto muito de capoeira, queria fazer lá fora, eu estou fazendo aqui dentro, gostei, quero me aperfeiçoar e fazer lá fora também, aí através desse negócio eu quero ver se eu consigo arrumar um serviço. Eu sou um adolescente, tem atividade que eu gosto, tem atividade que eu não gosto, atividade que eu não gosto eu falo se você tem a possibilidade de estar me tirando do curso, atividade que eu gosto eu falo que eu quero permanecer nesse curso. Também gosto de estudar, mas lá fora eu parei de estudar porque eu fui expulso.

Atividades de lazer

A pessoa é igual a mim. O que eu gosto de fazer? Eu não sei não, tem hora de alegria, várias bagunças, gosto de me divertir, eu gosto de assistir televisão, jogar dama, dominó e ping pong. Eu gosto de sair pra vários lugares, de ir pra eventos, é assim a minha vida; eu gosto de conversar, de soltar um pipa, andar de moto e de bicicleta, de sair com os amigos, ir para o salão zoar um pouco e fazer um monte de coisas. Gosto de fazer vários tipos de coisa que eu vejo que é bom pra mim, o que não é bom pra mim eu não faço.

D – Descreve-se pela aparência pessoal

D1-Descreve-se por características físicas

- É o coração?... A minha pessoa é assim... 1 metro e 71, branco, cabelos castanho escuro, olhos castanhos,

- Eu já tinha imaginado outra coisa. Tipo está mostrando um buraco, tipo o coração dele, aí eu estava pensando no meu pai... Aí eu tenho que falar como eu sou? Eu sou moreno alto, mais ou menos 1 metro e 70 ...

- É branca, tem olhos claros, cor de mel... É um cara humilde.

- Ela (a pessoa) é morena, tem o olho claro, cabelo pintado...

- E aí cara, como é, nunca te vi. Ela é igual eu, tem olhos verdes, umas roupas diferentes de mim e eu vejo ela profundamente na minha mente... Tem boca grande, nariz pequeno, ... os olhos são pequenos...

- Igual eu, é moreno, cabelo enrolado, olho castanho. É uma pessoa boa, igual eu, é isso....

- ... Moreninho, olhinho claro, cabelo cortadinho, só.

- Como eu sou... eu sou branco, uso aparelho...

- sou eu, eu sou moreno, negro...

- ...é magro, bem magro, não muito gordo e nem muito magro...

- ... É magrinho...

- É semelhante a mim....como eu, a mesma fisionomia do que eu. Sou eu, sou branco, tenho tatuagem na mão, tenho tatuagem na perna, meu olho é castanho, tenho cabelo preto, é o que eu sei.

- ...Ela é uma pessoa um pouco alta, morena...

- ...Uma pessoa branca, não tem como falar não.

D2- Descreve-se pelas vestimentas

Eu ia falar, nossa, você é muito legal. É eu, bem vestido, bem arrumado. De tênis, calça e blusa... ando nos kit, tênis novo, blusa do ano, blusa nova. Esse sou eu de óculos, do meu jeito, cabelo cortado, cheio de tatuagem, corrente e relógio bacana. Só roupa nova, só roupa de marca, de Fundação Casa não vira não.

E - Descreve-se por meio de talentos e habilidades descobertas

É uma pessoa que sou eu, que está aqui, e aqui você descobre que você tem uma arte, que você pode fazer uma arte, eu não sabia que eu tinha essa facilidade pra fazer as coisas, aí quando eu aprendi, veio um professor e ensinou, eu fiquei esperto pra fazer as coisas. Eu não sabia que tinha dentro de mim, eu não sabia que eu tinha a habilidade de desenhar, de fazer grafite, de dançar, eu descobri isso aqui dentro da unidade. Eu me dei bem com a arte da palavra, ensinou bastante coisa pra nós, tem também o dança de rua, que é o hip hop, que é uma cultura que eu também não conhecia.

Essa pessoa sou eu, mas é totalmente diferente do que eu era antes, dentro de mim tinha diversos talentos que estavam escondidos e que aqui eu estou tendo a oportunidade de estar desenvolvendo eles pra por pra fora, talento da arte, que na arte também, na artes plásticas não é só simplesmente pintar, se desenvolve várias coisas, a paciência, a delicadeza de saber misturar as cores, diversas coisas. A música também, eu não gostava desse negócio, ouvir a música é gostoso, agora você tocar é difícil, os instrumentos, não sai o som que você quer, você fica impaciente, fica nervoso, você acha que não consegue, que é incapacitado, mas com um pouco de treino você consegue tudo.

Nos cursos também você faz uns negócios maneiros pra você mandar para a sua casa, tem várias coisas boas, o que eu não apreciava no mundão, aqui eu estou vindo a apreciar. Essa pessoa é uma pessoa que não desenvolvia essas atividades lá fora, aí quando você consegue desenvolver alguma atividade você vai mostrar quem você é de verdade, os seus talentos. Tem pessoa que tem talento aqui principalmente pra desenvolver música, quadros, tem muitas pessoas que tem esses talentos e tem uma pessoa pra estar conduzindo você assim, aí você consegue progredir, sempre progredir.

F - Reconhece aspectos positivos em si

Se descreve inteligente, interessado, esforçado

Essa pessoa saiu de dentro de mim, essa pessoa, que sou eu, é uma pessoa legal, sabe ver as coisas, aprende as coisas rápido porque eu sou um menino interessado, inteligente ou mais ou menos inteligente, que estuda, que trabalha, procura sempre estar sabendo as coisas, quer se aprofundar, adquirir mais conhecimento. É uma pessoa que tem vontade de aprender e de ensinar para os outros também, gosta de levar as coisas pra fora, gosta de trabalhar e gosta das atividades, estuda bem, não tem dificuldade nem pra ler, nem pra escrever, presta muito atenção, observa muito e tem umas conclusões.

Essa pessoa sou eu, um bom menino, um bom aluno, curioso, criativo e quero saber de tudo. Sou bastante esforçado, bem atencioso nas atividades, nas coisas que eu interajo, gosto de tirar umas dúvidas porque tenho bastante potencial então essa pessoa é uma pessoa batalhadora que corre atrás dos seus objetivos, dos seus sonhos, nunca desiste.

Eu caracterizo ela como uma pessoa especial, uma pessoa que tem um caráter de liderança, que sempre quer conquistar os seus objetivos.

Se descreve como comunicativo, afetuoso, gosta de conversar, ajudar os outros

É uma pessoa super simpática que faz amizade com pessoas certas pra ela, sabe se enturmar com qualquer tipo de pessoa, se interage bem, respeita pra ser respeitado. Eu gosto de conversar com todo mundo, conversar sobre as coisas do mundão, essa pessoa se interage bem com todos os que estão ao seu redor, é prestativa e atenciosa.

Essa é a pessoa que eu sou, que gosta de dar atenção e carinho pra as pessoas, não gosta de ver ninguém triste, tenta sempre estar procurando trazer uma palavra de conforto; no que ela pode fazer pelo próximo ela faz, até o que ela não pode ela tenta se esforçar pra fazer,

é isso. Eu gosto de conversar bastante, sou amoroso, eu trato as pessoas bem, gosto de tratar igual, ouvir os problemas da pessoa que gosta. Vamos dizer assim que essa pessoa tem amor ao próximo é pessoa bem comunicativa, também tem várias características aí da hora, que é só mesmo convivendo pra perceber.

Se descreve como alegre divertido

Eu vou falar sobre eu, sobre a minha pessoa. Eu sou uma pessoa legal, divertida, praticamente as duas coisas. Uma pessoa feliz. Sou eu mesmo, quem me conhece profundamente.

Então a pessoa que veio me visitar é muito animada, muito alegre também que não se irrita com poucas coisas, leva muito na brincadeira, mas quando é o momento sério assim, tem que levar na seriedade. O que eu mais gosto mesmo é de brincar, puxar conversa, contar alguma coisa engraçada para a pessoa, dar risada, se divertir.

Sou brincalhão, muito alegre, e você, como você é?

Se descreve como uma pessoa boa, humilde, educada e calma

Essa pessoa que veio me visitar é um adolescente que é bom, suave, calmo, da hora, uma pessoa da hora que quer sair dessa. Sou eu. Tento ter bastante calmo, preciso ter paciência. Ela é uma pessoa boa, gosta muito da mãe dele, tem uma família boa, gosta muito da família dela. Eu sou calmo, sou tranquilo, não desrespeito ninguém, tenho que procurar amizade, as melhores, que não são todas. A pessoa é igual eu, tem a minha idade, tem transparência, tem educação e respeito, não tem maldade, não tem ódio de ninguém. Eu me acho educado, honesto, gentil, humilde, tem muitas coisas boas dentro de mim. Esse é o meu melhor, pra mim é isso que eu sou, uma pessoa boa.

Se descreve como alguém que procura olhar o lado bom e supera obstáculos

Essa pessoa é o meu interior, que veio me visitar. Quando eu estou

chateado, fico pensando em coisa boa, aí passa, eu consigo ficar mais sossegado. Essa pessoa procura sempre fazer as coisas da melhor forma possível pra não se prejudicar, as vezes tem algumas falhas, mas tenta se superar, procurar novos objetivos pular os obstáculos da vida, aquelas coisas que estavam prejudicando muito. A pessoa, quando está triste faz de tudo pra ficar contente, esquecer tudo de ruim que se passou lá fora, fazer as coisas melhores.

Se descreve como bonito

Eu sou bonito, só isso mesmo.

G - Ressalta aspectos depressivos e/Triste, constrangimento de falar de si

É um pouquinho difícil... Você de frente pra você mesmo, eu tenho vergonha. Eu travaria se eu me visse mesmo pela frente, eu travaria. Eu não consigo falar de mim, deu um branco... O que eu vou falar de mim, eu sou muito nervoso de vez em quando a raiva sai de dentro de mim. Eu vou falar o que? Travou o ciclo. As vezes eu acho que é ruim ficar sem visita, mas quando a visita vem de dentro de você, eu acho que é difícil mas dá pra aguentar, porque quando você faz coisa errada lá fora tem que saber as consequências. A mãe não errou, quem errou foi nós, não foi a família. Aí quando eu fico pensando, eu penso na minha mãe, aí eu começo a chorar, os moleques do meu quarto ficam conversando comigo também, aí eu desabafo com eles, quando eles estão com problema também desabafam comigo. A pessoa que está aqui dentro, é uma pessoa que não está normal, que está infeliz por estar aqui dentro, sei lá, não tem olho, só tem a sombra assim, ando pra lá e ela anda junto, ando pra cá e ela anda junto. Estou preso, vendo a família vir visitar, esperando a audiência, não cortei a barba, estou aqui dentro preso entrando em depressão. A mente que está muito pesada na cadeia aqui dentro É que eu estou aqui dentro preso. Não quero mais falar, por den-

tro eu ia falar tudo, não tinha como mentir, não tenho mais o que falar porque eu não estou muito feliz de estar aqui dentro, eu estou privado da liberdade, eu quero ir embora, quero ver a minha mãe, ficar do lado dela pra sempre.

H - Reconhece aspectos positivos e negativos em si

Sei lá, não sei, é difícil, eu não consigo falar de mim, acho que é uma coisa boa, você está se vendo a si próprio, vai estar se olhando e se vendo, é bom. Queria eu poder fazer isso, pra me ver como é que eu estou. Ia ser bom, não é? Eu posso ser um cara bom ou um cara ruim que tem suas dificuldades, mas também tem as suas qualidades, seus defeitos. Essa pessoa deve ser tranquila, carinhosa, deve ter muito amor pra dar porque é uma pessoa bacana, que tem respeito, tem humildade, sabe chegar, sabe sair, sabe levar as pessoas, sabe tratar atitude, não precisa ser arrogante, sempre trata no respeito, fala no respeito, trata todo mundo igual, da mesma maneira. Mas tem vezes que fica muito injuriada, mas é normal, é a vida, de vez em quando a raiva sai de dentro de mim porque sou muito nervoso, irritado e um pouco descontrolado também. Ninguém me conhece melhor do que eu, nem a minha família. Essa pessoa que veio se visitar tem muitas qualidades, tem bom senso, sabe diferenciar uma coisa da outra, só que nessas qualidades acabam aparecendo umas iniquidades também; todo mundo tem isso, tem uma coisa que colabora e uma coisa que não colabora, uma coisa que concorda e outra coisa que não concorda e também Eu gosto de falar bastante, não gosto de ouvir não, mas gosto de falar bastante, sou bem extrovertido. De vez em quando sou brincalhão ou chato porque a pessoa é muito curiosa, só faz pergunta, gosta de estudar um pouco, é um pouco inteligente, presta atenção mas as vezes também tem dificuldade em aprender. Apesar das coisas boas, essa pessoa teve os seus defeitos no passado, foi para a vida do crime, um caminho estreito que

não leva você a lugar nenhum, a não ser a cadeia e a morte só, isso eu sei melhor do que eu mesmo, só eu posso saber isso aí.

Gosto de fazer coisas interessantes, mas comecei a me envolver com coisas erradas, fui pela cabeça dos outros, e eu gostei. Então primeiramente eu peço pra Deus me tirar desse caminho. Minha família fala que eu sou uma pessoa boa de coração, sei compartilhar as coisas, mas o meu mal mesmo foi ter vindo parar aqui. Aqui dentro desse lugar eu não consigo pensar muito não, é difícil.

I - Em mudança

Essa é uma boa pergunta, a pessoa que veio me visitar vai ser a personalidade da reeducação, que hoje eu me encontro aqui pra ser feito essa reeducação em mim, aí essa pessoa que vai vir me visitar é um novo ser. Sou eu praticamente, só que de outro jeito, com roupas normais da rua e diferente, porque antes só fazia coisas erradas.

O que eu posso falar é que essa pessoa que está saindo de dentro de você está pensando no seu bem. Eu paro e pergunto pra mim mesmo a vida que eu escolhi pra mim.

Então a pessoa que veio me visitar é uma pessoa que saiu dentro de mim pra falar dos erros que eu cometi, que eu posso estar mudando, que posso estar mudando de pessoa, do mal para o bem, que a pessoa que está saindo de dentro de mim é uma pessoa boa que quer me ajudar a mudar de vida.

Aqui você aprende o que é certo e o que é errado, você aprende a não praticar mais o que você praticou; essa pessoa que eu era antes não era boa; então eu falaria pra ela pensar mais antes de fazer alguma coisa, dar mais valor à quem o ama e tirar todas as coisas ruins que eu estou na cabeça.

A pessoa que veio me visitar eu acho que é o meu espírito ou uma alma do bem, que quer praticar o bem. Até um tempo atrás era fazer maldades, roubar; meu intuito era de matar, fazer coisas que não era

pra eu ter feito. A partir do momento em que eu vim parar aqui na Fundação, tem seu lado bom e seu lado ruim, o lado ruim é a família, estar longe da família, ficar longe da mãe, ficar fazendo o que os outros mandam e o lado bom foi que aqui dentro mesmo eu aprendi a ler, a escrever, estou com outra mente, estou com uma visão mais ampla, os professores da educacional me ensinaram outras coisas, aprendi a dialogar com as pessoas de outra maneira.

Essa pessoa sou eu, mas aí a alma está querendo me ajudar pra eu sair dessa vida, querendo coisas boas, não querendo que eu faça coisa ruim, querendo que eu volte a trabalhar, estudar, que tenha uma boa vida com a minha família.

Eu era uma pessoa legal, bondosa, mas que estava querendo mudar de vida, mas infelizmente não deu, essa desgraça da vida aconteceu aí, não deu certo porque no mundão, acordava, não queria saber de trabalhar, só de roubar, namorar, gastar, comprar moto, esses negócios, não pensava em nada de melhor.

Hoje eu já tenho outra visão, pra mim ter uma melhora de vida mesmo, sem fazer a minha família sofrer. Eu tenho que praticar algumas coisas que aos olhos da lei é o correto, eu não posso praticar roubo, não posso vir a roubar. Pra mim estar conquistando as minhas coisas eu tenho que estar indo trabalhar e estar conquistando dignamente, não vou estar fazendo os meus familiares sofrer porque a minha mãe já é uma pessoa de idade, é isso aí, bola para a frente, chorar no leite derramado, agora já era.

Para essa pessoa que veio se visitar eu ia falar, você é bonito... você joga muito e nós vamos mudar. Eu falaria pra mim sair dessa vida, eu queria estar lá no mundão pra não voltar mais pra esse lugar, saudade dos amigos, saudade da família, uma pessoa querendo mudar, uma pessoa pensando no futuro e querendo dar para a mãe e provar pra todos que você pode chegar lá em cima.

J - Descreve-se de forma pragmática

Eu sou quieto, procuro não entrar em conflito com os menores, procuro ficar mais quieto assim, passo pelos funcionários, peço licença pra não ficar levando esculacho, fico quieto, só fico na minha mesmo. Eu sou um cara que eu gosto das coisas, me interesso pelas coisas, uma pessoa normal, simples só que infelizmente cometi alguns crimes e cai aqui dentro, infelizmente eu fiz a coisa errada e tenho que assumir.

A pessoa que veio me visitar seria uma pessoa que jogaria a realidade, umas dicas pra mim, pra eu me comportar na unidade, pra eu seguir a disciplina e continuar, obedecer às regras aqui de dentro, fazendo a dele pra estar indo embora o mais rápido possível, pra ir embora. Ela é uma pessoa normal, cometeu um ato infracional e está preso, fez coisa errada lá fora, é isso. Está cumprindo agora uma medida, está fazendo todos os cursos, praticando as atividades que também podem me ajudar futuramente. Mesmo se algum dia ou for continuar no crime, ou parar, ou trabalhar, pode me ajudar em alguma coisa, tem que saber de tudo um pouco pra aprimorar a minha mente; sou feliz em estar aqui também porque eu poderia estar em outro lugar ou morto por aí, sou feliz aqui.

K - Descreve-se como tímido, introspectivo, reservado

A visita, sou eu, é quieta, não fala muito, só fala com a professora mesmo, não gosta de muita intimidade. Não gosto de ir pra casa de familiar, de ficar saindo, gosto mais de ficar só na minha casa, não gosto de muita visita também, eu sou bastante sozinho. Quietão mesmo, até em casa a minha mãe fala, ninguém conversa comigo, eu fico meio perdido e quero ir embora logo também, não quero ficar aqui.

A seguir apresenta-se as tabelas com a frequência de categoria de respostas extraídas das falas dos meninos referente ao lugar que estariam, pessoas que encontrariam, e roupas que estariam vestindo quando se imaginaram no “mundão” seis meses após a saída da Fundação CASA. As respostas revelam escolhas pontuais que não produzem um discurso. Porém a observação de frequência de respostas nas tabelas pode nos mostrar um pouco da projeção que os Meninos tem a um futuro próximo.

4. No mundão: para onde você está indo?

Tabela 6 – Frequência absoluta e relativa de onde o adolescente imagina que estará 6 meses após a internação, Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, 2013.

Categorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa % (Respostas)	Frequência Relativa % (Pessoas)
A Casa (família, filhos)	18	8,57	9,23
B Escola, curso	38	18,10	19,49
C Trabalho (já está trabalhando ou está procurando)	39	18,57	20,00
D Encontrar namorada	20	9,52	10,26
E Encontrar amigos e/ou parceiro	18	8,57	9,23
F Diversão, lazer	52	24,76	26,67
G Igreja	5	2,38	2,56
H Alimentação	10	4,76	5,13
I Atividades que não são legalmente permitidas	10	4,76	5,13

TOTAL DE RESPOSTAS 210
TOTAL DE ENTREVISTADOS 195

5. No mundão: como você está vestido? Descreva em detalhes.

Tabela 7 – Frequência absoluta e relativa a respeito de como o adolescente imagina sua vestimenta 6 meses após a internação, Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, 2013.

Categorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa % (Respostas)	Frequência Relativa % (Pessoas)
A Roupas formais	7	2,62	3,59
B Roupas informais	128	47,94	65,64
C Marca	52	19,48	26,67
D Uniforme da escola	2	0,75	1,03
E Uniforme do trabalho	6	2,25	3,08
F Descreve acessórios	38	14,23	19,49
G Acessórios, objetos "ilícitos"	1	0,37	0,51
H Corte de cabelo	33	12,36	16,92

TOTAL DE RESPOSTAS 267
TOTAL DE ENTREVISTADOS 195

6. No mundão: quem você encontrou no meio do caminho?

Tabela 8 – Frequência absoluta e relativa a respeito de quem o adolescente imagina que encontrará 6 meses após a internação, Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, 2013.

Categorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa % (Respostas)	Frequência Relativa % (Pessoas)
A Família	32	16,41	16,41
B Amigos / colegas	91	46,67	46,67
C Namorada / menina	31	15,90	15,90
D Parceiro / pessoa que pode levar ou esta no crime	26	13,33	13,33
E Vítima	3	1,54	1,54
F Não sabe se iria encontrar os amigos bons ou ruins	5	2,56	2,56
G Pessoa que estava na Fundação CASA	1	0,51	0,51
H Patrão / companheiro de trabalho	4	2,05	2,05
I Eu mesmo	2	1,03	1,03

TOTAL DE RESPOSTAS 195
TOTAL DE ENTREVISTADOS 195

7. No mundão: a pessoa perguntou o que você anda fazendo?

Tabela 9 – Frequência absoluta e relativa a respeito do que o adolescente imagina que estará fazendo 6 meses após a internação, Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, 2013.

Categorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa % (Respostas)	Frequência Relativa % (Pessoas)
A Trabalho	33	11,38	16,92
B Estudo	25	8,62	12,82
C Estuda e faz bicos	77	26,55	39,49
D Lazer	61	21,03	31,28
E Convivência familiar e/ou comunitária	64	22,07	32,82
F Igreja	10	3,45	5,13
G Futuro projetado no passado	8	2,76	4,10
H Sem perspectiva	12	4,14	6,15
TOTAL DE RESPOSTAS	290		
TOTAL DE ENTREVISTADOS	195		

Tabela 10 – Frequência absoluta e relativa a respeito do que o adolescente imagina que estará fazendo em seus momentos de lazer 6 meses após a internação, Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, 2013.

Categorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa % (Respostas)
D1 Usfruindo de momento ocio	24	8,28
D2 Circulação, fruição e experimentação cultural	37	12,76
TOTAL DE RESPOSTAS	290	21,03

A – Trabalho

Estou trabalhando

Já faz 6 meses, eu vou falar do meu dia a dia, do que está se passando e eu vou perguntar do dia a dia dele, do que ele está passando, que eu ando fazendo tudo diferente, não ando mais fazendo o que eu fazia antes eu falo que eu estou de boa e pretendo ficar desse jeito, só. Logo após de eu sair preso, estou trabalhando, ganhando uma vida melhor, estou andando bem, graças a Deus. Ajudando o meu pai em casa lá, vou dar um tempo com ele, trabalhando, conquistando o que eu sempre quis com o meu suor, estou na correria de sempre, trabalhando muito, o serviço lá está exigindo muita hora extra, eu tenho que estar me desdobrando,. É muito cansativo ficar mexendo massa, carregando bloco, ouvindo o patrão enchendo o saco no ouvido, eu nem tenho tempo pra as refeições direito, por falta de funcionário, aí a gente tem que se desdobrar, a gente não pode deixar, a firma precisa de nós.

Estou levando a vida também fazendo muita pizza, correria direto, aparece lá qualquer hora pra você estar comendo uma, do trabalho eu vou pra casa levando o pão, de casa para o serviço e assim vai indo no dia a dia, todo dia a mesma rotina e estou indo pra casa agora. E se essa pessoa for uma pessoa que andava comigo, que roubava comigo, eu vou falar pra ela, eu desejo o mesmo pra você, que você vai pelo mesmo caminho que eu estou agora, eu antigamente era só caixão ou ficar preso novamente.

Na correria, na sobrevivência

Eu falo que eu ando fazendo, trabalhando um pouco, o meu dia a dia é trabalhando, quem sabe pode ser num serviço honesto ou de outras formas também, que no caso é fora da lei, pode ser em uma das partes, tudo tem seu jeito, vai de cada um, cada pessoa e no período da noite fazendo coisa errada, mexendo com roubo, tráfico, esses negócios. Eu ando correndo atrás de tudo isso, não só de dinheiro, que faz parte

também, mas em tudo.

Procurando emprego

Eu falo, acabei de sair da Fundação eu estou no mundão, no momento estou tentando um serviço, procurando um serviço pra mudar de vida ser uma outra pessoa longe de tudo aquilo, das drogas, daquele mundo, que o crime é podre, uma hora vai cair e quando cair é feio, se não cair na Fundação Casa cai pra um lugar pior, ou morrer, se lá

É ruim ficar longe da minha família, não saber notícia das pessoas que eu gosto, não saber nada, tudo o que os caras mandam tem que fazer, como obrigação, como medida sócio educativa, as vezes o bagulho não tem sentido.

Eu estava 6 meses lá dentro, perdi tanta coisa aqui fora, eu vi que lá não compensa nada, me privaram da minha liberdade.

Vou ficar suave, arrumar um trampo e seguir minha vida, lá eu sei que eu estava perdendo uma boa parte da minha vida, mas lá eu tirei proveito, um grafite ou a lição, de alguma forma para eu ver que não foi um tempo perdido. No mundão é da mesma forma, só que eu vou ter mais opções de vida, tenho os meus objetivos de mudar, Daqui para a frente e eu vou arrumar um emprego, eu vou na casa da minha tia pra ver se ela conseguia um emprego pra mim, porque essa vida não é pra ninguém, vou trabalhar como eu trabalhava, de publicidade antes, eu vou ficar sossegado, eu vou ficar de maior, então eu não vou ficar nessa vida do crime. Depois de 1 ano vou sair correndo atrás de serviço.

B– Estudo

Eu vou falar, estou de boa, estou estudando, eu falaria o que eu estaria fazendo na verdade, indo para a escola, fazendo curso, não mentiria não, eu não tenho mais vergonha de falar o que eu estou fazendo, antes eu tinha vergonha de falar, tipo assim, se eu tivesse fazendo uma lição, pra mim era vergonha, mas estar fumando um baseado pra mim

não era, estar fumando um baseado era a coisa melhor do mundo. Ando me afastando dos caminhos maus, parei com a vida do crime, no meu dia a dia eu estou indo para a escola ou para faculdade, vou aprender um negócio que é interessante, não quero mais me envolver nessa vida, estou indo estudar. Então eu tenho que mudar pra não estar voltando pra lá de novo, parei de fazer coisa errada. Acordando às 6 horas da manhã, ia estudar, estou sendo uma pessoa agora excelente, fazendo as tarefas de casa, procurando fazer novas amizades.

Eu ando fazendo uns cursos aí também, que lá dentro eu fazia e aqui fora eu vim correr atrás, eu quero aprender mais sobre artes, estou fazendo street dance, umas aulas de desenho também, aprendendo música (eu tenho muita vontade de aprender música). Eu vou levando a vida na medida do possível, é muito bom, essas coisas que eu estou fazendo estão me ensinando a ter mais responsabilidade, é muito legal, estou procurando outros cursos também quero ser alguém na vida pra arrumar uma mulher boa.

Eu estou mudando, e você, porque você não vem comigo fazer também?

C - Estuda e faz bicos

Trabalhando e Estudando e/ou tentando estudar e trabalhar

Eu estou tranquilo, voltei a estudar e a trabalhar, buscando se intelectual recomecei a vida, faz 6 meses que eu estou aqui no mundão, sai de cabeça erguida, estou estudando, estou estudando no (cita o nome da escola), que é o nome da escola, trabalhando, mal estou tendo tempo pra ficar na rua, eu quero uma vida melhor pra mim, eu não quero fazer a minha família passar sufoco, graças a Deus, o que eu passei já tinha passado, agora eu não quero mais passar por isso não, isso que eu estou passando. Por isso que eu estou trabalhando, dando do bom e do melhor para a minha família, para os meus filhos, eu quero seguir um exemplo muito bom para a minha vida, eu não quero mais ficar vivendo

essa vida,. Estou estudando, arrumei um serviço, estou trabalhando, ainda não apareceu uma coisa firme, eu estou dando um trampo, é o que eu estou fazendo no meu dia a dia, estudo a noite, fazendo uns cursos também, curso de Comunicação, fazendo a minha faculdade vivendo a minha vida, procurando a minha melhora, pra não levar a vida no crime, saindo um pouco de vez em quando e seguindo a minha vida, estou me aprofundando mais no trabalho, como um ser humano comum, trabalhador, querendo ser alguém na vida. Parei de roubar e parei de usar droga, minha vida mudou agora.

Estou gostando do que eu estou fazendo, não tinha o costume de trabalhar, de estudar, essas coisas assim, peguei o gosto e passei a gostar disso e estou fazendo isso, estou levando adiante. Eu estou trabalhando, mudei de vida pra tentar apagar o que se passou já, aquele tempo que eu fiquei privado da minha liberdade, de onde eu sai, da medida sócio educativa, procurando ocupar a minha mente pra não fazer mais as coisas erradas, não estar voltando, desenvolver todos os talentos que eu tenho dentro de mim, tentando apagar isso tudo

Estou tentando reconstruir a minha vida, fazer uma revolução na minha vida, estou estudando,estou fazendo supletivo, fazendo uns cursos, de computação e de capoeira também.Nas horas vagas estou fazendo uns cursos culturais, que é capoeira, eu gosto de fazer curso de capoeira, arte da palavra, artes plásticas e ocupando o meu tempo

Eu estava ali, estava viajando, agora eu estou aqui de volta no dia a dia agora eu vou começar a trabalhar, estudar, fazer coisas de boa, fazer coisa ruim eu não quero mais não. Vou fazer a minha faculdade de gastronomia que é o meu sonho, sair desse negócio que eu vejo que não leva nada a ninguém não, estou escrevendo o meu nome no livro da vida, ia tendo uma vida diferente do que eu tive no passado, que aqui dentro da unidade eu aprendi muitas coisas que eu não dava valor lá fora e aqui dentro eu estou dando, que é a minha família, é o que eu ia falar pra ele.

Eu falo pra ele, eu estou estudando, estou procurando um futuro

melhor pra mim, Eu ia falar que faz pouco tempo que sai da Fundação Casa, 6 meses depois eu já vou estar fazendo alguma coisa, vou estar terminando os estudos, procurando serviço pra me estabilizar,

Vou arrumar um trampo e pronto, procurando trabalho como Jovem Aprendiz. Estou procurando no CAT e no CIEE pra não estar voltando mais pra trás, já vão ver que a minha carteira de trabalho já foi registrada quando eu era menor, como jovem aprendiz, fica mais fácil de arranjar emprego.

O que passou já passou, que se eu olhar pra trás de novo eu vou estar voltando para o crime, pra as coisas que estavam erradas, agora eu quero uma vida melhor pra mim, vou voltar para a escola, procurar um trabalho, vou ver se eu tiro todos os meus documentos, repetindo a mente boa, quando eu fizer 18 anos vou procurar um serviço pra sair dessa vida e assim por diante as coisas melhoram.

Eu estou estudando, me esforçando muito nas matérias, estou fazendo uns bicos, ainda não tenho como trabalhar por causa da escola, estou fazendo uns bicos e tentando fazer coisas que vão me trazer mais ensinamentos, tentando praticar o bem, fazendo curso de cozinha, porque já fiz outros há tempos atrás, mas não aperfeiçoei direito e estou aprendendo mais... É o único jeito, tem que estudar pra ter um trabalho daqui para a frente ter um trabalho, trabalhar, se eu não estudar eu não vou ter como trabalhar. Então estou procurando um emprego pra futuramente estar dando uma vida diferente para a minha família.

Acabei de passar por um momento difícil, mas estou tentando me recuperar, me levantando, a gente vai tentando na medida do possível ir para a escola a noite, tem que estudar de dia, está complicado, mas a gente vai tentando, tentando arrumar um serviço, uma melhora, estou levando o meu dia a dia no melhor que eu acho, é isso. ...um negócio da hora tenho que arrumar um trampo pra arrumar um bagulho lá, mas está difícil,.

Eu ia falar, eu penso em trabalhar de novo, voltar a trabalhar, voltar a estudar e fazer algum curso ou alguma faculdade, eu estou pensando

em terminar e fazer alguma faculdade.

As pessoas perguntam o que você faz da vida, eu falo, trabalho, ajudo a minha mãe e de vez em quando eu fazia umas correrias por fora também, mas isso aí já não virá mais não. Eu pretendo voltar a estudar quando eu sair daqui, só isso.

D1 - Usfruindo de momento ócio

Acabei de sair da Fundação, estou aqui no mundão, Ando aproveitando a minha liberdade, faz pouco tempo que eu sai, e eu estou tranquilo, calmo, sem fazer nada, parasitando, daqui a pouco eu vou estar ativo, daqui a pouco eu vou começar a procurar uma melhora, depois de um tempo que eu ficar aqui no mundão, estou com uns objetivos, mas eu estou pensando, os objetivos que eu estou são muito pequenos e tem o outro que ganha mais, vamos ver se funciona, então por enquanto eu estou calmo, no momento eu não estou fazendo nada, estou de folga. Só o de sempre, sempre em casa, às vezes eu fico em casa mexendo no computador, fico no Facebook, assistindo um filme, procurando algo pra ocupar o meu tempo. (ops !fruição cultural). De final de semana eu saio, dou role, estou zanzando por aí, estou de boa, louco pra ficar com umas novinhas, é isso aí, lá é muito ruim, a saudade é forte pra caramba, estava louco pra sair de lá, agora eu estou aqui, sei lá, vagabundeando ainda, Indo para a fé, dar uma volta, passeando, Indo para a mata, sair para o shopping, indo ali na pizzaria, no mercado fazer umas compras para a minha casa, vivendo a minha vida. Estou Dando role de moto por aí, a vida é assim, eu ando de moto, dou um chat na quebrada, andando pela praça, espairecendo a mente. Naquele momento eu estava indo dar um passeio, vamos fazer de conta que é um domingo, é um domingo, eu sai no sábado, então eu vou dar um passeio e chamava ele pra sair comigo ainda

D2 – Circulação, Fruição e Experimentação Cultural

Eu falo que estou de boa, eu vou levando a vida na medida do pos-

sível, saindo com os amigos, não indo para a balada, mas indo para o shopping com a minha namorada, para o cinema; eu estou tranquilo, eu recomecei a vida, faz 6 meses que eu estou aqui no mundão, sai de cabeça erguida. Eu ando fazendo muita coisa jogando bola, que era o que eu gostava de fazer, estou aí lutando pra ver se lá na frente o meu sonho se realiza, voltei pra jogar um tênis, uma par de coisa legal, vou na lanchonete, nesses lugares assim, saio um pouco para a rua, solto no fim de semana uns pipas, gosto de jogar bola de fim de semana lá no campinho,

Ando indo para baile, com dinheiro digno que eu vim a conseguir. No meu dia a dia estou andando com uns amigos por aí, curtindo as baladas, as festas, andando com as más companhias ainda, mas não estou fazendo nada de errado, dando um peão, saindo pra um baile funk, vou às vezes ali no Fazendinha jogar uma bola, encontrar com os moleques lá, estou indo ali na Fazendinha os moleques estão lá, eles ficam ali zoando na Fazendinha, eles fazem coisa errada lá, pulando a construção que está fazendo. É isso que eu faço durante a semana, vou para o baile ou eu convido uma mina ou pegando umas mulher e volto, na madrugada eu vou para a casa das minas, durmo lá, só volto no outro dia., Solteiro, estou de volta, vamos comigo, vamos aí, vamos curtir.

Distraindo mais a cabeça, esquecendo as coisas erradas que fiz no passado e tentando mudar de vida, estou fazendo luta, voltei a fazer luta, estou praticando a natação, que eu vou morar na praia, eu vou me mudar de São Paulo, e no caso eu estou praticando esportes. Ontem eu fui de skate para a pista, só que hoje eu estou cansado e estou indo para a lan house mexer no Facebook, eu vou estar com os meus colegas e pra descansar um pouco, porque ontem eu me cansei andando de skate. Depois eu estou indo ao cinema, ou ao teatro, vamos ao cinema comigo hoje? Pode ser que você também gostaria de se divertir.

E - Convivência Familiar e/ ou Comunitária

Sei lá, não consigo pensar muito... Eu falava pra ele que a vida está indo, estou seguindo a minha vida, eu tenho a minha casa própria agora, estou seguindo a minha carreira pra dar um futuro melhor para o meu filho, cuidar da minha filha e cuidar da minha família, dar orgulho para minha família, ter uma vida melhor, porque a gente tem que aproveitar a nossa família e a nossa vida, porque são as coisas mais importantes que a gente tem, nem dinheiro, nem nada conquista isso. No final de semana vou numa hora de lazer com a minha família, vou na casa da minha irmã pra falar com ela, eu estou ficando um pouco em casa com a minha mãe, minha mãe está feliz, estou obedecendo mais ela, estou fazendo o meu trabalho, tentando praticar o bem, mudei muito a minha personalidade. Ia cortar um pouquinho as amizades, não ia falar com os meus amigos, procurar novas amizades, conversar com os meus vizinhos. Estou devolvendo uma amizade a mais com o meu irmão, com as minhas irmãs, estou redescobrando a minha mãe e estou me redescobrando também.

Nesses primeiros meses é primordial ficar em casa então o tempo vago eu fico mais com a minha família, ajudando a minha família em casa. Também faço música relatando o povo da minha vila, o que eu já passei, faço livros, depois tenho que buscar os meus sobrinhos na escola e as vezes vou ali na casa da minha namorada, estou indo para a casa da minha mina, que eu estou indo dar um peão na casa da minha mina, encontro ela, vou para o shopping com ela, para o cinema. Eu ia cuidar da minha vida e cada um ia para o seu lado.

Acabei de sair da Febem, lá não é fácil e eu vou lá na casa do meu tio e da minha tia falar pra eles, eu quero forças e a ajuda de vocês, eu ia falar pra ele que eu vou correr atrás do certo e não do errado, pra não vir pra cá de novo. Ia falar pra ele que se ele pensar em fazer coisa errada, ele pensar duas vezes porque quem paga não é nem a gente, quem paga é a nossa família, eu sei o que eu fiz de errado.

É a primeira vez que eu estava naquele lugar, pra mim está tranqüilo, mas quem sofre mais são as nossas mães, quem tem namorada, a namorada também sofre e também os familiares Então eu ia falar pra ele ficar tranqüilo, dar mais atenção às ideias dele, não ir na ideia dos outros e se esquivar do errado, o crime pode ser bom quando você está lá fora, mas quando você cai aqui dentro é outra história.

Eu quero uma vida melhor pra mim, eu não quero fazer a minha família passar sufoco, por isso que eu estou trabalhando, dando do bom e do melhor para a minha família, para os meus filhos, eu quero seguir um exemplo muito bom para a minha vida, eu não quero mais ficar vivendo nessa vida.

Não está sendo fácil, não posso sair para a rua que a minha mãe fica enchendo o saco, fala, pra onde você vai, os meus irmãos também, mas agora eu vou na casa da minha namorada, vou lá ver ela, arrumei uma namorada que gosta de mim e estou tentando fazer a minha vida.

F – Igreja

Agora eu estou indo para a igreja, as vezes eu vou para o culto, esse tempo está sendo meio corrido devido a essas situações... eu estou indo na igreja, colocando o nome do Senhor, graças a Deus, pregando sobre o Evangelho, sobre a palavra de Deus, pra falar que Deus tem plano na vida de cada um, que basta abrir o coração e enxergar à frente, que ele quer tomar a sua alma, quer montar um caminho novo pra você mas nós temos que abrir os olhos, dar ouvido à palavra Dele, que aquele que comer a palavra, a revelação virá e a salvação também. Converso com várias pessoas lá, várias pessoas do bem que rezam pelos outros. A minha vida está boa, eu estou dando a volta na vida, ando me afastando dos caminhos maus e respeitando o próximo, pedindo pra Deus perdoar os meus pecados e limpar a minha alma, é isso o que eu mais quero. Eu chamo ele pra ir para a igreja, se ele quiser ir comigo, é um convite.

G - Futuro projetado no passado

Estou aprontando bastante aqui no mundão. No meu dia a dia, ultimamente eu acordava de manhã cedo, ia trabalhar, tirava a minha moto da garagem, ia trabalhar, trabalhava das 11 a 1 e meia da tarde, rapidinho, já estava com o meu dinheiro no bolso, aí de tarde eu ia dormir, dormia até umas 3 e meia, saía para a rua, empinava um pipa, as vezes jogava uma bola, brincava de roubar bandeira com os moleques lá da minha rua, aí dava 6 horas e eu ia para a escola, das 6 saía as 11 horas, das 11 horas eu passava na casa da minha namorada, pergunta se eu estou usando droga, eu falo que não, ela nunca soube que eu morava na rua, porque eu sempre andava limpinho, arrumado, fui na igreja, conheci ela, comecei a namorar e vai fazer dois anos que eu estou com ela, ela nunca soube que eu usava droga, nem nada, agora está sabendo que eu estava usando droga, mas não crack, ela pensou que eu só usava maconha, aí continua, ela tenta me visitar, mandar umas cartas ela manda de vez em quando, eu estou com a maior saudade dela porque ela ia para a escola junto comigo e depois ia pra casa dormir de novo.

Eu também estava indo para a pracinha, era quando eu não tinha mais serviço pra fazer, aí eu ia numa pracinha que tinha perto do meu serviço ou ia ajudar a minha mãe no serviço de doméstica, sempre era o meu foco, depois de 2 meses atrás agora, aí foi quando eu desandei, quando eu conheci as más companhias, acabei traficando e estou aqui dentro. E eu não quero cair lá na Fundação nunca, os homens não me pegam, falava assim para os meus amigos, os homens nunca vão me pegar, aí ele me falou, para com isso, o dia que você cair lá dentro você vai ver que é tudo ruim, porque você não vê a sua família, você não vê seus amigos, você não vê a sociedade.

Categoria H – Sem perspectiva

Tudo de bom, melhor ainda, fazendo nada, eu estou apenas indo na porta da escola ou vou sair ali para o Planalto; se você quiser vamos, mas se você não quiser, eu vou, ou estou indo soltar um pipa, quer ir comigo, vamos lá no Josué comprar um pipa? Falo que to fazendo coisas erradas, assim vai a minha vida, ando praticando um B.Ozinho de leve. (risos) Eu vou falar a realidade, traficando, do trabalho eu vou lá para a biqueira, só coisa ruim. Estou só fumando maconha no meu dia a dia, usando drogas, cigarro, fazendo coisas erradas, sem estudar, sem fazer nada, esse é o dia a dia. Eu quero mudar o meu jeito, mas está foda, no mundão só tem coisas erradas, não tem como parar um pouco pra pensar, não dá mesmo, porque quando estava lá dentro tudo era foda, quando chega aqui fora a gente vê os bagulhos fácil, moleque pegando coisa fácil, eu ando fazendo 55 no mercadinho, é furto, roubo no mercado, roubando pra sustentar a minha família de casa.

Você não fala, na frente da pessoa, eu falo: ando de bike, solto pipa, ando com os meus amigos e dou o meu peãozinho, dou um peão pelas quebradas, uma volta.

Eu vou roubar, vou pedir um negócio pra pessoa, vou mostrar o revolver pra ela e vou pegar qualquer coisa dela e sair fora.

Outras palavras

Nesta publicação, trazemos na 1ª parte a voz dos meninos a partir da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, que permite o resgate das opiniões coletivas pelo agrupamento em categorias, isto é, em modos socialmente compartilhados de conhecer e representar o mundo e a vida. Elaboramos uma entrevista em formato de História em Quadrinho e perguntamos, entre outras coisas, para uma amostra de 195 adolescentes, percepção sobre arte e cultura, autoimagem e projeção de futuro.

Lendo o material, percebemos que os meta-discursos trazem recorrentemente os temas - família, escola, trabalho, identidade (quem eu sou e quem eu posso ser), delito/redenção e religião, drogas - seja qual for a questão colocada. Então, convidamos a ler e tecer um breve comentário alguns profissionais que atuam com estes temas - na Fundação CASA, no Cenpec, no Unicef, nas escolas, em programas de prevenção e atendimento ao uso e abuso de drogas, no trabalho de arte e cultura das ONGs parceiras e no Poder Judiciário - na expectativa de sairmos da solidão, socializando o conhecimento produzido no encontro com esses jovens das periferias de São Paulo, ampliando o debate sobre as políticas para juventude na contemporaneidade. Os textos a seguir trazem opiniões diferentes.

Longe de querermos buscar consenso, quisemos ouvir o que pensam os diferentes atores sociais.

Oficinas culturais: a possibilidade de o adolescente sonhar...

“Essa pessoa sou eu, mas é totalmente diferente do que eu era antes, dentro de mim tinha diversos talentos que estavam escondidos e que aqui eu estou tendo a oportunidade de estar desenvolvendo eles para por pra fora, talento da arte, que na arte, nas artes plásticas não é só simplesmente pintar, se desenvolve várias coisas, a paciência, a delicadeza de saber misturar as cores...”

“Essa pessoa, que sou eu, é uma pessoa legal, sabe ver as coisas, aprende as coisas rápido porque eu sou um menino interessado, inteligente ou mais ou menos inteligente, que estuda (...) quer se aprofundar, adquirir conhecimento.”

São com esses depoimentos que quero iniciar minha conversa sobre os adolescentes internos da Fundação CASA, que participam do Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais. Desenvolver um trabalho educativo com adolescentes e jovens que praticaram um ato infracional significa querer contribuir para que a experiência negativa que tiveram não os impeça de se desenvolver e evoluir na vida. Por meio desses depoimentos, podemos perceber que a arte está contribuindo para que eles descubram seus talentos - “a delicadeza de saber misturar as cores...”, além de descobrirem o potencial que possuem - “eu sou um menino interessado, inteligente”.

Segundo Yara Sayão, psicóloga do Instituto de Psicologia da USP, ligada ao Departamento de Psicologia da Aprendizagem e da Personalidade, a fase da adolescência se caracteriza como um período de muita vulnerabilidade, mas também de grande potencialidade. É importante precisar sua natureza, inclusive para poder intervir junto aos adolescentes de forma a contribuir para a superação das inúmeras dificuldades que eles enfrentam.

É somente a partir do século XVIII que se esboça o fenômeno conhecido hoje como adolescência, e é apenas nos últimos 50 anos que esta passa a se configurar como grupo social. Portanto, a adolescência, como a enxergamos hoje, não constitui um período natural do desenvolvimento. Mesmo as transformações físicas do corpo serão sempre significadas pela cultura e vividas de forma diversa a partir do meio social e histórico em que os sujeitos estão inseridos. Sentimentos de vergonha ou orgulho podem interferir na autoimagem e, conseqüentemente, na autoestima do adolescente. É em meio a essa turbulência emocional que ele tenta construir sua nova forma de ser e se perceber no mundo.

O Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais aposta na positivida-

dade dos meninos e na positividade das vivências e conhecimentos para transformar comportamentos divergentes em habilidades e talentos recuperadores das dimensões ética, estética e comunicativa. É preciso que usufruam arte e façam arte.

Segundo o documento da Fundação CASA – Cadernos da Superintendência Pedagógica – “a arte deve ser entendida como forma privilegiada da experimentação, expressão estética, como forma de construção de conhecimento, elemento de transformação e transcendência, seja da consciência ou da própria realidade, quando age em conjunto com outras linguagens. A relação dos indivíduos com a arte é de socialização, noutra palavra: de humanização.” Entendemos que as oficinas culturais são uma estratégia de auxílio para os processos de ressignificação dos adolescentes internos, propiciando-lhes oportunidades de vivenciar experiências que possam ajudá-los em suas escolhas futuras, implicando em ganhos de confiança e competência para que possam viver de forma plena numa sociedade complexa, globalizada, e que vive o momento da revolução tecnológica.

Quero finalizar com o poema “Os estatutos do homem”, de Thiago de Mello, que lembra em sua última estrofe – Artigo Final – que a liberdade é algo vivo e sua morada é o coração do homem. Que esses meninos sempre acreditem que a liberdade está em seus corações, independente dos muros que os cercam.

Artigo Final

*Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
ou como a semente do trigo, e a sua morada será sempre
o coração do homem.*

Os estatutos do homem - Thiago de Mello

Claudia M. M. Petri é Gerente de Projetos Educacionais do Cenpec Pedagoga – Mestranda em Educação

Referências Bibliográficas: SAYÃO, Yara. Adolescências. In: Educação e Cidadania: Proposta Pedagógica – Módulo Introdutório. São Paulo: CENPEC / FEBEM / SEE-SP, 2004, p. 22. MELLO, Thiago de. Os estatutos do homem. São Paulo: Martins Fontes, 1977. Cadernos da Superintendência Pedagógica – Fundação CASA – p. 69.

A arte e o homem comum

“Sie wissen es nicht, aber sie tun es!”

Ao cuidadoso, redigir um texto curtíssimo é semelhante à poda de um bonsai. Curiosamente, no jazz a ideia é de criar longas linhas melódicas a partir de um único tema musical. Foi combinando estes dois elementos que procurei extrair o tema aqui exposto para que outros profissionais possam criar suas próprias melodias.

Ao longo de muitas falas de nossos adolescentes escolhi uma para comentar. Quando questionados acerca do significado das oficinas de arte e cultura no centro, sinteticamente, temos que:

“...é a alegria, a pessoa poder expor a alegria, o caráter dela, colocar tudo que ela tem, mesmo que é de ruim, tipo tudo o que você tem de ruim você colocar num desenho lindo que você está fazendo, você explicar as coisas de ruins...”

Contudo, para abordar este objeto recorro a um repositório teórico que disponho, nosso caderno da Superintendência Pedagógica, que possui uma inegável orientação teórica de Georg Lukács² que, já septuagenário, concluiu a redação de sua estética, fruto de algumas décadas de reflexão e a abriu com a citação de Marx³ em epígrafe: “os homens fazem, mas não sabem”, como sendo um princípio estético. Pois, mesmo não sabendo que a arte é uma forma de reflexão acerca do mundo os homens a praticam, seja com muito ou quase nenhum talento e técnica, mas, mesmo assim, fazem.

E afinal, o que seria o artístico ou estético? Já dissemos ser uma forma de reflexão sobre o mundo, mas é uma forma de reflexão oposta à científica!

O que caracteriza a forma científica é que seu valor determinante é o da objetividade na análise, o que se torna possível graças ao submetimento do analista à legalidade que fundamentalmente suprime os menores traços de sua subjetividade. O resultado da reflexão científica é o conhecimento do objeto. Contrariamente, no reflexo artístico ou estético, o objeto de análise continua sendo o mesmo mundo e seus habitantes, contudo, não é mais a legalidade fria e objetiva que direciona o analista, mas sua própria subjetividade, seu *anthropos*, aquilo que é genuinamente humano. Por este

1. MARX, Karl. O capital. L1, v1. São Paulo: Nova Cultural. 1985, p.72.

2. LUKÁCS, Georg. Estética I La peculiaridad de lo estético, v2. Problemas de la mimesis. Barcelona: Grijalbo, 1966, p.294.

3. Ibidem 1

mesmo motivo que podemos afirmar que o resultado da reflexão estética é autoconhecimento, é conhecer o humano em suas mais diversas possibilidades.

Há um aforisma de Lukács que bem expressa a peculiaridade do reflexo estético: suprema objetividade com suprema referencialidade ao sujeito, ou seja, mesmo tratando o reflexo sobre o mundo objetivo a mediação da subjetividade é determinante. Para um exemplo bastante simples, aquela pintura do *Terraço do café* a noite de Van Gogh é a representação de um café real, mas a pintura é uma exposição a partir da leitura do pintor. O que distingue a obra de qualquer outro pintor para o mesmo objeto é seu conteúdo mais íntimo, uma vez que a arte representa sempre e exclusivamente o mundo dos homens, já que em todo ato do reflexo estético (diferentemente do científico) o homem está sempre presente como elemento determinante⁴. O extremo oposto teríamos se levantássemos a planta arquitetônica do local, para profissionais distintos, resultados semelhantes que se submetiam às frias normas.

E o programa de oficinas artístico-culturais específicas para adolescentes que estão na Fundação CASA? Afirmo que, tirante suas particularidades, deve ser essencialmente igual àqueles direcionados a quaisquer outros adolescentes! Em pinceladas curtas, qualquer programa de oficinas deve possuir uma dupla função: a de levar conteúdo artístico-cultural rico em humanidade para que seus frequentadores possam enriquecer sua subjetividade; e também a de possibilitar que o conteúdo interno deles, seu sentir o mundo, ganhe emergência pela mediação da forma artística.

Num parágrafo final, para responder no campo prático-profissional aos meus companheiros de trabalho mais apressados. O conteúdo, posto na forma artística - essência e aparência aqui não se identificam - pode ser ponto de partida para um rico trabalho de equipes multiprofissionais, justamente por ser este o conteúdo manifesto na arte o mais autêntico de qualquer indivíduo.

Wellington do Carmo Medeiros de Araújo é Gerente de Arte e Cultura da Fundação CASA, formado em Direito e estudioso diletante em variados temas.

4. LUKÁCS, Georg. Introdução a uma estética: sobre a categoria da particularidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978, p.284.

O desenvolvimento de oficinas de arte e cultura com foco no público jovem não deve objetivar exclusivamente a realização de atividades ocupacionais, de modo a prevenir o ócio e as condutas anti-sociais. É preciso que esse “poetizar, dançar, encenar, pintar e compor” sirva também para acolher os jovens, para dialogar, refletir e discutir questões que os afetam, proporcionando-lhes experiências diversificadas que contribuam para ampliação da sua visão de mundo e consequentemente de suas possibilidades de escolhas.

O ser humano faz arte, ao mesmo tempo que se constitui por esse fazer. É uma linguagem que, simultaneamente, explica o mundo e inventa outros, sendo fundamental para nosso desenvolvimento integral. Por vezes nossos jovens têm uma percepção frágil sobre os sentidos e significados da arte, o que aparece nas falas “distrair a mente”, “dançar pra esquecer”, “ficar mais ocupado e passar o tempo”, “colocar pra fora o que tem de ruim, em um desenho” etc. Algo que historicamente foi negado à imensa maioria de nossa juventude, não pode ser visto como um direito, mas como um favor, ou como um doce remédio para as mágoas que trazem do “mundão”. É um imenso desafio compartilhar com esses jovens a arte como desvelamento de si e do mundo, como respeito à diversidade, como uma viagem do particular ao universal.

A arte como produção e fruição, além de ser um direito, é uma poderosa estratégia para ofertar situações significativas de aprendizagem, para que os jovens ajam e pautem suas escolhas por critérios de justiça, ética e cidadania. As oficinas são catalisadoras de novas percepções que o jovem desenvolve sobre a escola, o mundo do trabalho, a família, suas comunidades, a mídia e a cultura de massa, a violência, o tempo livre, seus sonhos, angústias e frustrações.

Alexandre Isaac é cientista social formado pela Universidade de São Paulo, pesquisador e líder de projetos do Centro de Estudos em Educação, Cultura e Ação Comunitária CENPEC desde 1999. Atuou na área da infância e juventude em projetos com meninos e meninas em situação de rua e como diretor de unidades de internação para meninas infratoras. Foi presidente do CMDCA de Guarulhos e supervisor pedagógico do Espaço Criança Esperança em São Paulo. No Cenpec atua em projetos de juventude, cultura e especialmente de Educação Integral. É autor e co-autor de diferentes publicações de educação pelo Cenpec e outras instituições.

Uma súplica possível do que se pode captar nas entrelinhas dos relatos dos adolescentes da Fundação Casa:

A escola que eu não tive... A escola que não me interessou, que me expulsou, que não me mostrou o mundo outro que eu tinha de conhecer...

Só agora consigo ver que a escola pode ser o caminho. Que por ela eu posso chegar ao trabalho, à faculdade. Ela me ajuda a descobrir tantas coisas que eu posso fazer, que consigo aprender. Pela escola também se curte o que tem de legal nas coisas e nas pessoas. Um lugar para se encontrar boas amizades.

Elba Siqueira de Sá Barretto é Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Pesquisadora e consultora da Fundação Carlos Chagas. Ex-editora de Cadernos de Pesquisa, periódico científico da Área da Educação. Ex-professora da rede estadual paulista.

A experiência estética nos trabalhos de arte-educação para adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação

Os trabalhos de arte-educação desenvolvidos ao longo de 5 anos pelas organizações parceiras junto a Gerência de Arte e Cultura nas unidades de internação e internação provisória da Fundação Casa proporcionaram reflexões, análises e ações que sinalizam a construção coletiva de uma proposta artística e pedagógica que dialoga, respeita a realidade e as mais diversas expressões artísticas dos(as) adolescentes e jovens em conflito com a lei. Nos processos de experimentações proporcionados pelos encontros artísticos, os (as) adolescentes e jovens imergem em um universo no qual as tintas, os sons, o corpo e as palavras tomam forma e imprimem em suas produções as mais diversas simbologias, realidades, percepções da sociedade em que vivem, desejos, medos e prazeres. Muitas vezes a realidade é tão explícita que podemos experimentar sensações assustadoras e sublimes: quando escutamos um funk, ou apreciamos um graffiti no muro, lemos poesias e romances de poetas e escritores que cresceram na mesma realidade e classe social dos adolescentes, dialogando despreziosamente com suas vidas. Essa relação entre as produções artísticas e a vida é uma das discussões centrais que a teoria estética tenta responder e podemos nos deleitar com os sinais presentes nas falas desses(as) adolescentes. Nos relatos apresentados nessa pesquisa – por sinal inovadora – podemos perceber como a compreensão das atividades artísticas, na voz dos adolescentes que estão privados de sua liberdade, são pulsantes no que diz respeito à leitura da realidade em que vivem, como absorvem as referências midiáticas dos produtos impostos, a violência, as drogas, os desejos, os medos, a poesia, a ingenuidade, o amor. Temas estes presentes nas letras de Funk e Rap, nos desenhos, nas cenas teatrais, nos contos e poesias, nas danças e na ginga da capoeira. Cultura popular foi um termo recorrente nas falas dos adolescentes e jovens e isso é um valioso indicador da afirmação de identidade e pertencimento proporcionados pelos projetos das organizações parceiras. Ao tentarmos definir as produções dos adolescentes como arte popular ela pode ser legitimada esteticamente pelas experiências que

fornece, pela audição, pela visão e pelas práticas críticas que engendra. Arte e estética não são atemporais e essências universais, mas produtos culturais informados e transformados por condições sociais e históricas. A educação estética só é possível se envolve uma crítica. Para Shusterman “a arte edifica apenas quando suas imagens refletidas não são simplesmente produzidas e consumidas, mas quando são compreendidas e apropriadas criticamente¹”. Nesse sentido, o poder da fala dos adolescentes e jovens presentes nesta pesquisa e em suas produções artísticas é um importante meio para a provocação, crítica da sociedade em que vivemos e a impressão dos desejos e prazeres. O respeito e aceitação destas críticas é um passo necessário para promovermos o direito à cultura e emancipação dos(as) adolescentes que cumprem medidas socioeducativas como protagonistas de sua história.

Rodrigo Medeiros é formado em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo e arte-educador de artes visuais. Coordenou por 5 anos os trabalhos de arte-educação do “Projeto Arte na Casa: Oficinas Culturais”, resultado de um convênio celebrado entre a ONG Ação Educativa e a Fundação Casa. Atualmente é Coordenador da Unidade de Arte-Educação da Ação Educativa.

1. Shusterman, Richard. “Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular”, p.88 - São Paulo: Ed. 34, 1998.

Quando comecei a pensar em minha formação profissional, escolhi como minha primeira faculdade o curso de Educação Artística. Depois, cursei pedagogia e, mais recentemente (2010), especialização em arte-terapia.

Meus caminhos profissionais nunca tiveram a arte como ação direta. Todavia, ela sempre fundamentou e complementou minhas intervenções em grupos, até mesmo no planejamento de um espaço físico ou na criação de uma ambiência para discussões.

Isso mudou radicalmente em abril de 2010, quando passei a coordenar o Projeto Arteiros, na ONG CEDAP, que atua em parceria com a Fundação CASA no desenvolvimento de oficinas culturais para os adolescentes em vários centros de atendimento. Comecei a mergulhar cotidianamente no universo das artes visuais, da capoeira, da literatura, do break, do hip hop, do circo, do teatro, do rap, do grafite, entre outros.

Constantemente visito as oficinas de arte-cultura e durante as atividades converso muito com os adolescentes. Eles contam sobre suas escolhas, falam da família e da falta que sentem dela, de como é estar na Fundação e o que imaginam que irá acontecer quando saírem de lá.

Naturalmente, fui vivenciando esse cotidiano da arte-cultura / arte-educação e confirmando que a ARTE, na maioria dos casos, é o único caminho.

É com a vivência da arte que o adolescente experimenta algo diferente; se não gostar, refaz, experimenta mais um pouco e faz escolhas: do material, da forma, da cor, do tamanho e até mesmo, se irá fazer sozinho ou em grupo. Enquanto tudo isso acontece, ele experimenta também o respeito, o diálogo, o planejamento, as frustrações e decepções quando algo não sai como esperado. Nesse caso, o que faz toda a diferença, é que ele tem alguém com quem partilhar esse processo – o ARTE-EDUCADOR!

O ARTE-EDUCADOR também se reinventa e se descobre a todo tempo, porque escolheu viver da arte e de suas experimentações. Ele coloca suas sensações e prova o tempo todo, porque se expõe e permite-se ser afetado pelo outro.

Nesse instante, a relação e o vínculo estabelecido faz toda a diferença. A arte permite isso: que o encontro de verdade ocorra. Nesse encontro posso ser “EU”, falar das minhas fraquezas, do meu medo, de arrependimentos, de vontade de mudar, até de desistências, mas se quiser retomar, existe espaço para isso, basta eu escolher uma nova tela e um novo desenho para fazer, me sentar, e o diálogo recomeça.

O Encontro é retomado e nele vamos percebendo coisas que antes não

enxergávamos, vamos sendo convidados a olhar por outros ângulos e descrevendo com os sentidos algo que antes não fazia parte do meu universo. É dessa maneira que se desenvolvem as oficinas de arte-cultura.

Esse processo é para o adolescente, para o arte educador e também, para quem de forma um pouco mais distanciada e coordena esse projeto, como eu. Para mim, essa alquimia que ocorre com as intervenções de arte-cultura abre possibilidades que anteriormente não foram abertas, embora já fosse obrigação da família, do Estado e da sociedade tê-lo feito.

Poderia escolher ter transcorrido sobre essa temática, citando vários autores renomados sobre o assunto, mas preferi falar da minha vivência profissional, que desde abril/2010, vem confirmando conceitos que ouvia na época de faculdade que naquela época, me perguntava; será?

Será mesmo que vivendo arte, nos tornamos mais harmoniosos? Será mesmo que e com a arte podemos acessar “adolescentes difíceis”? Será mesmo, que com a arte e o “aluno” reconstrói sua autoestima, retoma sua autoconfiança, e começa a reconhecer em si, valores que nem sabia que tinha? Quando assisto a apresentação de uma peça teatral, encenada em lugares sem palco, com cenário e figurinos improvisados, mas que ao final, o pequeno público emocionado aplaude em pé, tenho certeza que sim. É possível nos tornarmos mais harmoniosos na convivência com o outro, é possível acreditarmos na transformação das pessoas difíceis, é possível construir uma autoestima positiva, reafirmar a autoconfiança e se apoderar de valores necessários para o bem comum.

Do fundo de minha alma, afirma com tranquilidade: a arte é o único caminho.

Adriana Giraldi Nery Artista plástica autodidata, formada em 1985. Em 1990 fez pedagogia e em 2010 especialização em arte terapia. Minhas opções profissionais me proporcionaram coordenar grupos e participar de cenários onde a construção coletiva sempre esteve presente, mas o principal são as relações humanas que te moldam e te expõe o tempo todo. É Isso que me encanta.

À sombra dos ateliers, o afeto humanizador

Michel Foucault¹ há muito nos alertou que a modernidade se desenvolveu nas e através da modernidade líquida vemos a sociedade disciplinar ceder seu espaço à sociedade de controle, onde os efeitos dos dispositivos disciplinares já se encontram internalizados nos indivíduos.

Outros mecanismos de vigilância e de controle virtuais vêm paulatinamente substituindo os velhos muros das instituições, o que não significa que as mesmas tenham desaparecido.

Sabemos que as instituições disciplinares confinadoras dos indivíduos por longos períodos, como hospitais psiquiátricos e instituições correcionais, carregam no seu histórico narrativas de sofrimentos, opressões, violações dos direitos, tratamentos desumanos. Devemos compreender que tais realidades não existem por si só, não funcionam mecanicamente, não são automatizadas, mas que suas tessituras são produzidas na convivência complexa entre os indivíduos que as habitam e que podemos metamorfoseá-las. Isso implica numa reflexão bioantropossociológica sobre as condições estruturantes da sociabilidade humana; não devemos restringir a origem antropológica do sapiens à competição, mas, sobretudo atribuí-la à cooperação. Humberto Maturana² nos ensina que o amor é um fenômeno biológico cotidiano estruturante da vida, é a fonte da socialização humana, não o resultado dela, a cooperação socialização implica na aceitação mútua e espontânea que ocorre através do amor. Qualquer coisa que destrua a congruência estrutural do amor inviabiliza a socialização que acontece somente sob seu domínio.

Para Edgar Morin³ os atos puramente racionais, marcados pela disciplinarização da vida e governados por uma razão fria e racionalista nascida no Século das Luzes, tendem a dissolver o amor e considerá-lo uma ilusão, não compreendem que o amor é feito uma tapeçaria de fios diversos, que

1. **Michel Foucault**, filósofo francês, foi professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France de 1970 a 1984. Desenvolveu todo o seu trabalho em torno da arqueologia do saber, da experiência literária, da análise do discurso, das práticas de subjetivação e da relação entre poder e governamentalidade.

2. **Humberto R. Maturana**, Neurobiólogo chileno, realizou seus estudos em Medicina na Universidade do Chile, é Ph.D. em Biologia em Harvard. Criador com Francisco Varela da Biologia do Conhecimento e da teoria da Autopoiese – que designa a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios.

3. **Edgar Morin**, Antropólogo, Sociólogo e Filósofo francês, formado em Economia Política, Direito, História e Geografia. Pesquisador emérito do Centre National de La Recherche Scientifique, criador do pensamento complexo, busca um conhecimento interdisciplinar capaz de abarcar a complexidade do real, como expõe em sua obra *O Método*, publicada em seis volumes.

produz e é produzida na cooperação.

Portanto, a lógica que rege as instituições disciplinares tornou-se incapaz de expressar intensidades afetivas e deixou de lado os múltiplos planos e formas do amor.

O exemplo maior que podemos buscar para aqui ilustrar a força do amor como dispositivo humanizador é o trabalho pioneiro realizado pela psiquiatra brasileira Nise da Silveira⁴. No interior do hospital psiquiátrico onde trabalhava implementou ateliers de arte para os internos diagnosticados com esquizofrenia. No lugar dos eletrochoques, das quimioterapias, das psicocirurgias, emergiu uma terapêutica do afeto, denominada por ela de emoção de lidar. Essa nova forma de lidar com as emoções, através da pulsão criativa existente em todo ser humano, visava a religação do indivíduo como um todo, corpo/psique, pensamento/sentimento, intuição/sensação. O amor incondicional vivenciado nos ateliers era condição primeira e fundamental para disparar as forças biopsíquicas de religação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, naqueles indivíduos acometidos por esse terrível estado do ser que se caracteriza pela cisão da psique. O trabalho da doutora Nise possibilitou-nos compreender que o amor como fenômeno biológico cotidiano é força motriz regeneradora da existência bioantropossociológica do sapiens-demens.

Quais aprendizagens podem obter os adolescentes à sombra dos ateliers nas oficinas culturais do Projeto Educação com Arte no interior da Fundação Casa? Poderiam as oficinas produzir metamorfoses nos adolescentes que delas participam?

As respostas estão nas falas dos próprios adolescentes institucionalizados, que devem ser entendidas na sua complexidade por expressarem o que pensam e como são pensados. As oficinas podem e devem ser espaços de renovação, de acontecimento, de esperança em uma possível metamorfose de si, da instituição e da sociedade.

Sydney Cincotto Junior é Doutorando em Ciências Sociais e Pesquisador do Núcleo de Estudos da Complexidade – COMPLEXUS, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, é professor de Antropologia no Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM – Rio de Janeiro

4. **Nise da Silveira**, médica psiquiatra brasileira, aluna e difusora da obra de Carl G. Jung no Brasil, dedicou sua vida à psiquiatria e manifestou-se radicalmente contrária às formas agressivas do tratamento de sua época criou uma terapêutica do afeto Fundadora do Museu das Imagens do Inconsciente e da Casa das Palmeiras, seu trabalho é reconhecido internacionalmente.

Liberdade e Obrigação

Nos últimos anos tenho pensado muito na afirmativa do filósofo espanhol da educação, Jorge Larrosa Bondià¹, de que a experiência é o que nos acontece, é o que nos passa, é o que nos toca e não o que acontece, o que passa, o que toca. Há que se relevar esta carga subjetiva diante do acontecimento para que possamos estar implicados numa experiência.

Ao ler as respostas dos jovens que passaram pelo Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, na Fundação Casa, encontro um primeiro fragmento que corrobora esta tese inicial apresentada: “(...) O que a gente aprende aqui não vai esquecer porque isso é uma arte que a gente faz, e é uma coisa a mais, é uma experiência nova na vida (...)”.

Quero chamar atenção ao enunciado do projeto: educação com arte. Este “com” substitui os tradicionais “para” e pela a “arte” e suspende um certo ideário de redenção que ainda acompanha as ações educativas que têm a arte como ferramenta. Da vista de meu ponto, convida este jovem a estar acompanhado com a arte. É mais uma companhia nesta complexa travessia que é a vida de todos nós, e não apenas daqueles que estão privados de liberdade.

Mergulhando nos fragmentos de respostas dos meninos que viveram as experiências das oficinas culturais encontro um paradoxo neste movimento entre a liberdade e a obrigação. Diz o jovem: “(...) Se você não quiser você não é obrigado a fazer, mas eu procuro fazer porque eu gosto (...)”. Um dos princípios fundantes do ECA afirma que o jovem infrator deve ser privado apenas da liberdade e não dos demais direitos: educação, cultura, esporte, saúde etc.

Na oficina cultural, independente da linguagem artística, o que ele sente é que não é obrigado a fazê-la, mas que procura realizar algo porque gosta. Será que há maior exercício de liberdade do que aquele de estar perto do gosto? Será que “no mundão” este jovem, que as estatísticas demonstram vir de uma situação social vulnerável, não está completamente submetido à obrigação perpétua? Será que o abismo que o separa do próprio gosto e da possibilidade de escolha, se quer ou não fazer algo, não o submete a um estado permanente de privação de liberdade? Eles são precisos ao fazerem a comparação entre a experiência com a Oficina e a ausência desta experiência “no mundão”: “(...) se não teve antes, aqui

dentro você aprende mais porque no mundão é bem difícil a gente ter esse contato(...)”.

Os jovens ainda continuam: quando abordados sobre a função da oficina de arte dizem: “(...) serve pra você aprender a adquirir mais pique, pra ter interesses. (...)”. Hannah Arendt² dizia que a palavra interesse é composta por dois radicais do latim: inter e est. Que significam juntos: “aquilo que está entre”. Os jovens ainda estão dizendo, à luz de minha tradução, que as oficinas com arte - que têm a arte como mais uma companhia, como uma companhia horizontal que não quer dizer sobre o que sabe, mas que sabe de alguma coisa - exercitam o direito de se “ter pique”, de se interessar realmente por algo, de se ter alguma coisa entre o mundo e nós.

Sabemos que não há espaço no mundo da privação de liberdade - seja ela simbólica ou material - para a conversa, para o intercâmbio, para o fluxo de possibilidades conjuntas, portanto o entre é um espaço inócuo, desabitado, sem potência de criação.

O que os jovens demonstram é que as oficinas potencializam este espaço do entre, reavivando o interesse e o “pique”. Traduzindo, no risco de trair o sentido exato do que dizem os jovens: “o que precisamos mesmo é da vontade de potência”.

Giuliano Tierno de Siqueira é Doutorando e mestre em arte e educação pelo Instituto de Artes da UNESP. Coordenador de Programas e Projetos do Sistema Municipal de Bibliotecas da cidade de São Paulo. Coordenador e professor do curso de pós-graduação lato sensu “A Arte de Contar Histórias – Abordagens poética, literária e performática” pelo ISEPE.

1. BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, abr. 2002. P. 21

2. ARENDT, Hannah, tradução de Paulo Eduardo Bodzík Jr e Adriano Correia. In Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC RJ “O que Nos Faz Pensar”, 2012, n° 29/p. 273-298. Disponível em <http://www.oquenosfazpensar.com/web/index.php/numero/proxima/30>

Depois de 5 anos vivenciando diversos pontos de vista sobre o trabalho de arte e cultura com jovens privados de liberdade, elaborando hipóteses e conceitos a partir do que acontece na prática e do que imaginamos que esse projeto significa para os jovens, é emocionante entrar em contato com a narrativa desses sujeitos sobre si mesmos, construída de forma tão cuidadosa. Mais do que nunca este trabalho precisa de defesa atenta e apaixonada. Está sob constante ameaça. Até mesmo conquistas históricas no campo dos direitos humanos e dos direitos da criança e do adolescente atualmente correm risco – quem dirá os direitos culturais! Os depoimentos confirmam a importância dos propósitos originais do projeto: garantir o acesso à cultura e proporcionar, por meio da experimentação artística, oportunidades de desenvolvimento cognitivo. Mas outra questão me chamou a atenção: a consciência dos jovens sobre a própria potencialidade e o quanto as oficinas culturais são fundamentais para a ampliação das suas perspectivas de futuro e do seu imaginário sobre o mundo. Não apenas em termos de repertório, mas principalmente em termos de pertencimento à humanidade, de se compreenderem parte da sociedade no sentido de suas dinâmicas simbólicas: o que contam ao novato, o que projetam lá fora, como planejam levar adiante uma experiência reveladora que tiveram e quem pretendem influenciar. Que a cultura e a arte continuem fomentando uma compreensão mais generosa dos jovens sobre si mesmos. Porque essa força de espírito será exigida deles mais do que de ninguém aqui fora – lugar onde está seu desejo de vida e invenção, mas que lhes cobra obediência e invisibilidade.

Clara Cecchini do Prado é formada em Artes Cênicas pela UNICAMP, com MBA em Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas - SP. Desenvolve seu trabalho como gestora e consultora nas áreas da cultura e da educação, tendo passado por instituições como CENPEC, Ministério da Cultura, Ministério da Educação (TV Escola), TV Cultura, Secretaria de Estado da Cultura do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Atualmente é consultora de educação no Banco Santander.

A proposta para o presente comentário e a leitura do material dessa pesquisa me remeteu, sem pestanejar, a duas referências: 1) pesquisa realizada com servidores e adolescentes vinculados a Fundação CASA, de 2006 e; 2) Cabeça de Porco, livro de 2005 de Luiz Eduardo Soares, MV Bill e Celso Athayde.

Na pesquisa para Fundação CASA, o significativo índice de respostas “Não Sabe” dos adolescentes para muito dos quesitos, diz respeito ao conceito de “Invisibilidade” (e isso é apenas um chute), tão bem tratado no citado livro. Meninos em situação de vulnerabilidade, atuando para o crime - que não sabem o que responder às perguntas sobre suas famílias, suas histórias, seu nascimento - não são por acaso invisíveis. No entanto, o que se estabelece para alguém não ser visto, dizem os autores do livro, é a relação entre a pessoa que (não) vê e a pessoa (não) vista.

Ao contrário do que me chamou a atenção na pesquisa realizada para a Fundação CASA, no presente estudo, as respostas com qualificação positiva apresentaram maiores índices para a terceira questão, ou seja, possibilidade para projeção futura, sinalização para mudança, reconhecimento de aspectos positivos em si mesmos. Perdoem-me a inferência, mas me parece que essa história de misturar o pessoal da arte-cultura com a instituição, especialmente os meninos, isso sim faz saltar aos olhos: a relação foi estabelecida, é possível ver, e melhor ainda, é permitido ser visto!

Paula Magila é nascida em família de imigrantes italianos e lituanos; cresceu com o apelido (e não é privilégio seu, mas de todos os membros da família) de Maguila; irmã de artista plástico; fez um monte de cursos de extensão em música e fotografia; estudou Psicologia na UFSCAR e foi morar em república; fez aprimoramento em Saúde Mental nos NAPs de Santos; trabalhou com meninas em situação de risco e extremo risco na Baixada Santista; iniciou sua trajetória na Fundação CASA como Psicóloga e, a partir de 2006 entrou para a Supervisão Técnica, atualmente Chefe de Seção.

Referência: Luiz Eduardo Soares, MV Bill, Celso Athayde. Cabeça de porco. Objetiva, 2005. 282 PÁGS Instituto UNIEMP; FEBEM SP. Projeto Febem. 2006. Disponível em: <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/pesquisas>

A visão e expectativa dos jovens cumprindo medida sócio educativa na Fundação Casa sobre o mundo do trabalho.

O projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais vem desenvolvendo modelos de trabalho com juventude e apostando na formação integral dos jovens que cumprem medidas sócio educativas na Fundação CASA, como ponto de partida para a sua inserção qualificada no mundo do trabalho. Os resultados das entrevistas que os técnicos desse projeto coordenaram com os adolescentes - meta-discurso com vários temas, incluindo o tema trabalho - traz informações importantes para a formulação de políticas públicas voltadas a este segmento da juventude.

Muitas são as proposições de modernização na relação juventude, Estado, Mercado, Sociedade, mas são poucos os esforços no sentido de mudar esta relação de segregação que esses jovens que cumprem medidas sócio educativas são submetidos, normalmente como párias, esquecidos à própria sorte nas unidades de confinamento.

Lendo atentamente esta pesquisa observamos o quanto é importante a construção de “um novo marco jurídico institucional”, que amplie o conceito de formação juvenil, promovendo dessa maneira, os processos formativos educacionais articulados ao desenvolvimento integral dos jovens, capaz de integralizar suas dimensões cognitivas, afetivas, lúdicas, culturais, corporais e éticas. Portanto, uma formação nos espaços da Fundação CASA que garanta os plenos direitos democráticos, humanos e sociais.

Os jovens marcados pela experiência da Fundação CASA afirmam em várias das suas considerações a expectativa de um trabalho que o coloque numa situação de emancipação frente à cultura da violência, ao mesmo tempo em que reconhece a dificuldade nesta travessia, pois os convites, as correrias, os desafios e a sobrevivência falam mais alto que o simples acomodamento às regras do mundo.

“Eu falo que eu ando fazendo, trabalhando um pouco. O meu dia a dia é trabalhando, quem sabe pode ser um serviço honesto ou de outras formas também, que no caso é fora da lei, pode ser em uma das partes, tudo tem o seu jeito, vai de cada um, cada pessoa e no período da noite fazendo coisa errada, mexendo com roubo, tráfico,

esses negócios. Eu ando correndo atrás de tudo isso, não só de dinheiro, que faz parte também, mas em tudo”.

Portanto faz-se necessário pensar uma educação com várias combinações programáticas na oferta de aprendizagens, assegurando assim uma efetiva ampliação de oportunidades aos jovens cumprindo medida sócio educativa:

- Escolarização, por meio da reintegração no ensino regular de forma a completar o ensino fundamental e médio, bem como ampliar a sua formação escolar;
- Aprendizado e domínio de conhecimentos e tecnologias ancoradas na apropriação da cidade a que pertencem, com intervenção social.
- Desenvolvimento pessoal e social, isto é, desenvolvimento de capacidades substantivas referidas, autonomia, iniciativa, comunicação, sociabilidade

Neste contexto, o programa Educação com Arte não pode prescindir de atuar simultaneamente na mobilização e indução da expansão de oportunidades pela via do Estado, Mercado e Comunidade. Colocar a juventude frente às diversas formas de trabalho e ocupações para além daquelas restritas a quem vive na periferia das grandes metrópoles. Nesse sentido os jovens também clamam por novas formas de trabalho.

Wagner Antônio Santos é Cientista político, coordenador do Programa Jovens Urbanos - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - CENPEC.

Referências Bibliográficas: CENPEC/ FIS – 2008 - Jovens Urbanos – Sistematização de Uma Metodologia, CENPEC – 2008 - Caderno CENPEC n.o. 5 - Juventudes Urbanas, IPEA– 2008 - Juventude e Políticas Públicas no Brasil–Texto para discussão n.o. 1335, NEGRI, Toni. EXILIO: SEGUIDO DE VALOR E AFETO. Editora Iluminuras, São Paulo, 2001.

No presente... Mais que agora mesmo.

*“Pra ter um futuro melhor, para você aprender para o futuro, no futuro mais para frente, se você quiser ser um desenhista ou um grafiteiro, é isso.”
...” no futuro mais para frente” ...*

É necessário reconhecer as diferentes maneiras como os jovens se estruturam como sujeitos e se organizam para expressar demandas, necessidades, desejos, visões de mundo. É importante ver o adolescente que pratica delitos não exclusivamente como autor de ato infracional, mas como adolescente com inúmeras características e possibilidades.

É necessário desvendar na frase do nosso adolescente que a palavra futuro ainda está presente e que ao oportunizar vivências formativas, seja através da arte, da cultura, da qualificação profissional e, não menos, da sua permanência na escola, o imaginário numa ideia de futuro “mais para frente”, quase que uma hipérbole, passa a compor e desenhar formas possíveis que até então, talvez, não soubesse. “É isso”.

É necessário a partir do que o jovem desvenda em suas descobertas, envolvê-lo no debate sobre a questão do desemprego que atinge 8 milhões de jovens na América Latina, conforme aponta o relatório da OIT (Organização Internacional do Trabalho). Ainda, segundo o relatório Trabalho Decente e Juventude na América Latina, 27 milhões de jovens trabalham na economia informal e 21,8 milhões não estudam, nem trabalham. Com estes dados o futuro é incerto e o “mais para frente” corre sérios riscos.

Nossa responsabilidade se vê ampliada, nossos desafios são muitos. O desafio político demanda uma demonstração de vontade na aplicação de políticas inovadoras e de efetividade para enfrentar os problemas que acarretam a dicotomia entre educação e trabalho. Sem a criação de espaços onde possam refletir sobre o futuro e um projeto de vida, onde possam discutir e se instrumentalizar, onde possam estudar, onde possam vivenciar cursos e experiências variadas para a sua formação, não terão acesso a opções e alternativas. Continuarão, como dizem por aí, “um problema social”, mais um número nos índices de desemprego e pobreza.

Citando Victor Hugo: *“O futuro tem muitos nomes. Para os fracos é o inalcançável. Para os temerosos, o desconhecido. Para os valentes é a oportunidade.”*

Criminalizar nossa juventude é condenar nosso futuro.

Ana Maria da Silva é Formada em Letras e atua como Gerente de Educação Profissional na Fundação Casa.

Referência: Lima: OIT / Oficina Regional para América Latina y el Caribe, 2013, 288 p. Disponível em: <http://www.oitcinterfor.org/publicaci%C3%B3n/trabajo-decente-juventud-pol%C3%ADticas-acci%C3%B3n>

Como falar de identidade sem falar de identidades institucionalizadas, identidade como serialização, identidades zumbi que só rompem esse modo como corpo/ rebelião? Cabeças raspadas, uniformizados no ninguém, sandálias de dedo, mãos para trás, cabeça baixa, fila. Coerção. Assujeitamento inevitável?- Total?! Será??

Apostar no Devir.

No lugar de identidades, como criar outros devires a favor da vida?

Quando trabalhamos com ação cultural estamos produzindo subjetividades. Que subjetividades são estas que estamos produzindo e quais seus efeitos?

É a partir dessa compreensão, que busco encontrar nas falas/recortes dos jovens, linhas que desviem do aprisionamento em identidades já dadas, seja a do crime ou da sujeição.

Ao ler a pesquisa, o que me alegrou nas respostas foi encontrar rastros de vida e de surpresa pelos próprios meninos.

Acredito ser esta uma potência para sustentar novas sensibilidades, que podem esboçar outros modos de existência quando se experimenta a descoberta das diversas possibilidades de expressão, antes impensáveis.

Maria Zeneide Monteiro é Psicóloga; Esquizoanalista; Psicoterapeuta Reichiana, Analista Institucional, Analista Bioenergética, Supervisora e Local trainer da Sociedade Brasileira de Análise Bioenergética/SOBAB, Membro didata do TEAB/ Uruguay; Consultora especialista do Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais/ CENPEC.

Carta aos irmãos e irmãs, jovens artistas

Queridos irmãos e irmãs,

Artistas jovens que participam das oficinas de arte e cultura.

Legal o que vocês contam das oficinas de arte e cultura. Através da capoeira, da dança, da música e das artes plásticas, vocês ocupam o tempo, distraem a mente e sentem em si e nos outros uma mudança que vai acontecendo, sem nem a gente notar muito. De fato, a arte tem essa força de ir criando dentro da pessoa um jeito novo de ser. Ajuda o jovem a reencontrar uma alegria nova de viver e de conviver. Ao fazer coisas boas e bonitas, a gente descobre o que é bom e bonito dentro da gente mesmo e aprende a gostar mais de nós mesmos e dos outros. Ao aprimorar a arte, a pessoa aprimora a si mesma.

1 – A arte de aprimorar a si mesmo/a

Já há muitos anos, Guimarães Rosa, um grande escritor da literatura brasileira, afirmava: “O bonito nas pessoas é que elas nunca estão acabadas. Nunca ficam prontas. Sempre podem melhorar e se aperfeiçoar. Nunca estão feitas. Estão sempre se fazendo”.

É essa a primeira surpresa boa que a gente tem quando lê as respostas de vocês aos questionários sobre as oficinas de arte e cultura. Vocês estão se aperfeiçoando como artistas e no aprendizado da cultura, mas, principalmente, na convivência consigo mesmos e na interação comunitária uns com os outros. A arte nos educa para a beleza. Por isso, pode ensinar a nos conhecer melhor a nós mesmos e a corrigir certos aspectos que não são belos. Do mesmo modo, na relação com os outros, a arte pode nos ajudar a ver mais e melhor a parte boa dos outros e não nos fixar no negativo. Mesmo se todo mundo tem uma parte melhor e uma “menos boa”, o fato de valorizar a que é melhor e mais bela, ajuda a pessoa a desenvolver essa parte, e a vencer a parte sua que é menos bonita e boa.

Às vezes, eu e você temos consciência de ter vivido coisas negativas e feito algumas coisas das quais nos arrependemos. Se a gente pudesse, não repetiria aquilo. As oficinas de arte e de cultura revelam que a gente não precisa fazer coisas erradas para se realizar, se expressar como pessoas diferentes e menos ainda para protestar contra um mundo injusto que, muitas vezes, não nos compreende. E tanto as oficinas culturais como as de arte podem nos ajudar a descobrir que o que passou já não existe mais. O passado deixa rastros e consequências sim, mas é passado. Agora o

que importa é viver o presente e preparar o amanhã.

Somos responsáveis pelo que fizemos e devemos assumir as responsabilidades. No entanto, o importante é sempre evoluir e passar adiante. Não estamos presos ao passado, tendo de repetir sempre as mesmas experiências.

Alguém de vocês escreveu que “o espírito é uma coisa boa dentro de nós”. É verdade. E a gente chama de espiritualidade essa capacidade de acessar dentro de nós o que há de melhor e mais amoroso. Através da cultura e da arte, vocês estão fazendo isso. Legal.

2 – A cultura e a arte como vozes do Espírito

Muitas pessoas, quando falam em espírito, se referem ao Espírito Divino, à energia de amor que gera amor em nós e nos liga a todo o universo. As tradições religiosas a chamam de “Deus”, palavra que em um idioma antigo (indo-europeu) quer dizer “Luz”. Para algumas correntes, se trata de uma energia interior a nós e ao universo. Para a Bíblia e o Corão é como uma pessoa toda feita de amor e que quer se comunicar conosco a partir do mais íntimo de nós. A Bíblia diz que Deus faz uma aliança de intimidade, uma espécie de casamento com a gente. E os profetas, como Oséias e outros, compararam a relação com Deus como o namoro e até a transa sexual. É algo que envolve toda a pessoa e tem como orientação não apenas o prazer que em si é bom e legítimo, mas não basta. A gente quer mais. Quer a intimidade do amor. E isso é o que Deus nos propõe viver conosco e, através de nós, uns com os outros. Nos evangelhos, Jesus até ensinou aos discípulos chamá-lo de Pai Nosso, ou Paizinho. Essa intimidade com Deus é aberta e acessível a todo mundo. Ninguém precisa ser santo no sentido de diferente dos outros, ou pessoa sem defeito, para ter essa intimidade com Deus. Mesmo a gente com nossos defeitos pessoais e nossas limitações podemos ter essa intimidade. E o caminho para isso não é rezar muito, nem se afastar dos outros. Jesus diz que o caminho para a gente acolher em nós e no mundo o projeto divino é o que ele chama de “conversão”, isso é, mudar de mentalidade e mudar de vida. É a gente se tornar cada vez mais sensível à justiça com os outros e à solidariedade humana.

Quanto mais capazes de ser pessoas boas, justas e solidárias aos outros, mais a sentimos Deus dentro de nós, como uma luz que nos ilumina e nos faz felizes.

Deus é a fonte da amorosidade que existe em nós. É como uma mãe carinhosa que nos ensina a amar. Às vezes, as pessoas associam Deus com a lei moral, com aquilo que é certo e com aquilo que é errado. O risco

disso é transformar Deus em uma espécie de policial do espaço, a ficar anotando as infrações que cada um de nós comete para depois cobrar. Esse não é o jeito de falar de Deus que aprendemos no Cristianismo e em outras tradições espirituais. Ao contrário, o Novo Testamento diz assim:

“Deus é amor. Quem vive o amor vive em Deus e com Deus e assim Deus vive com essa pessoa” (1 Jo 4, 16).

Essa sensibilidade amorosa e esse aperfeiçoamento humano que leva a Deus vocês estão vivendo aí nas oficinas de arte e cultura. Toda beleza está ligada ao amor e nos aproxima de Deus. Parabéns e sigam sempre em frente. Continuem esse caminho que vale a pena.

3 – Perspectivas e desafios

As oficinas de arte geram em cada coração humano uma pessoa nova e despertada para a beleza sua, para o que há de belo nos outros e no mundo. E assim como somos chamados a transformar as coisas e produzir beleza nas artes plásticas, na música, na dança, no teatro e em outras artes, também somos chamados a tornar o mundo mais belo e mais amoroso. Toda arte é um ensaio no qual aprendemos a transformar o mundo, pouco a pouca.

De fato, esse mundo precisa ser transformado. Desde muito tempo e até hoje, ele é organizado de uma forma injusta e cruel. Um estudo atual feito na Inglaterra por uma organização humanitária (a OXFAM), revela que, no mundo atual, 85 pessoas possuem a mesma quantidade de riqueza que está nas mãos da metade da humanidade, isso é três bilhões e meio de pessoas. Se isso é assim, imaginem a desigualdade social e a injustiça que isso gera. No Brasil, menos de 20% dos brasileiros são donos de mais de 50% das terras do nosso país. Os governos deveriam sanar essa situação, mas não têm força e, muitas vezes, não estão interessados em mudar isso. Essa é uma responsabilidade de todos nós. Há pessoas que querem mudar isso pegando em armas e fazendo uma revolução armada. Embora possam acontecer situações nas quais não existe outra alternativa, a luta armada não parece ser uma solução. Arma e violência não mudam a consciência e a educação das pessoas. Tem outras pessoas que se revoltam e partem para fazer coisas erradas como se fossem combater o sistema social pela anarquia e pelo desrespeito à lei. Isso também não tem ajudado em nada. O que parece ter ajudado até aqui é o trabalho de educação das pessoas, e a gente começar fazendo aquilo que pode pela justiça. O Mahatma Gandhi, líder social da Índia, dizia: “Comece por você mesmo a mudança que você

quer para o mundo”.

Vocês estão fazendo isso através das oficinas de arte e cultura. Ao trabalhar para serem pessoas melhores e mais amorosas, vocês estão trabalhando para modificar o mundo. O importante é que essa preocupação e essa intenção estejam sempre presente em tudo o que nós fazemos. Uma vez, um índio que era cacique dos Cherokee, afirmou: “Quando você fizer uma coisa, procure observar se essa coisa vai beneficiar seus filhos, seus netos e bisnetos até a sexta geração. Se for, ela é boa e vale a pena ser feita”. A gente tem de ter essa sensibilidade de pensar no futuro, no futuro da gente mesmo e no futuro da terra. Hoje, os projetos dos grandes destroem as florestas, poluem as águas e ameaçam a vida na terra. Temos de cuidar da terra, da natureza e da continuidade da vida no nosso planeta. E ao bolar a nossa oficina de arte e de cultura, devemos desenvolver sempre um sentido crítico com relação à vida e ao modo de ver a realidade.

Uma forma sempre boa através da qual a arte faz isso é o humor, a alegria, a brincadeira. Tem gente que acha que brincar e rir não é sério. No entanto, o humor faz bem à saúde e, muitas vezes, pode curar muitas doenças da alma. Existe um humor pesado e de mau gosto que se baseia no preconceito. Esse não é bom porque não é amoroso. Não tem graça nenhuma fazer piada com defeito de alguém ou com um jeito de ser diferente das pessoas. Mas a vida é engraçada e quem quer, sempre encontra motivo para rir e fazer os outros rirem. Em uma de suas músicas que não é do tempo de vocês, Chico Buarque afirmava: “Deus é um cara engraçado que gosta de brincadeira”. É verdade isso.

Vale à pena manter sempre o bom humor e ser otimista e esperançoso sobre a gente mesmo e sobre as pessoas ao nosso redor. É preciso confiar e ao mesmo tempo ser sempre críticos.

Em uma de suas cartas, São Paulo escreveu: “Não se conformem nunca com esse mundo como ele é. Procurem sempre transformá-lo através da inteligência de vocês” (Rm 12, 1 ss).

É isso que lhes desejo. Vamos nos manter juntos no caminho.

Um abraço do irmão Marcelo Barros

Marcelo Barros é monge beneditino e padre católico. É assessor das comunidades eclesiais de base e dos movimentos populares. Coordena atualmente uma associação ecumênica de teólogos e teólogas da América Latina a serviço da libertação do povo. É autor de 45 livros e de muitos artigos de revistas.

Acredito que as respostas apontam para jovens com vontade e ansiosos comuns a todos os demais da idade. E muito focados em realizar coisas que sejam prazerosas. Em relação aos relatos sobre o trabalho, descrevem trabalhos como ajudantes e auxiliares em serviços gerais, e pouca vinculação entre os estudos e uma perspectiva vinculada ao trabalho ou profissionalização. A necessidade e o gosto pela comunicação também é bastante presente, a utilização de redes sociais, ainda que em “lanhouse”. A presença da família, em especial do pai, no mundo do trabalho também aparece de forma forte. Por outro lado, aqueles que estão “dando um tempo” e prometem que em breve irão fazer coisa diferente, não é acompanhada de sinal efetivo dessa mudança. E dificuldade de reinserção social aparece até mesmo nas relações familiares, contudo, também pode reforçar a dificuldade, inerente aos jovens, em ouvir uma advertência.

Enfim, como o jovem se vê pode auxiliar os operadores a entender a dinâmica deles. A dificuldade é saber se serão vistos sem preconceito. Porquanto refletem jovens que, apesar do tamanho físico e da necessária autonomia progressiva, ainda dependem de uma supervisão e orientação no momento adequado. Há um relato do menino cuja mãe é doméstica, e nem a namorada sabia que ele morava pelas ruas e usava drogas. Que se fosse aprofundado em outro tipo de estudo com certeza revelaria a penúria da mulher que, sozinha, sem pensão alimentícia ao menos, tem de trabalhar mais de dez horas (entre sair de casa e voltar do emprego) para dar conta do sustento.

A invisibilidade destas situações é apontada (“o invisível”), mas, a situação destes núcleos também parece ser (dificuldades de moradia, transporte, acesso à creche e precariedade das relações trabalhistas). Os direitos das domésticas como os demais trabalhadores somente em meados de 2013.

Por outro lado o estatuto do jovem apresenta o dever de oferecimento de políticas públicas para jovens fruïrem o tempo livre além de outras políticas que, atualmente, somente quem tem recurso pode disponibilizar no mercado. Esta lei é de agosto de 2013, e entrou em vigor apenas em fevereiro de 2014 (LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013-EJ). Os agentes públicos ou privados envolvidos com políticas públicas de juventude devem observar, entre outras, as seguintes diretrizes: desenvolver a intersectorialidade das políticas estruturais, programas e ações; e garantir meios e equipamentos públicos que promovam o acesso à produção cultural, à prática esportiva, à mobilidade territorial e à fruição do tempo livre. (EJ, art. 3º, incisos I e V).

O invisível - *“Como é essa pessoa? É uma pessoa que, não sei como falar, é uma*

pessoa que tem interesse, que achou que se caísse aqui dentro os outros olhavam mais pra ela, porque lá fora as pessoas só sabiam pisar nela, e estando aqui, achava que iam olhar mais pra ela, aí viu que tudo era diferente, que ninguém olha pra ninguém.”

Atividades de lazer - *“A pessoa é igual a mim. O que eu gosto de fazer? Eu não sei não, tem hora de alegria, várias bagunças, gosto de me divertir, eu gosto de assistir televisão, jogar dama, dominó e ping-pong. Eu gosto de sair pra vários lugares, de ir pra eventos, é assim a minha vida; eu gosto de conversar, de soltar um pipa, andar de moto e de bicicleta, de sair com os amigos, ir para o salão zoar um pouco e fazer um monte de coisas. Gosto de fazer vários tipos de coisas que eu vejo que é bom pra mim, o que não é bom pra mim eu não faço.”*

Convivência Familiar e/ou Comunitária - *“Não está sendo fácil, não posso sair para a rua que a minha mãe fica enchendo o saco, fala, pra onde você vai, os meus irmãos também, mas agora eu vou na casa da minha namorada, vou lá ver ela, arrumei uma namorada que gosta de mim e estou tentando fazer a minha vida.”*

Eduardo Dias S. Ferreira é Promotor de Justiça da Infância e Juventude da Capital, Mestre e Doutor em Direitos Sócios pela PUCSP, Prof. de Direito da Infância e Juventude e Direitos Humanos na PUCSP, membro do núcleo de Direitos Humanos da pós-graduação de Direito da PUCSP, Prof. da Escola Superior do Ministério Público.

Os (im)possíveis sentidos da escola aos adolescentes privados de liberdade

As palavras dos adolescentes que passaram pelas Oficinas Culturais ressoam, reverberam, repercutem. Trazem os sentidos, os significados e “as significâncias remontadas” – em dizeres do poeta Manoel de Barros – de discursos e práticas sociais que nos marcam a todos e todas na contemporaneidade. Palavras que saltam aos olhos, que soam como se estivessem sendo ditas em ritmadas letras e músicas de rap. “*Eu estou apenas indo na porta da escola ou vou sair ali para o Planalto*”. No esgar da frase, uma indagação insurge: a dúvida é entre a escola e o palácio do Planalto? Trata-se do discurso incorporado de que para ser político e não precisa estar na escola? Esse seria mais um enunciado no encadeamento do pungente discurso atual sobre a perda do sentido da escola? Essa escola que, perdeu sua função social em meio à quantidade de informações, ao mundo, ao espaço da virtualidade? A escola, vale sempre lembrar, segundo estudiosos da área, teria origem grega, como lugar do ócio – isso na medida em que era a classe dominante que se dedicava à mesma enquanto a outra, a classe subalterna, dedicava-se ao labor, ao suor e ao trabalho braçal de cada dia. Em seu processo histórico vemos as marcas de como essa dicotomia entre escola e trabalho se (re)produz e se (re)coloca. E, vemos, como novos sentidos e significados, vão atravessando e marcando os sujeitos, constituindo os corpos, cristalizando os discursos que engendram práticas sociais e forjam as subjetividades. Nas falas de outros adolescentes (re)descobrimos esses/ outros sentidos: “*Acabei de sair da Fundação, estou aqui no mundo, ando aproveitando a minha liberdade, faz pouco tempo que eu saí, e eu estou tranquilo, calmo, sem fazer nada, parasitando*”. Estariam esses meninos cometendo a infração de estar em busca do ócio? Pior, aquele ócio que nunca é legítimo à classe subalterna? Vale também à pena, lembrar, por outro lado, alguns significados impressos em números contundentes de pesquisas e estatísticas que mostram como as crianças ainda trabalham em nosso país: as meninas em casa, os meninos na rua, no tráfico – o primeiro emprego de muitos. É, então, que nos deparamos com sentidos claros dos significados vivenciados na pele: “*eu penso em trabalhar de novo, voltar a trabalhar, voltar a estudar e fazer algum curso ou alguma faculdade*”. Ou “*Eu vou falar, estou de boa, estou estudando... indo para a escola, fazendo curso*”. O retorno ao “mundo”, após a vivência na Fundação, inclui a escola! E, para a maioria, inclui o estudo e o trabalho – ou melhor, o estudo para o trabalho: “*voltei a estudar e a trabalhar*”.

Os significados que atravessam os discursos vão sendo marcados: a escola vai promover um futuro melhor. A escola que era o lugar da desvalorização – como diz um dos meninos “*fazer lição era vergonha*” – aparece como o lugar de uma ainda insurgente possibilidade de mudança. Parece que após passar pelas oficinas, dentre as outras atividades, abrem-se as possibilidades de sentidos novos se produzirem no discurso para além de escola e (para) o trabalho. Um dos adolescentes diz estar “*buscando se intelectual*”. E outro enfatiza: “*estou estudando, estou fazendo supletivo, fazendo uns cursos, de computação e de capoeira... uns cursos culturais, arte da palavra, artes plásticas*”. Aqui, mais do que os significados reificados, os sentidos da vivência estética, vão permear os discursos. E, no tão atual e já enfadonho, horizonte discursivo de uma escola sem sentido, em crise, sem função na sociedade contemporânea, algumas palavras ritmadas pelos meninos impactam: “*Estou tentando reconstruir a minha vida, fazer uma revolução na minha vida*”. Uma revolução sensível, poderíamos pensar. Um revolução em que o sentido e a vivência se (re)encontram, em que o próprio sentido da escola emerge da experiência vivida nas ates e na(s) cultura(s) e, paradoxalmente, se torna um horizonte de probabilidades à escola de ainda fazer sentido. Quem sabe, aqui haja uma centelha de possibilidade de – como diria Vigotski – que a escola ainda tenha papel fundamental de produzir algo fundamentalmente novo no processo de constituição subjetiva e desenvolvimento humano. Seria então possível a esses meninos terem o privilégio de “*se intelectual*”, aliados a “*cursos culturais, de artes da palavra...*” sem terem “*de ocupar o tempo de trabalho*”? Nos discursos dos adolescentes que atravessaram a experiência da privação de liberdade na Fundação e passaram pelas Oficinas um horizonte – de possibilidades, de perspectivas, de políticas... – é claramente apontado para que a escola faça sentido. Resta saber se essa escola – mas, não apenas professores e escolas isoladas, mas essa instituição social e política pela qual somos todos e todas responsáveis, em última instância, à medida que ainda a promovemos em nossa sociedade – fará possível esse “*ócio*”... o de poder estudar e não ter de trabalhar, o ócio do tempo da vivência e do aprendizado, o ócio do cultivo intelectual e estético... que ainda é privilégio da escola de alguns.

Lavinia Magiolino é professora e pesquisadora em Psicologia e Educação, nas temáticas: emoção, significação, estética e política, e, mais recentemente, adolescência e conflitualidade. Mestre e Doutora pela UNICAMP, pós-doutora pela PUC-SP, com estágio no CNAM-Paris, atualmente é professora do Mestrado Adolescente em Conflito com a Lei da UNIAN, Universidade Anhanguera de São Paulo.

“Ficar o dia inteiro só na televisão é horrível”

Ao ler os resultados sistematizados das entrevistas com adolescentes que cumprem medida socioeducativa na Fundação CASA em São Paulo e participam do Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, a frase usada como título deste comentário se impôs como um fantástico resultado do trabalho desenvolvido.

Quando um adolescente consegue identificar o quanto é “*horrível ficar só na televisão*” é porque ele conseguiu enxergar possibilidades para além daquilo que é oferecido e encontrar em diferentes formas de expressão, arte e cultura, sentidos, valores, possibilidades e experiências que lhe permitem ir além do trivial, do pré-estabelecido.

A prática de atos infracionais por adolescentes revela, ao mesmo tempo, uma ruptura com as normas estabelecidas pela sociedade e um pertencimento ao mundo dos que não temem os riscos de realizar seus desejos imediatos agredindo os direitos dos outros. É uma forma de exclusão social produzida pelo próprio sujeito e pelas contradições presentes na sociedade.

Para que o adolescente enfrente e supere o conflito que se estabeleceu em função de seu desrespeito à lei é preciso ampliar o repertório do seu desconhecimento de forma a ajudá-lo a conhecer-se a si mesmo, desvendar o funcionamento da sociedade e construir um referencial crítico que lhe permita fazer escolhas livres de imposições, preconceitos ou ilusões.

Pelo papel ideológico, de entretenimento e consumo que a televisão desempenha na sociedade ela está mais propensa a promover um processo de acomodação social, reprodução das desigualdades e absolutização de suas mensagens. Fazer uma leitura crítica dos meios de comunicação social torna-se então uma tarefa fundamental, embora difícil e complexa.

A promoção de espaços para práticas, reflexões, conhecimentos e produção da arte compreendida a partir dos diferentes enfoques culturais se mostra um caminho insubstituível para permitir que o/a adolescente se descubra, se expresse e crie suas próprias referências que vão moldar uma forma diferente de estar no mundo. Arte e reflexão estão sempre associadas porque embora a composição de uma música, a montagem de uma coreografia, a pintura em uma tela, um movimento na capoeira ou um roteiro para uma história em quadrinhos surjam quase sempre de uma intuição ou inspiração, sua realização, sua finalização e acabamento demandam

muita reflexão, análise de possibilidades e decisão para obter o resultado mais sintonizado com o interior de quem se expressa e mais apropriado para comover, cativar os outros e poder assim expressar sua mensagem, seus valores e, claro, sua cultura.

Mário Volpi coordena o programa cidadania dos Adolescentes do UNICEF no Brasil. É formado em filosofia, tem mestrado em Políticas Sociais, e coordenou o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua. É autor de diversos livros sobre a questão da adolescência e a prática de atos infracionais: *O adolescente e o ato infracional*, Cortez Editora, SP; *Sem Liberdade Sem Direitos*; Cortez Editora, SP; *Adolescente Privados de Liberdade. A normativa Nacional e Internacional e Reflexões sobre a responsabilidade penal*, Cortez Editora.

Tem escola no mundão?

Considero que escola é um lugar de aprendizagem. Que a escola e seus percursos de aprendizagens devem fazer parte da vida de cada criança, de cada adolescente e de suas famílias. Que, por isso, a escola é parte do caminho para concretizar sonhos de mudança, de crescimento, de desenvolvimento pessoal e de inclusão na sociedade.

Não é assim que a escola aparece nos depoimentos dos adolescentes do Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais. Mas não se pode dizer que os meninos e meninas não valorizam o aprender. Há uma valorização significativa desse processo, com uma estreita vinculação entre aprendizagens e desenvolvimento pessoal.

Em todas as categorias, em todas as perguntas, aparecem as palavras aprender e aprendizagem. E elas aparecem sempre no sentido de agregação de conhecimento, de valorização pessoal, de ampliação de horizontes, de descobertas e, muitas vezes, de preparação para o mundo do trabalho. Poucos, muito poucos mesmo, relacionam aprendizagem com a escola.

Nas falas sobre a vida no mundão, no passado, a escola aparece ora como *“coisa que a gente não teve”*, ora como não fazendo parte da vida - *“não ia mais pra escola”*. Na perspectiva de retorno para o mundão, a escola faz parte dos planos de muitos deles. Como se voltar à vida lá fora, pra ser diferente do passado, tivesse de incluir a escola. Poucos falam da escola como parte do caminho pra mudar de vida. Os que explicitam essa relação referem-se apenas ao acesso à faculdade.

A pergunta que emerge disso tudo: por que os meninos e meninas não estabelecem uma relação entre aprendizagem e escola tão positiva e fortalecedora como a que estabeleceram entre aprendizagem e as oficinas do projeto? Por que, em nenhum momento, eles imaginam a possibilidade das oficinas fazerem parte integrante de um projeto de educação do qual a escola é parte, não uma parte qualquer, mais a parte central, estratégica, de formação pra vida?

O escritor e jornalista Ignácio de Loyola Brandão, em um artigo que escreveu pro blog Ecofuturo, cita uma fala de sua professora do antigo primário (hoje ensino fundamental). Ela dizia, ao incentivar que os alunos registrassem coisas diferentes sobre seu bairro, ou seja, que observassem e refletissem sobre o ambiente no entorno da escola: *“Porque aqui é a escola, onde vocês se preparam para a vida que vão levar. Lá fora vocês vão conhecer a vida, as pessoas, ver as diferenças, vão conhecer o bem e o mal.”*

Esse lugar da escola precisa ser recuperado, construído e fortalecido.

Uma escola que se articule, que faça parte do território dos meninos e meninas. Que inclua, no seu projeto, esportes, arte, cultura, atividades como as oficinas, possibilidades gostosas de convivência, ou seja, uma escola que se integre no projeto de vida da criança e, sobretudo, do adolescente e que, fundamentalmente, garanta a todos o direito de aprender. Essa é a escola que concretiza a educação integral: articulando tempos, espaços e conteúdos que fazem parte e dão sentido à vida de cada criança e cada adolescente.

O UNICEF vem liderando, com inúmeros parceiros por todo o país, uma campanha cujo lema é *“Fora da escola, não pode!”*. Ela é especialmente dirigida para garantir os direitos de meninos e meninas que têm seus direitos mais negados, como os que estão aqueles nas unidades de cumprimento de medidas socioeducativas. Para garantir que isso, de fato aconteça, é fundamental que a escola seja boa, que reflita os anseios dos adolescentes, que apoie seu projeto de vida e que faça parte da vida comunitária e familiar. É preciso que a escola seja um espaço fundamental para apoiar e fortalecer esses meninos e meninas na sua volta para o mundão.

Maria de Saete Silva é Coordenadora do Programa de Educação do UNICEF no Brasil desde 2007. Esse programa tem a busca da equidade como diretriz de suas ações, priorizando territórios e grupos mais vulneráveis e agindo por meio de ações de mobilização, advocacy, desenvolvimento de capacidades e incentivo à participação, especialmente dos adolescentes. Trabalhou em ONGs e como consultora em projetos de formação e mobilização de gestores educacionais e organizações sociais, voltados para a garantia do direito à educação de qualidade. De 1995 a 1996, foi Secretária de Educação do município de Salvador, de onde também foi secretária de Administração (1993/94).

A potencia das oficinas...

...”dentro de mim tinha diversos talentos que estavam escondidos e que aqui eu estou tendo a oportunidade de estar desenvolvendo eles pra por pra fora, talento da arte, (...) nas artes plásticas não é só simplesmente pintar, se desenvolve várias coisas, a paciência, a delicadeza de saber misturar as cores, diversas coisas”. (fala dos adolescentes privados de liberdade)

Trabalho

Há nas falas dos adolescentes uma aspiração por trabalho em contraponto ao crime e a ociosidade. O trabalho é percebido como rota necessária para viver a vida comum dos homens em sociedade e melhor responder as expectativas de seus familiares e das organizações e instituições com as quais se relaciona.

“Estou levando a vida fazendo muita pizza, correria direto, aparece lá qualquer hora pra você estar comendo uma, do trabalho eu vou pra casa levando o pão, de casa para o serviço e assim vai indo no dia a dia, todo dia a mesma rotina e estou indo pra casa agora”. (fala dos adolescentes privados de liberdade)

“(...) estou trabalhando, ganhando uma vida melhor, estou andando bem, graças a Deus. Ajudando o meu pai em casa lá, vou dar um trampo com ele, trabalhando, conquistando o que eu sempre quis com o meu suor, estou na correria de sempre, trabalhando muito, o serviço lá está exigindo muita hora extra, eu tenho que estar me desdobrando. É muito cansativo ficar mexendo massa, carregando bloco, ouvindo o patrão enchendo o saco no ouvido, eu nem tenho tempo pra as refeições direito, por falta de funcionário, aí a gente tem que se desdobrar, a gente não pode deixar, a firma precisa de nós”. (fala dos adolescentes privados de liberdade)

O trabalho, como realização para estes adolescentes, é um desafio de extrema dureza: possuem poucas credenciais para enfrentar o mercado de trabalho; possuem baixa escolaridade e estão marcados por atos ilícitos passados. E aqui, a grande contradição das instituições encarregadas de sua inclusão!

Não há para esses adolescentes a oferta de um processo denso de inclusão social e econômica (aliás, nem mesmo para a grande maioria dos jovens moradores das grandes cidades sem poder aquisitivo). As medidas socioeducativas nominadas de privação da liberdade, liberdade assistida e semiliberdade, são de crucial importância para adensar competências, fortalecer suas expectativas para conquistá-las. Isto ainda não ocorre.

E porque não ocorre? Vejamos o contexto atual.

1. Há um desinvestimento dramático nas instituições prestadoras de serviços decorrentes das políticas públicas; sem tais serviços de qualidade como construir cidadania e acesso efetivo às riquezas societárias? Na América Latina e no Brasil, os governos estão preferindo ofertar transferências monetárias que serviços de boa qualidade. Reitera-se nesta opção a idéia de que populações vulneráveis são descartáveis.

2. Agrava-se este quadro com o fato de que as estruturas de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade civil, são por demais restritivas aos jovens. (Cepal/Celade, 2000b; Cubides, Laverde e Valderrama, 1998).

3. As desigualdades em nosso país e no mundo não se reduziram; se transmutaram em micro desigualdades. “São menos caracterizadas para o sujeito como estruturais e mais como derivadas da impossibilidade individual de valer-se das oportunidades, de acessar e usufruir com sucesso as riquezas e bens societários” (...) “Esta percepção generalizada tende a diluir as lutas coletivas em provas pessoais” (Dubet, 2011, p13).

Vivemos uma sociedade que produz o que Castel (2009) denominará de indivíduos por excesso e indivíduos por defeito para retratar a dicotomia de uma sociedade erguida a partir da relação de abundância e escassez; onde convivem a altíssima produtividade e geração de riquezas apropriadas por poucos, e a manutenção da pobreza que se espalha por maiorias populacionais. O que de fato temos é um mundo globalizado que não eliminou as desigualdades sociais, ao contrário, acirrou-as.

4. A realidade do trabalho mudou radicalmente gerando novos perfis de trabalhadores; para vencer, o trabalhador precisa possuir conhecimento, destrezas tecnológicas, repertório cultural e também competências e habilidades não cognitivas como curiosidade, iniciativa, criatividade, persistência, trabalho em equipe, auto organização, auto confiança. Todas elas pouquíssimo desenvolvidas nos nossos jovens e adolescentes.

No trabalho, as desigualdades ficam mais expostas. Poucos trabalhando em fantásticos nichos do mercado e ganhando fabulosamente e, a maioria, em trabalhos pouco valorizados e rentáveis. No Brasil, a análise da evolução do mercado de trabalho revela que, diferentemente da década anterior de 2000, o emprego formal cresceu. Entretanto, o aumento se deu, particularmente, nos empregos com rendimentos que não superam os dois salários mínimos.

O trabalho é segurança de percurso na vida adulta. Pode ser caminho de realização quando se gosta do que faz, quando se sente útil para si e para o outro, quando se sente valorizado e reconhecido no que faz, quando a remuneração do trabalho permite uma vida digna.

Os trabalhadores sociais e gestores públicos falam muito da economia criativa como grande oportunidade para os que se encontram nas condições apresentadas pelos nossos adolescentes.

As oficinas...

“É um curso cultural que tem várias profissões, que é muito bacana e você aprende alguma coisa, tem vários cursos, pra você se identificar e se quiser exercer uma profissão. ... Dá até pra ganhar um dinheiro lá fora, se se interessar aprende a desenhar, aprende várias coisas novas que lá fora não tinha oportunidade de estar fazendo e aqui dentro está tendo a oportunidade. Tem alguns cursos que você faz aqui que você pode sair no mundão e você pode sobreviver com isso, tipo o negócio de grafite e dança de rua; se você souber fazer mesmo uns trabalhos maneiros, você sai no mundão e é tipo uma renda lá fora. No mundão você pode praticar e mudar o seu estilo de vida, você pode trabalhar com negócio de artes. Eu gosto muito de capoeira, queria fazer lá fora, eu estou fazendo aqui dentro, gostei, quero me aperfeiçoar e fazer lá fora também, aí através desse negócio eu quero ver se eu consigo arrumar um serviço”. (fala dos adolescentes privados de liberdade)

A economia criativa é uma possibilidade quando se investe na formação do espírito empreendedor e se apóia a sua integração na cadeia de negócios criativos de que escolheu.

Por fim, para acessar melhores possibilidades no mundo do trabalho exige-se deste adolescente persistência na formação contínua e nas relações.

“Estou estudando, arrumei um serviço, estou trabalhando, ainda não apareceu uma coisa firme, eu estou dando um trampo, é o que eu estou fazendo no meu dia a dia, estudo a noite, fazendo uns cursos também, curso de Comunicação, fazendo a minha faculdade vivendo a minha vida, procurando a minha melhora, pra não levar a vida no crime, saindo um pouco de vez em quando e seguindo a minha vida, estou me aprofundando mais no trabalho, como um ser humano comum, trabalhador, querendo ser alguém na vida. Parei de roubar e parei de usar droga, minha vida mudou agora.

Vou arrumar um trampo e pronto, procurando trabalho como Jovem Aprendiz. Estou procurando no CAT e no CIEE pra não estar voltando mais pra trás, já vão ver que a minha carteira de trabalho já foi registrada quando eu era menor, como jovem aprendiz, fica mais fácil de arranjar emprego”. (fala dos adolescentes privados de liberdade)

Parabéns as ONGs que vêm ofertando praticas artísticas e culturais aos nossos adolescentes privados de liberdade; sem dúvida a fala dos adolescentes é um grande elogio e um grande agradecimento.

Maria do Carmo Brant de Carvalho é doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pós-Doutora em Ciência Política Aplicada pela École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris/França. Atuou na administração pública e também em organizações do terceiro setor. Foi professora titular no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, responsável pela disciplina de gestão social pública. Atualmente desenvolve consultoria a diversos projetos nas áreas de Assistência Social, Educação pública e Habitação.

Arte Socioeducativa ou Cultura da Medida?

Difícil compatibilização entre o que se pretende e para o que isso serve. Nota-se da leitura das respostas dadas pelos adolescentes, que a sua percepção a respeito do que significa a Arte e a Cultura dentro das unidades possui largo espectro, indo da simples tarefa a ser cumprida para a obtenção da liberdade, até a atividade que pode libertá-los para o enfrentamento de sua realidade.

Para quem vê a atividade como simples passo a ser cumprido para “ganhar o mundo”, ela nada possui de socioeducativo, tendo na perspectiva do jovem a mera característica de retribuição: errei, pago e estamos quites. Participar das oficinas faz parte do preço da liberdade. Visão essa que se assemelha à da cultura prisional, onde não importa a mudança pessoal, mas sim o cálculo matemático do tempo de segregação somado ao comportamento. Isso é o que se pode chamar de “cultura da medida”, que deve ser seriamente analisada pelos educadores culturais e gestores do sistema, uma vez que os objetivos pretendidos não estão sendo alcançados.

O adolescente que não encontra ambiente propício ao autoconhecimento, que não se motivou para o questionamento do “mundo” que pensa conhecer, e as possibilidades que ele pode oferecer, estará vivendo um momento de simples segregação, continuando sem perspectiva de futuro. Infelizmente ainda se pode ler em alguns textos referências a violência física dentro das unidades, ao tratamento desrespeitoso de alguns funcionários da Fundação e a uma disciplina sem objetivo. Talvez essa situação seja a razão pela qual não se tenha o ambiente propício a que o adolescente possa estar aberto ao autoconhecimento e mudanças interiores. Enquanto não houver uma diretriz única aceita por todos os atores do sistema socioeducativo, seja pela forma como se vê o adolescente, seja pela forma como tratá-lo, ou ainda, o que se pretende com a medida socioeducativa, todo e qualquer trabalho de resgate pessoal será prejudicado. A coerência do sistema é fundamental para que ele possa cumprir a sua função.

Reinaldo Cintra Torres de Carvalho é Juiz da Infância e da Juventude e Membro da Coordenadoria da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Ainda há tempo

No CD duplo “*Nada como um dia após o outro dia*” dos Racionais MC’s, há uma faixa que se chama 12 de Outubro. Não é um rap, é um depoimento de Mano Brown embalado por um solo de violão. Nela, o rapper sai num rolê pela Cidade. Parte do Parque Santo Antonio, na periferia da Zona Sul, e atravessa a ponte no final da então Av. Água Espraiada (atual Roberto Marinho), no rumo da Vila Santa Catarina, mais próximo do Centro. No meio do percurso, passa por um grupo de crianças numa favela. Cumprimenta os meninos e fica tocado pela história de um deles que, no dia das crianças, ganhou da mãe um tapa na cara. A agressão materna foi uma reação contra o garoto que protestou por não ter ganho presente. Indignado, Brown faz um discurso em tom de protesto atribuindo aos governantes, de forma generalizada, a violência dentro de uma família e prevê para aquele garoto um futuro incerto no qual o crime pode ser a alternativa mais provável.

Neste contundente depoimento, Brown identifica a origem de um círculo vicioso no qual só os pobres se dão mal. Talvez este garoto tenha ido parar na Fundação CASA e lá encontrou muitos outros com história semelhante. A falta de algo tão básico pode transformar um menino a ponto de torná-lo um infrator, às vezes perigoso. Diante da negação, ele busca a solução por sua própria iniciativa. É a chance de inverter a lógica que lhe domina: de vítima do descaso pode se tornar o vilão. Há um Rap mais antigo dos mesmos Racionais MC’s que conta a iniciação, ascensão e queda de um bandido. Na estréia do protagonista, ele participa do assalto a uma boutique no Itaim. Excitado com a ação bem sucedida declara: “*pela primeira vez vi o sistema aos meus pés/apavorei; desempenho nota dez*”. Este rap consegue, através de seus versos, demonstrar que o engajamento no crime é, muitas vezes, uma reação contra o “sistema”, essa instância difusa, porém poderosa, de dominação que é causa e efeito da desgraça de quem a combate. Nesse sentido, o ato infracional torna-se algo compreensivo numa sociedade com tamanho nível de desigualdade, exclusão e violência. Pode ser visto, de certo modo, como algo digno, afinal o adolescente infrator teve uma atitude. Poderia se submeter a trabalhos precários ou ficar na rua pedindo esmola; do jeito dele, resolveu ir à luta. Novamente Racionais: “*Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal/por menos de um real/minha chance era pouca/mas seu eu fosse aquele moleque de toca/que engatilha e enfia o cano na sua boca...*”

Observando as respostas às questões da pesquisa do Cenpec notamos que os adolescentes projetam nos cenários de futuro, fora da Fundação CASA, um contexto de garantia de direitos: estudo, formação e iniciação profissional, passear no Shopping, fazer esporte, fruir e produzir arte, comprar roupas da moda. Ou seja, almejam como sonho, aquilo que deveria ser a condição básica de cidadania. Tamanha privação de direitos ajuda a explicar seus atos infracionais, como já dissemos, mas a fala dos adolescentes acrescenta outros elementos que revelam a ruína de uma personalidade ainda em formação. Há o aspecto da afetividade perdida, ou nunca realizada. Eles querem ter uma família, esposa e filhos, cachorro, quintal com árvores e pássaros a cantar. Simples assim. Querem estar junto da mãe, sempre presente, e ser o pai que nunca lhes esteve próximo ou, muitas vezes sequer conheceram. Tal revelação nos depoimentos contidos na pesquisa remete aos versos de outro Rap dos Racionais: *“Outra vez nós aqui, vai vendo/Lavando o ódio em baixo do sereno/Cada um no seu castelo, cada um na sua função/Tudo junto cada qual na sua solidão/(...) Oh, filosofia de fumaça, analise/Em cada favelado, um universo em crise.”*

A Fundação CASA é o ponto de encontro de adolescentes que se perderam sem nunca terem se encontrado. Mas, embora vítimas do “sistema”, eles não são coitados e nunca devem ser vistos como tal. As oficinas de arte e cultura dadas pelo Cenpec ajudam a revelar uma subjetividade que estava sob os escombros de uma alma atormentada e que pode ser redentora. Eles não vão se salvar pela arte. Nada disso. Quem precisa se salvar é a sociedade. Mas a arte lhes proporciona um acréscimo de estima e sensibilidade que pode lhes conduzir para um caminho novo à altura de seus sonhos. E aí cabem os versos do Criolo: *“as pessoas não são más, elas só estão perdidas; ainda há tempo”*. A sociedade, o “mundão”, como dizem, tem que acolhê-los e lhes assegurar os direitos em relação aos quais foram privados e dos quais são sujeitos. Só assim o trágico círculo será interrompido. Ainda há tempo.

Antonio Eleilson Leite é Historiador, programador cultural e coordenador de cultura da ONG Ação Educativa.

A busca pelo pertencimento familiar Os entrevistados e suas famílias

Embora as perguntas, nas entrevistas, refiram-se a aspectos individuais dos entrevistados, as respostas passam, muitas vezes, pelas famílias. O tema assume um lugar de importância em seus discursos, o que demonstra a relevância emocional das famílias na vida deles e que eles, internados ou não, continuam conectados com elas.

Sendo assim, as experiências vividas no período da internação, principalmente as relacionadas com mudanças, deveriam circular em suas famílias. Da mesma maneira as histórias familiares deveriam circular nos grupos e oficinas. Sem esta circulação, corre-se o risco de se perder a riqueza e a diversidade das histórias familiares não circuladas e, ao mesmo tempo, o aprendizado no período de internação se perder no “mundão” lá de fora, restando pouco para o “mundão” interno de cada um.

Observamos que muitos adolescentes institucionalizados circulam pelas instituições, reeditando o traço cultural das famílias brasileiras de circular crianças. Queremos ressaltar que as práticas de circulação de crianças/adolescentes; as fortes relações entre mães, avós, filhos e netos; a invisibilidade dos pais são faces pouco consideradas de nossa cultura e que destoam da família nuclear burguesa, mantendo no anonimato uma grande parte das nossas famílias, principalmente as que vivem em grande vulnerabilidade social.

O século 21 nos revelou as diferentes formas de se organizar como família, e ao mesmo tempo, as vozes das diferentes culturas e singularidades ainda não são ouvidas, mantendo os sujeitos dissociados de suas histórias de pertencimento, o que promove rompimentos de laços sociais, com efeitos disruptivos na subjetividade.

Consequentemente é frequente o desconhecimento dos jovens de suas histórias de pertencimento a uma família, o que dificulta que eles possam se apoderar de algum lugar em suas próprias famílias. É como se construísse e se mantivesse um “não-lugar”. Os dossiês institucionais contribuem para isso apresentando pobreza na coleta e análise de histórias familiares e riqueza de adjetivos estigmatizadores que desqualificam e culpabilizam as famílias (famílias desestruturadas, pais ausentes, mães que abandonam os filhos etc.)

A transmissão da história – a historização do desejo – é fundamental

para a constituição subjetiva do sujeito como desejante. Ela permite uma clareza que incide sobre um corte para que o traumático não se repita.

A recuperação da história inaugura o novo, interrompe uma cadeia de repetições de lutos não elaborados. Cada família apresenta uma arquitetura própria, complexa e singular, caracterizada pela intersecção de histórias individuais, de experiências compartilhadas e vínculos intergeracionais.

Quando as histórias particulares não circulam, nas lacunas se constroem os mitos, que se podem ver claramente nos discursos dos jovens internados: a mãe onipresente, sofredora, a paz na família, a falta do pai, o lugar exemplo para os irmãos, o sonho de ser o provedor etc.

Generaliza-se o sentimento de que “mãe é uma só”, “mãe é mãe”, por mais que os percursos estejam repletos de desencontros e inconsistências. Generaliza-se o lugar vazio do pai e o movimento do adolescente tentar preenchê-lo de forma onipotente.

O risco de não pertencer, de não ser desejado, de não ter um lugar de filho se torna apavorante. O lugar do filho necessita da história, da construção que alie reconhecimento e acolhimento concomitantes à sustentação de restrições e limitações. A saída parece ser a tentativa de se incluir fantasiosamente, e o lugar vislumbrado para a inclusão é o de PROVIDOR, alguém que vai dar uma boa vida para a família, do bom e do melhor.

O adolescente tenta se incluir onde é notório o fracasso de seus pais. O lugar do provedor vem como substituto do lugar de filho que não lhe é oferecido, nem apropriado como uma história de pertencimento. Infelizmente esta tentativa de inclusão nasce também fadada ao fracasso, os jovens encontram-se em situações piores ou equivalentes a de seus pais perante um lugar social de provedor mitificado, quase em extinção. Essa fantasia de se tornar o exemplo, o provedor, o salvador, nos parece irmã da tentativa de inclusão no mundo do crime.

Tai Castilho é Fonoaudióloga e terapeuta familiar. Pós graduada em psicolinguística (Unicamp) e Fundamentos da Psicanálise na Clínica e na Cultura (Clasi). Especialista em psicoterapia relacional-sistêmica (família, casal), em Roma. Mestre em Psicologia Social – PUCSP e fundadora e membro da equipe de coordenação do Instituto de Terapia Familiar de São Paulo.

Referências Bibliográficas

- Andolfi, Maurizio; Mascellani Anna – *Storie di Adolescenza* Raffaello Cortina Editore, Milano, 2010
Fantini, João Angelo: *Imagens do pai no cinema* – Edufscar, São Carlos, 2009
Rosa, Miriam Debieux: *Histórias que não se contam* – Casa do Psicólogo, 2ª edição-São Paulo, 2009
Castilho, Tai (Maria Luiza) – *Memória, História e Transmissão: uma família que se conta* – Mestrado em Psicologia Social, PUCSP 2010
Souza, Paulo Fernando P. – *Homens invisíveis: identidades de homens atendidos pelas políticas sociais de atenção às famílias em situação de vulnerabilidade social* – Mestrado em Psicologia Social, PUCSP 2009

O Vento e a Biruta

Invisível, o ar em movimento varia em intensidade.

Sua voz é um sussurro na brisa ou um grito no tufão.

Penetrante, o vento invade as frestas e envolve os corpos. Carrega em seu percurso pólenes que fertilizam à distância.

Símbolo de eficácia e simplicidade, a biruta é o instrumento definitivo quando se pergunta de onde o vento sopra.

Templo da revolução cibernética, o aeroporto de Tóquio não a dispensa. Magnânima, lá está. Um pedaço de pano em forma de coador de café em um aro de ferro: A biruta.

Corporificar o vento é sua alma.

Expressar suas infinitas direções, sua arte.

Ela, a arte, oferece gostosamente ao sujeito a possibilidade de novas experiências consigo mesmo. Ouvir diferente o tom da própria voz num jogo cênico de um fragmento de Macbeth, na oficina de teatro. O arrepio na espinha que dá quando se chega à poesia que encaixa perfeito na melodia de um rap, quando a oficina é de música. Ou uma respiração cheia de graça quando se integra à consciência um novo encadeamento de ideias, inédito - pensamentos que se unem para ampliar uma nova consciência sobre o corpo, o amor ou a liberdade - se estamos num grupo de filosofia.

A arte de viver depende da arte.

Funciona como a biruta. Torna visível o invisível, que até então, para a economia psíquica do sujeito, é como se nunca tivera existido. E que, subitamente, passa a integrar a cristaleira, arquivos ou almoxarifado de experiências, vividas no real, e que se misturam com tudo aquilo que já se tinha como identidade. Uma feérica alquimia.

Fée, em francês, significa fada. A mistura produz um encantamento. A experiência lisérgica do novo encontro consigo mesmo. E, por contiguidade, a necessidade, mais do que a possibilidade, de produção de novos encontros com o outro. O pai, a mãe, o filho, a comunidade, o educador, o amigo do grupo, a natureza, o sentimento do outro. O sentimento do mundo. O ressentimento também.

Essa é a contabilidade eterna entre as contradições, ambiguidades e paradoxos da condição humana. Do âmbito mais íntimo e singular do sujeito, ao mais universal. Do ético ao político.

A citação que segue é uma homenagem ao garoto anônimo, vivendo na Fundação Casa. Ele mostra o próprio rosto - e o rosto da civilização - de uma forma simples como a biruta. Sua fissura não é pela droga, que ele

usava no mundo, sua fissura é pela liberdade. Ao menos daquela que se refere ao seu direito de ir e vir, porque aquela do pensamento, das idéias e do sentimento está aí preservada:

“Pra que serve tudo isso? É criatividade, pra você usar a imaginação. Serve pra você se identificar com algum desses cursos pra você desenvolver o seu eu. Às vezes você pode ouvir, falar da cultura e da arte e ficar meio que, “esse negócio é chato”, só que você vai se desenvolvendo com o professor e aí você vai achando que é totalmente diferente quando consegue achar a calma num quadro que você está pintando, na música você consegue desenvolver umas caminhadas.

Então é uma forma de se expressar, tirar as mágoas. Quando eu estou bravo eu faço música. Através do teatro cada dia você é uma pessoa, você faz uma pessoa diferente, cada dia você tem que ser uma pessoa mais e mais alegre, divertida, não fica na mesma rotina de ser uma pessoa mal humorada. E se eu tiver focado no desenho, é no desenho que eu foco, é ali que vai toda a minha sabedoria, a mente vai longe, é muita coisa boa, eu não consigo nem explicar porque você imagina o grafite e faz.

Então eu ia falar que serve pra passar como eu sinto, ali me expressando pelos quadros ou pelas coisas como música, serve para as pessoas entenderem e compreenderem o que eu quis dizer, o que eu quis expressar com aquilo, o que aquilo vem trazer de bom pra mim. É isso que eu tento passar pras pessoas e é pra isso que serve.”

Aquilo que está em jogo é o encontro tenso e intenso de alguém consigo mesmo, e ser o narrador da própria história é vital para se sentir razoavelmente confortável dentro do próprio corpo.

De corpo e alma.

Nesse encontro, que também é um reencontro, apropria-se o sujeito de seu amor próprio, mãe e pai de todos os amores.

Matéria prima da narrativa do sujeito, como ser autônomo, único, absolutamente singular, que fia com uma linha que não separa, aliena nem esquarteja, mas alinha, define e protege.

Auro Danny Lescher é Psiquiatra da UNIFESP, Psicoterapeuta e Coordenador do Projeto Quixote.

Escolhas, direitos e deveres: A relação entre adolescência, medidas socioeducativas e as drogas

A adolescência é um período peculiar na vida do indivíduo. É uma fase marcada por escolhas de identidades e papéis, e em que se encontra em pleno desenvolvimento neurocognitivo - elemento da maturação biológica que possui importante papel na tomada de decisões, no bem-estar emocional e no comportamento. Paralelamente, também é um momento propício para uma maior exposição a novidades e oportunidades, implicando-o a fazer escolhas que definirão o rumo de sua vida.

Ser jovem, por si só, não é uma tarefa fácil; para aqueles em cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade, esta parece ser uma tarefa ainda mais desafiadora. A partir dos resultados do Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais, realizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) em parceria com a Fundação Casa (FC), é possível observar que, não pouco frequente, as drogas são parte do cotidiano destes jovens e acabam sendo a escolha de muitos deles – ou seria a falta dela? Neste sentido, a droga pode desempenhar diferentes papéis: provedora de recursos financeiros (dinheiro do tráfico), suprir a falta de opções de lazer, para sentir-se parte de um determinado grupo, para amenizar angústias e desprazeres decorrentes de possíveis condições em que estão inseridos.

Esta realidade é consistente com relatório divulgado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2012, o qual constatou que, entre julho de 2010 e outubro de 2011, aproximadamente 75% dos adolescentes brasileiros em cumprimento de medida de privação de liberdade afirmaram fazer uso de entorpecentes. Ainda, especificamente na região Sudeste, o tráfico de drogas foi o segundo ato infracional mais praticados entre os jovens (32% dos casos), perdendo apenas para os atos contra o patrimônio (preponderantemente roubo), que totalizam 40% dos motivos de internação.

Dados como os expostos acima são alarmantes. É bem estabelecido na literatura médica e científica que, além de maior exposição a comportamentos de risco (violência, sexo desprotegido, acidentes), quanto mais precoce o uso de álcool e outras drogas, maior será o risco de desenvolvi-

mento de problemas associados, incluindo a dependência.

Felizmente, o Brasil tem avançado nos últimos anos em matéria de prevenção e educação; no entanto, apenas um trabalho em conjunto poderá aproximar-nos de uma solução eficaz para este problema. O referido Projeto certamente é peça fundamental deste extenso quebra-cabeça, pois além de garantir os direitos de educação, cultura, esporte, saúde, ainda propicia um espaço de reflexão para jovens que frequentemente encontram-se descrentes de si e da vida.

Ademais, é interessante notar que as palavras “futuro” e “esperança” apareceram constantemente nas entrelinhas dos relatos. Esta parece ser a forma de que os jovens têm para reforçar que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), cabe a nós - família, comunidade, poder público e sociedade – assegurar a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Mais além, pode ser um pedido para que estejamos preparados para recebê-los e auxiliá-los a traçar um futuro com escolhas sóbrias, a fim de que retornem ao “mundão” de forma diferente de quando se ausentaram.

Fonte:

Conselho Nacional de Justiça - CNJ (2012). Panorama Nacional - A Execução das Medidas Socioeducativas de Internação: Programa Justiça ao Jovem.

Arthur Guerra de Andrade é Graduado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Fundação do ABC e Doutorado em Psiquiatria pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Pós-doutorado na School of Public Health, Johns Hopkins University (EUA), Fullbright Commission. Livre-docência pelo Departamento de Psiquiatria da FMUSP. Atualmente é Professor Titular de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Medicina do ABC, Professor Associado do Departamento de Psiquiatria da FMUSP, Coordenador do Programa do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas (GRE-IPqFMUSP), Presidente Executivo do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA) e Vice-Presidente do International Council on Alcohol and Addictions (ICAA).

Marcas na passagem pela Fundação CASA

“o que há de mais singular numa experiência, e sua expressão, produz ressonâncias com outros acontecimentos e dispara a criação de mundos” (Aragon, L. Lima, E, 2010, p. 145)

Acorda, arruma o quarto, vai pro banheiro, toma café, vai pra escola, toma lanche, volta pra aula, almoça, descansa, vai pra oficina, toma lanche, toma banho, janta, vê TV, dorme. Acorda, arruma o quarto, vai pro banheiro, toma café, vai pra escola, toma lanche, volta pra aula, almoça, descansa, vai pra oficina, toma lanche, toma banho, janta, vê TV, dorme. Acorda, arruma o quarto, vai pro banheiro, toma café, vai pra escola, toma lanche, volta pra aula, almoça, descansa, vai pra oficina, toma lanche, toma banho, janta, vê TV, dorme. : “Aqui é bom pra pensar no que fiz de errado. Eu quero estudar, trabalhar, formar família, ter minha casa”.

O trajeto começou ao meio dia e foi marcado por congestionamento, cidade parada na chuva, estrada, rodoanel e, depois de hora e meia, árvores, ninho de João de barro, linha de trem, pontes em construção, ladeira a pé – tinha esquecido como os centros de internação eram longe. Muros altos, arame farpado, paredes bege, telhados amarelos. Chego, pela primeira, vez depois de seis anos, nas unidades pequenas da Fundação CASA, agora chamadas de Centros de Internação. Sou do tempo dos grandes complexos, não conhecia o novo formato.

Na chegada, um frio na barriga e a mesma sensação de intimidação das primeiras entradas: ficar longe desse mundo produziu, em mim, julgamentos e preconceitos. Mas bastou uma aproximação, um “salve”, um “boa tarde, senhora” e um jogo de dominó, pra dar aquela vontade de me aproximar, sentar ao lado e puxar uma conversa, qualquer conversa, que vira outra, e outra e outra. Que vontade... Estive, há cerca de um ano, em alguns centros de internação para entrevistar adolescentes autores de ato infracional que participam das Oficinas de Arte e Cultura oferecidas pelo Cenpec. Assim se deu minha primeira passagem na Fundação CASA.

Há 14 anos, entrei em um pátio pela primeira vez, para oferecer plantão psicológico na Unidade da Raposo Tavares, prática que me constituiu psicóloga, me marcou e me transformou profundamente. Frequentei semanalmente as Unidades Raposo, Tatuapé e Pirituba, com diferentes moda-

lidades de atenção psicológica que deram origem a um mestrado: “Seguro na FEBEM-SP: universo moral e relações de poder entre adolescentes internos”. O mestrado foi marcado por indignação: no contato com as Unidades de Internação, saltava aos olhos a uniformização dos gestos e comportamentos, a semelhança física entre os internos por conta do mesmo corte de cabelo e do uso dos mesmos trajes, o regime disciplinar, com os horários e sequências de atividades pré-estabelecidos, a vigilância permanente. A privação de liberdade estava claramente associada a práticas autoritárias, institucionalização e à padronização de comportamentos. Era notável, estudado, reafirmado por diferentes autores que o processo de isolamento e internação só institucionaliza, retira do mundo. Eficaz para que, então?

Quando parei de trabalhar com atendimento nas unidades de internação, o SINASE estava em discussão, colocando em jogo um campo de forças marcado por uma aposta no novo (prédios menores, melhor atenção, diretrizes pedagógicas mais interessantes) e a repetição do instituído (disciplinarização, controle e violência). A entrada nesses novos centros não foi suficiente para que eu pudesse conhecê-los e detectar, com clareza, semelhanças e diferenças. Mas conhecer as Oficinas de Artes pelas falas dos adolescentes me mostrou outros possíveis em um lugar tão institucionalizado.

Os meninos logo dizem: “é a alegria, a pessoa poder expor a alegria”. Ou: “oficina é você se expressar quando você tiver muito afrito, muito bravo, você dançar pra você esquecer, relaxar o corpo, se jogar”. O que é sentir-se alegre em privação de liberdade? O que é poder se expor verdadeiramente nesse contexto? Como é possível relaxar com tanta necessidade de controle? O encontro com a arte quer dizer, pra começo de conversa, a oferta da diversidade de linguagens para expressão, a possibilidade de entrar em contato consigo mesmo e dizer-se, mostrar-se. Experimentar dança, hip hop e capoeira, produz, no mínimo, um estranhamento do próprio corpo institucionalizado, dos movimentos formatados pelo hábito cotidiano. Produzir uma música ou poesia reativa a criatividade, lembra a existência do sonho. E sonho é vida.

Em meio a outros 40 adolescentes, fazendo as atividades em um mesmo espaço físico, vestindo as roupas da instituição - ou seja, ficando “parecidos” uns com os outros, há a produção de um anonimato. Uma oficina que você escolhe participar e que te oferece a possibilidade de expressão é uma intervenção: “(é para) não ficar só de mente vazia dentro de uma unidade”, “você escolhe no papel, você escolhe o melhor que você gostar,

aí você faz”, “serve pra que você possa esquecer um pouco os problemas; porque nós estamos numa situação um pouco difícil”.

Aparentemente, algumas coisas estão como sempre foram. Os jovens, ao se referirem às oficinas, não se esquecem de nos dizer que “serve para o juiz pensar que você está fazendo alguma coisa, que você está estudando, que você está fazendo uns cursos”. Lembrar que as diretrizes que pautam a medida socioeducativa dizem de estudar, trabalhar, deixar de cometer atos infracionais, ter os documentos em dia para garantir sua cidadania. E os meios para isso ainda incluem um sistema de relatórios avaliativos permanentes que dizem do comportamento deles nos centros de internação. Mas é a partir disso que trabalhamos... ou seja, é nesse instituído que, nas oficinas, podemos construir alguma abertura.

É nessa multidão de adolescentes que as oficinas mostram, enquanto oferta de expressão, que há muito a ser dito, que nem tudo foi determinado, que as histórias singulares importam, que as escolhas individuais têm lugar, que nem todo mundo precisa fazer as mesmas coisas, que não há somente soluções universais. Segundo eles, as oficinas são um espaço “pra você se identificar”, “passar a forma de vida que aconteceu comigo, eu posso passar para o outro em forma de desenho, numa forma de expressão de escritura e assim diversas formas de arte e cultura”.

Se narrar-se é construir sentido para sua própria vida e história e a oferta de uma escuta atenta e aberta pode produzir elaboração, as oficinas são únicas: momentos em que adolescentes contam de si e, assim, testemunhados por um educador e pelos seus colegas, se abrem para outros possíveis: “mesmo que é de ruim, tipo tudo o que você tem de ruim você colocar num desenho lindo que você está fazendo”. E ao vitalizar novamente e provocar deslocamentos no modo de estar no mundo, trazer de volta o sonho. As oficinas trazem um novo repertório: “talvez isso possa entrar na cabeça de um menino como uma nova perspectiva de vida, como um novo caminho que ele possa seguir”, já que as produções de arte são “uma coisa que você faz e que todo mundo admira”.

Pouco conheci das novas ações nos centros de internação da Fundação CASA. O que conheço das Oficinas de Arte é o que os adolescentes nos disseram. E, segundo eles, tem sido um momento de encontro, troca, escuta atenta, elaboração, escolha e participação. Embora o entorno não seja neutro, muito de beleza e potência surge em meio àquelas paredes beges e grades amarelas. Mesmo que muitas das atividades ainda sejam padronizadas, os uniformes sejam iguais para todos e o ambiente seja controlado, alguma singularização aparece em cada obra. Anos depois, no reencon-

tro com a privação de liberdade a adolescentes autores de ato infracional, vejo-me frente a uma Fundação CASA com características de instituição total, mas, ao mesmo tempo, com brechas para oficinas de arte. Algo mudou? Precitaria me aproximar mais para saber. O que os adolescentes dizem é que há potência nas oficinas. E há.

Inspirações

- Aragon, L.; Lima, E. (2010) – *Agenciamento Coletivo de Clínica: conceitos se fazendo nos encontros – em: Subjetividade contemporânea – desafios teóricos e metodológicos - 1 a. ed.* – Editora CRV

- Barreto, C. (2008) *A invenção de um encontro - Vozes e olhares: uma geração nas cidades em conflito* — São Paulo: Fundação Telefônica

- <http://contrafilenachapada.blogspot.com.br/>

- <http://daviscceralidade.wordpress.com>

- <http://caosmose.net/suebyrolnik>

Natália Noguchi é Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP com dissertação intitulada “Seguro na FEBEM-SP: universo moral e relações de poder entre adolescentes internos”, já atuou em ONGs como a AMAR (Associação de Mães e Amigos da Criança e do Adolescente em Risco) e Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária). Co-autora de publicações como “Em defesa do adolescente: protagonismos das famílias na defesa dos direitos dos adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas” e “Vozes e Olhares - uma geração nas cidades em conflito”. Atualmente, presta consultoria em projetos governamentais e para fundações.

Segundo o dicionário Houaiss, Identidade é um substantivo feminino que significa “Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa (nome, idade, sexo, estado civil, filiação etc.) Identidade pessoal, consciência que alguém tem de si mesmo”. Com outras palavras, podemos dizer que é a essência de cada ser humano, a forma como as características se combinam tornando-o único.

Na adolescência, a construção de uma identidade está a todo vapor, o desejo de encontrar uma nova forma de ser, transformando a identidade infantil com ideais adultos perpassa por conflitos, dúvidas, erros e sucessos vivenciados. Interessante é pensar e, mais ainda, presenciar, como tal construção se dá em um ambiente de internação, o qual, por sua própria finalidade é restritivo. Encontrar-se ou reconhecer-se na adolescência, diante de circunstâncias tão peculiares, muitas vezes após buscar a violência como uma desejada forma de poder, parece uma tarefa tão difícil...

Contudo, conforme exposto nos relatos dos adolescentes, seus históricos de vida, seus gostos (ou desgostos), e suas características mais pessoais se escancaram também no âmbito das relações na Fundação CASA. As atividades artísticas, esportivas, educacionais, religiosas bem como as relações interpessoais, em todas as suas variáveis, os possibilitam reconhecer seus interesses, expor seus medos, desejos, ansiedades... Por esta razão, a importância de espaços educativos, que favoreçam a prática da linguagem corporal, da palavra, da arte e da cultura, da possibilidade de se expor e de se redescobrir, desvelando talentos, essências e desenvolvendo a subjetividade.

Segundo Antonio Carlos Gomes da Costa (2006): “Quando o jovem tem autoconfiança, ele olha o futuro sem medo e, ao fazê-lo, surge em sua mente uma visão das coisas que ainda não aconteceram em sua vida, mas que podem acontecer.” Este é o caminho para o protagonismo juvenil, ampliando e qualificando a participação do adolescente no processo individual e social, desenvolvendo sua solidariedade, possibilitando-lhe atuar como fonte de iniciativa, escolhas e reconhecendo as responsabilidades advindas das mesmas.

A construção da identidade é contraditória, se pensarmos que esta aponta para uma ideia de permanência e, ao mesmo tempo, de transformação. Esta é a beleza exposta neste Projeto; o olhar dos adolescentes para ‘quem eu sou e quem eu posso ser¹, a constatação de que a construção de si mesmo ocorre em qualquer local e circunstância.

1. Socioeducação: Estrutura e Funcionamento da Comunidade Educativa / Coordenação técnica Antonio Carlos Gomes da Costa. -- Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

E a nós, profissionais, que já realizamos nossas escolhas, cabe a necessidade de repensar em nosso dia a dia, o nosso papel de educador, mediador e a interferência e colaboração do trabalho com identidade na formação de cada adolescente, assim como na formação da identidade do profissional que desejamos ou podemos ser.

Renata Vasconcelos da Mata Machado é formada em Psicologia com ênfase na educação pela PUC- Minas, servidora pública na Fundação CASA há 10 anos. Atualmente, exerce a função de Encarregada Técnica na CASA Cedro – Raposo Tavares.

O exercício realizado é um excelente modo de visualização de algumas das principais e fundamentais diferenças entre a pena e a medida socioeducativa.

A pena não tem como sua principal finalidade a recuperação do transgressor, mas sim a cobrança de uma dívida que ele passou a ter com a sociedade e que é executada pelo Estado.

Já a medida socioeducativa tem por seu maior objetivo a socialização ou ressocialização do infrator, considerado como pessoa em desenvolvimento, que, por presunção legal, ainda não recebeu da família, da sociedade e do Estado todos os ensinamentos e os encaminhamentos necessários para poder responder sozinho por seus atos.

Portanto, a medida socioeducativa é um direito do adolescente infrator e um dever do Estado, da sociedade e da família, que passam a ser obrigados a disponibilizar, com prioridade absoluta, todos os meios necessários para que o jovem possa retomar o seu processo socializador e o seu desenvolvimento como pessoa.

Na medida socioeducativa a privação da liberdade e a restrição de direitos só são admitidas com finalidade pedagógica e para permitir o exercício de outros direitos como o de ter uma vida longa, digna e saudável; direito de descoberta do conhecimento, da sabedoria e dos valores que promovem o amadurecimento e a evolução das pessoas e, especialmente, dar ao infrator, efetivamente, o direito de escolha de futuro.

A arte e a cultura permitem que o jovem passe a se conhecer melhor, vendo quais são as suas maiores habilidades, capacidades e talentos especiais, além de promover a abertura de campos de convivência e aceitação, diversos do tráfico de drogas na comunidade e outros submundos da sociedade.

Ao estimular o jovem a ter uma entrevista ou encontro com ele mesmo e fazer uma autoanálise, cria-se a oportunidade para atingir aquilo que considero o grande objetivo da medida socioeducativa e do processo socializador de qualquer pessoa, ou seja, prepará-la para um verdadeiro “nascimento”.

Para a família, a sociedade e o Estado, a pessoa nasce no momento do parto, mas, para cada um de nós, o momento de seu nascimento é outro.

Uma das frases que traz essa valiosa lição é dita no filme “Meu nome não é Johnny” pela personagem da atriz Cássia Kiss, que faz uma Juíza de Direito do Estado do Rio de Janeiro.

Em uma carta endereçada ao rapaz que ela teve de condenar, escreveu algo como: “O verdadeiro momento do nascimento é aquele em que lançamos, pela primeira vez, um olhar inteligente sobre nós mesmos”.

Raul Khairallah de Oliveira Silva é Juiz Titular da 4ª Vara Especial da Infância e Juventude da Capital/SP e Diretor do Fórum do Brás que abriga as quatro Varas Especiais da Infância e da Juventude da capital e o Departamento de Execuções de Medidas Socioeducativas - DEIJ; membro da Coordenadoria da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo; representante do Estado de São Paulo no FONAJUV – Fórum Nacional da Justiça Juvenil.

A Voz dos Educadores

A maioria gosta das oficinas para passar o tempo, é o que tem de melhor naquele ambiente (distração). Dentro de um lugar onde as condições para “pensar/criar” possam parecer ruins, eu vejo como um dos poucos lugares onde eles vão realmente querer fazer isso. Na rua, vai haver diversas outras coisas a se fazer que recebam um maior incentivo, ou seja, não há um investimento que realmente alcance as vielas e quebradas da periferia (lugar de origem da maioria ali), para falar de arte cultura. Algo contraditório na nossa visão. Quando o jovem perde sua liberdade ele se depara com um mínimo de arte, na rua ou no mundão não há um incentivo.

Onde realmente deveria haver esse tal incentivo?

Killboy, Frenesi e Lopá

A leitura das respostas dos adolescentes sobre as oficinas culturais despertou em nosso grupo reflexões que até então não havíamos percebido, pelo menos não da maneira coletiva.

Frases que destacamos: “distrair a mente”, “ocupar o tempo”, “Lá fora eu sabia que havia capoeira, mas artes plásticas não”, “lá fora não tive oportunidade”(de fazer arte e cultura).

Em nossa discussão, entre muitas contribuições, o Marcos falou que tinha uma necessidade de se reinventar o tempo todo, como um recurso de suprir a necessidade não só dos adolescentes, mas a própria necessidade de não tornar as oficinas como um curso com parâmetros fixos, considerando sempre a liberdade de exercer as atividades de maneira leve e construtiva.

Bruno Trevisan, Sidney Santos, Rodrigo Pirituba, Marquinho Dikuã

Nós educadores tentamos mostrar para os jovens que as oficinas de arte e cultura vão muito além de um espaço de distração ou de ensinar um ofício. Tem o objetivo de mostrar a ele que a oficina é como um laboratório de experimentação e auto descobrimento. Numa oficina de palavras, por exemplo, mesmo que ele não se torne um MC de sucesso, ele pode

praticar novas formas de se comunicar com o mundo, aprendendo a se expressar, ampliando o seu vocabulário e repertório, ampliando sua visão do mundo.

Na capoeira e dança de rua, eles descobrem quais são seus limites corporais: através de alongamento, treinos de movimentos básicos, até mesmo os mais difíceis, fazendo com que assim tomem gosto pelo cultivo ao corpo através da arte.

Mestre Carangueijo, Maionezj, Pedro Cabelo e Faisca

Aqui vimos a dificuldade dos adolescentes em identificar a cultura. O que chamou atenção foi a cultura como profissão; ela proporciona outras oportunidades de aprendizagem e possibilidades sobre a linguagem.

Artes-plásticas: que é uma forma melhor de expressão e uma forma mais clara juntamente com a dança. Também vem para tirar toda tensão.

Fabio Zóio, Alexandre Rocha, André Fújão, Alexandre Silva

Legal o reconhecimento e as impressões que o arte-educador passa a absorção de informações. Interessante a visão de mudança que o adolescente tem. Educadores que orientam para a busca por oficinas semelhantes no mundão relatam que isso é uma realidade. O trabalho desenvolvido não foi/é em vão. A noção de cultura e arte é ampliada somente lá dentro. Porque lá fora ele (o adolescente) não teve oportunidade de conhecimento. Várias percepções de cultura, porém o conhecimento de várias expressões não é expressado e respeitado a sua afinidade com a linguagem. A troca de respeito e a comparação com parente causa estranhamento, e também gratificação. Interessante a busca de outros valores além da linguagem oferecida.

Oscar, André J., Crione, Pererê, Thiago Gafanhoto, Mestre Julião, Ceará

Ser arte educador é restabelecer o contato artístico (através da arte); ampliar repertório artístico e cultural; provocar sensações através da arte como terapia, ampliando seus repertórios. Os meninos acham que arte e cultura têm a função de distrair a mente e sempre relacionam a arte e cultura com o educador. Falam que ocupa o tempo, havendo também alguns

que tiveram contato com esse processo apenas na própria instituição. Outros encaram a coisa como um processo profissionalizante.

André, Edilsom, Jeferson, Joyce

Nunca foi diferente, dentro ou fora da Fundação, a visão sobre a arte: não tem função como cultura e sim como lazer. Percebemos que lá dentro nossas oficinas têm como papel relaxar, distrair etc. Porém, como também concluímos, a arte que nos é essencial tem para nossos meninos e meninas o papel de libertar, provocar. Compartilhamos o nosso aprendizado na função de sensibilizar o adolescente. Também vemos que o que aplicamos, ou seja, nossa injeção de cultura, precisa de tempo para atingir determinadas veias. Nosso “veneno” às vezes, serve apenas como um relaxante; é fora de lá, com o tempo, que esse “veneno” se faz essencial, para o adolescente que enxerga em nós a sua capacidade de ser, de ter, de compartilhar cultura.

Denilson, Caçapava, Chai, Vitor, Luciene, Cleide, Edu Carriel

A minha experiência como arte educadora foi muito rica, justamente porque vivi o outro lado. Hoje como educadora, não como interna, o legal de tudo isso é que os adolescentes se identificam muito comigo e com o meu trabalho, pois a nossa linguagem é a música, e a música toca a alma. Tocando a alma eles se expressam com mais leveza. E até parece que, por alguns momentos, eles nem estavam presos e sim livres por cada nota musical, cada expressar, cada poesia e cada som do coração... Pena que as oficinas são curtas, mas os momentos que conseguimos estar juntos, desenvolvendo as oficinas de comunicação e expressão, ali, os adolescentes se expressam e se lapidam a cada encontro. Eu também me lapido com eles. A voz dos adolescentes nos revelam o quanto eles valorizam essa experiência Cultural.

Esmeralda Ortiz

Créditos

Créditos da Pesquisa

Coordenação: Ana Maria Cavalcanti Lefevre, Daniela Schoeps
Fernando Lefevre e Rodrigo Bueno

Grupo de pesquisa: Ana Maria Cavalcanti Lefevre, Daniela Schoeps
Fernando Lefevre, Francisca Izabel Lima, Jonaedson Bandeira
José Paulo e Rodrigo Bueno

Coordenação de Campo: Thiago Pereira Tavares

Entrevistadores: Ana Luiza Mendes Borges, Daniela Schoeps,
Débora R. Beraldo, Esdras Soares da Silva, Evandro Braga Teodoro,
Francisca Izabel Lima, Jonaedson Bandeira, José Paulo, Karen
Mainardes Knor, Natalia Felix de Carvalho Noguchi, Renan Teixeira
de Oliveira e Thiago Pereira Tavares

Créditos da Publicação

Concepção Editorial: Célia Pecci, Daniela Schoeps, Rodrigo Bueno

Projeto Gráfico e Ilustrações: Rodrigo Bueno

Revisão: Marco Antônio Pires de Jesus, Esdras Soares da Silva

Apoio: Ivana Boal e Alba Cerdeira Rodrigues

Projeto Educação com Arte

Coordenadora do Projeto: Daniela Schoeps

Coordenadores Regionais: Edson Pelicer, Francisca Izabel Lima,
Jonaedson Bandeira, José Paulo e Rodrigo Bueno

Monitoramento e Avaliação: Thiago Pereira Tavares

Formadores: Maria Zeneide Monteiro, Clara Prado Cecchini

Apoio Administrativo: José Welington Berti, Marco Garcia,
Luma Lopes, Gisele Amorin, Roberta Caggiano, Nathalia Dantas,
Vanessa Tudda, Viviane Silva

Estagiário: Renan Teixeira de Oliveira

Arte educadores do Projeto Educação com Arte (2008/2014)

Alberto Alves Barbosa
Aledyson Marques
Alexandra aparecida da Silva Bastos
Alexandre da Rocha Oliveira
Alexandre da Silva Oliveira
Alexandre Greggi
Alexandre Hideki
Aloizio Ezequiel
Amilton Adriano dos Santos
Anderson Felisberto
Anderson Luiz Romão
Anderson Oliveira Silva
André Felisberto Lopes
André Juscélio de Lima
André Luis Barbosa Martins
André Luis Pereira
André Luis Rodrigues
André Luiz Raimundo
André Ricardo Almeida
André Rogério Aren
Angelo Garrazedo
Aninha Almeida Prado
Anna Carolina Vieira Santos
Breno Vinícius Rezende Vieira
Bruno Iyda Saggese
Bruno Trevisan Cardoso
Caio Aquino Duarte
Carolina de Aquino Ferreira
Cássio Guimarães Franco
Cesar Teixeira
Chaiane Ezequiel da Silva
Claudemir Batista de Oliveira Junior
Cleide Acelina

Daniel de Oliveira Júnior
Deivison Maurício
Denilson de Oliveira
Diogo Noventa
Douglas dos Santos Alves
Douglas Okura
Edilson Andreozzi Mesquita
Edilson Cruz da Silva
Edson Herculano
Edson Pelicer
Edson Silva Gomes
Eduardo Carriel
Eduardo Piassa
Edvan Soares Vieira
Érico Hermes
Erotildes Mendes Costa Filho (Mestre Oro)
Esmeralda Ortiz
Estênio Naum Marad Arantes
Everson Lopes
Fabiano dos Santos Ramos
Fábio Aguiar
Fábio Brendolan
Fábio César Pereira
Fábio Mallart
Flaila Aparecida de Souza Demetrio
Francisco Fábio Umbelino
Gabriela Passos Alves
Genessi Bezerra da Silva
Geovaldo José de Jesus
Gesiel Sanches
Guilherme Kikute
Hugo Henrique Almeida Grabow
Hugo Perucci
Isabella Fernanda dos Santos
Izabel Lima
Jefferson de Assis Fleming
Jefferson de Souza Silva Oliveira

João Eduardo Miranda Lopes
Jonaedson Bandeira Amaro
Jordana Dolores
Jorge Luciano
Jorge Messias Araújo
José Carlos da Silva (Carlos Caçapava)
José Paulo (P.MC)
Joyce Cristina Sanches
Julia Indira Peixoto
Juliane Macedo
Julio César Cândido Pontes
Julio Schaeffer
Laura Costa
Leide F. Gomes da Silva
Lenilson Pereira Rodrigues)
Luciana Portela
Luciano Batista dos Santos
Luciano Dimis da Silva
Luciene Aguiar
Luis Felipe Volpi Branco
Marcelo Almeida Alcantara
Marcio Custódio de Oliveira
Marcos Antônio Pitonbo
Marcos Rogerio de Sousa
Marina Wisnik
Melissa Branco
Moises Patricio
Oscar Matella Filho
Osiel Nascimento
Paulo Henrique Campos
Paulo Henrique de Almeida
Pedro Willian Pimentel
Priscila Santos Martins
Rafael Campos Barboni
Rafael Diego de Serrão Moralez
Rafael Ferreira da Silva
Raphael Escobar

Ricardo Tavares
Ricardo Tavares Lopes da Silva
Ridson Mariano Paixão
Robson Solon
Rodrigo Bueno
Rodrigo Ferreira Coelho
Rodrigo Santos Souza
Rodrigo Souza Caldas
Rodrigo Toqueiro da Fraga
Rogério de Souza Lima
Ronivon Nascimento dos Santos
Salvador Raul Fenocchiario
Sandro Medeiros
Sandro Medeiros Gouveia
Sérgio Miguel Franco
Sidney Silva
Thais Leite Dias
Thais Reis Martins
Thaisa Arruda Alcantara Monteiro
Thiago Andrade Sodré
Thiago Calixto
Valério Junior dos Santos
Vinicius da Matta
Vinícius Damico Ribeiro
Vitor Tavares
Weder Mendes Cunha
Wellington Araujo Malaquias dos Santos
Wellington Estevão Teixeira
Wellington Ferreira de Lima
Wilson Tonon Lazarini
Worney Almeida
Yara Amaral Gurgel

Agradecimentos especiais

Muitas pessoas fazem parte deste trabalho, pela colaboração direta de esforços que, somados, resulta neste livro.

Nossos agradecimentos especiais aos gestores e funcionários da Fundação Casa que abraçaram a idéia e favoreceram a realização da pesquisa in loco com os Meninos:

A Ana Luiza Mendes Borges e Evandro Braga Teodoro que contribuíram para a discussão inicial do estudo e junto com eles, a Débora R. Beraldo, Karen Mainardes Knor, e Nathalia Felix de Carvalho Noguchi que disponibilizaram um pouquinho do seu tempo e colaboraram para a realização das entrevistas nos Centros.

Ao Edson Pelicer e Sidney Santos, da equipe do projeto, pela inspiração para as ilustrações.

Aos autores dos textos do capítulo “Outras Palavras” que gentilmente toparam comentar os discursos coletivos dos meninos contribuindo para diversidade de enfoques apresentada nesta publicação.: Adriana Giraldi Nery, Alexandre Isaac, Ana Maria da Silva, Antonio Eleilson Leite, Arthur Guerra, Auro Danny Lescher, Clara Prado, Cláudia Petri, Eduardo Dias S. Ferreira, Elba Siqueira Sa Barretto, Giuliano Tierno de Siqueira, Lavínia Magiolino, Maria do Carmo Brant de Carvalho, Maria de Saete Silva, Maria Zeneide Monteiro, Mário Volpi, Monge Marcelo Barros, Natália Noguchi, Paula Magila, Raul Khairallah de Oliveira Silva, Reinaldo Cintra Torres de Carvalho, Renata Vasconcelos da Mata Machado, Rodrigo Medeiros, Sydney Cincotto Junior, Tai Castilho, Wagner A. Santos, Wellington do Carmo Medeiros de Araújo

Fundação CASA

Presidente: Berenice Maria Giannella

Diretora Técnica: Maria Eli Colloca Bruno

Superintendente Pedagógica: Marisa Fortunato

Gerente de Arte e Cultura: Carmen Silvia Cintra Torres de Carvalho (gerente até Jul/2013)

Wellington do Carmo Medeiros de Araújo (gerente atual)

Técnicas da Gerência de Arte e Cultura: Cláudia Renata Sabbatini, Flaviana Bellini Nogueira de Oliveira, Maria Lúcia Prado Suzuki, Denise Gama Pires Manoel, Ana Regina Lambert

Administrativo: João Batista Amaral Pavan

Divisões Regionais Metropolitanas: Brás (DRM III), Franco da Rocha (DRM I) e Raposo Tavares (DRM IV)

Cenpec

Presidente do Conselho de Administração: Maria Alice Setúbal

Superintendente: Anna Helena Altenfelder

Coordenadora Técnica: Maria Amábile Mansutti

Coordenadora Administrativa Financeira: Íris Céspedes de Souza

Gerente de Projetos Locais: Claudia Petri



